

**Shirley de Souza Gomes Carreira
Paulo César Silva de Oliveira
(Organizadores)**

**Cadernos de Literatura e
Diversidade**

12

Poéticas
da diversidade

UERJ

Shirley de Souza Gomes Carreira

Paulo Cesar Silva de Oliveira

(Organizadores)

Cadernos de Literatura e Diversidade

12

Poéticas
da diversidade

UERJ

São Gonçalo, RJ – 2025



REITORA

Gulnar Azevedo e Silva

VICE-REITOR

Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues

SELO EDITORIAL

POÉTICAS DA DIVERSIDADE-UERJ

CONSELHO EDITORIAL

Cláudio do Carmo Gonçalves (UNEB)

Daniele Ribeiro Fortuna (UNIGRANRIO)

Douglas Rodrigues da Conceição (UEPA)

Fabianna Simão Bellizzi Carneiro (UFG)

Luciano Prado da Silva (UFRJ)

Luiz Manoel da Silva Oliveira (UFSJ)

Sílvio César dos Santos Alves (UEL)

Ximena Antonia Díaz Merino (UFRRJ)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Shirley de Souza Gomes Carreira (UERJ)

Paulo Cesar Silva de Oliveira (UERJ)

REVISÃO TÉCNICA

Débora Chaves (UEPA)

Larissa Moreira Fidalgo (UERJ)

Amanda Souza de Jesus Coelho (UERJ)

Maria Elena Siguiné Santos (UERJ)

© 2025 Dos organizadores como representantes dos autores.

Revisão: Amanda Souza de Jesus Coelho

Paulo Victor de Araujo Cardoso

Diagramação: Paulo Cesar Silva de Oliveira

Shirley de Souza Gomes Carreira

Capa: Shirley de Souza Gomes Carreira

Apoio:

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, Brasil.
FAPERJ, Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro. Programa Prociência da UERJ/FAPERJ.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Cadernos de literatura e diversidade 12 [livro eletrônico] / organização Shirley de Souza Gomes Carreira , Paulo Cesar Silva de Oliveira.
-- São Gonçalo, RJ : Poéticas da Diversidade-UERJ, 2025. -- (Cadernos de literatura e diversidade)
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-83495-05-1

1. Análise literária 2. Crítica literária
3. Cultura - Aspectos sociais 4. Diversidade cultural
5. Literatura - Crítica e interpretação I. Carreira, Shirley de Souza Gomes. II. Oliveira, Paulo Cesar Silva de. III. Série.

25-326752.0

CDD-809.93358

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura e diversidade : Análise crítica
809.93358

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

SUMÁRIO

Apresentação	5
A representação do sujeito diaspórico em <i>Adeus, Gana</i>, de Taiye Selasi e <i>Aqui estão os sonhadores</i>, de Imbolo Mbue	7
<i>Lucas Ramos de Souza</i>	
A memória e o esquecimento em <i>É sempre a hora de nossa morte amém</i>, de Mariana Salomão Carrara	27
<i>Celline Beatriz Gaspar da Silva</i> <i>Marcelo Franz</i>	
Letramento Literário na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI): um estudo sobre o Projeto EducaPesca em Bragança-PA	42
<i>Cassio Matheus Sales da Costa</i> <i>Rodrigo Milhomem de Moura</i>	
Intervenções: o escritor-intelectual Graciliano Ramos em <i>Memórias do Cárcere</i>	63
<i>Erick Bernardes</i>	
A intersecção das opressões em <i>Diário de Bitita</i>	79
<i>Priscila Valle dos Santos Silva</i>	
Trauma e escrita de si: uma leitura de <i>Muito Longe de Casa: Memórias de um menino soldado</i>, de Ishmael Beah	98
<i>Valkiria Yudice Gonzalez</i>	
O lugar: narrativas, memória e pertencimento nas crônicas de Lindanor Celina, em o <i>Diário da Ilha</i>	108
<i>Luciana Barros de Sousa</i> <i>César Augusto Martins de Souza</i> <i>Ximena Antonia Díaz Merino</i>	
A construção do sujeito diaspórico no romance <i>A hora da história</i>, de Thrity Umrigar	132
<i>Anna Carolina Maia da Silva Teixeira</i>	

Apresentação

O Selo Editorial Poéticas da Diversidade-UERJ visa à divulgação da produção resultante das pesquisas realizadas no âmbito dos Estudos sobre a Diversidade, atendendo não apenas às demandas internas da própria UERJ para a divulgação de pesquisas docentes e discentes, por meio de publicações digitais, mas também ao atendimento de demandas externas.

Os *Cadernos de Literatura e Diversidade* compõem uma série que objetiva contribuir com a difusão de resultados de pesquisas que envolvam a participação de pesquisadores discentes. O conjunto de artigos deste décimo segundo volume privilegia múltiplas poéticas da diversidade e focaliza questões que têm sido alvo do escrutínio dos Estudos Pós-coloniais e Culturais.

O primeiro artigo, intitulado “A representação do sujeito diaspórico em *Adeus, Gana*, de Taiye Selasi e *Aqui estão os sonhadores*, de Imbolo Mbue”, de Lucas Ramos de Souza, focaliza a identidade dos sujeitos diaspóricos em dois romances contemporâneos, com destaque para o conceito de afropolitanismo.

Em “A memória e o esquecimento em *É sempre a hora de nossa morte amém*, de Mariana Salomão Carrara”, Celline Beatriz Gaspar da Silva e Marcelo Franz analisam o romance de Carrara buscando demonstrar como a memória e o esquecimento são abordados, explorando os limites entre o real e o imaginário, evidenciando a fragilidade da experiência subjetiva diante da passagem do tempo.

No artigo intitulado “Letramento Literário na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI): um estudo sobre o Projeto EducaPesca em Bragança-PA”, Cassio Matheus Sales da Costa e Rodrigo Milhomem de Moura discutem a importância do letramento literário no âmbito da EJAI, analisando como essa prática tem sido implementada no projeto EducaPesca, voltado à educação profissional de jovens, adultos e idosos ligados ao setor pesqueiro do município de Bragança, no Pará.

Em “Intervenções: o escritor-intelectual Graciliano Ramos em *Memórias do Cárcere*”, Erick Bernardes analisa *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, a partir da relação entre autoficção, confissão e história, focalizando, em particular, a experiência estética do leitor.

“A intersecção das opressões em *Diário de Bitita*”, de Priscila Valle dos Santos Silva, discute os efeitos do capitalismo, do sexismo e do racismo que concorrem para a discriminação contra a mulher negra, exemplificada pela *persona* de Carolina Maria de Jesus em *Diário de Bitita*.

Em “Trauma e escrita de si: uma leitura de *Muito longe de casa: memórias de um menino soldado*, de Ishmael Beah”, Valkiria Yudice Gonzalez analisa os efeitos do trauma no *memoir* do autor, que relata como passou de vítima a algoz na guerra civil de Serra Leoa.

O artigo intitulado “O lugar: narrativas, memória e pertencimento nas crônicas de Lindanor Celina, em o *Diário da Ilha*, de Luciana Barros de Sousa, César Augusto Martins de Souza e Ximena Antonia Díaz Merino abordam o entrelaçamento entre memória e na narrativa de Lindanor Celina.

Finalmente, em “A construção do sujeito diaspórico no romance *A hora da história*, de Thrity Umrigar”, Anna Carolina Maia da Silva Teixeira focaliza as transformações identitárias da protagonista de *A hora da história* na perspectiva dos contatos interculturais.

Na certeza de que uma universidade se faz a partir dos pilares do ensino, da pesquisa e da extensão, pensar o literário como uma forma de expansão dos saberes e representação do mundo social é uma espécie de resistência crítica que somente o campo das Humanidades pode estabelecer e que o Selo Editorial Poéticas da Diversidade assume como princípio norteador.

Os organizadores.

A representação do sujeito diaspórico em *Adeus, Gana, de Taiye Selasi* e *Aqui estão os sonhadores, de Imbolo Mbue*

Lucas Ramos de Souza¹

Introdução

Existem diversas razões que motivam alguém a deixar seu país de origem, como a intenção de aprimorar sua formação profissional, a procura por uma qualidade de vida superior ou ainda situações de migração compulsória que levam à necessidade de buscar asilo ou refúgio, como as perseguições políticas ou religiosas e as guerras.

A partir do século XX, diversos eventos influenciaram diretamente os fluxos migratórios. Entre eles, a Primeira Guerra Mundial, que desencadeou a emigração de milhares de refugiados e trabalhadores, a Segunda Guerra mundial, que contribuiu para o aumento de migrações forçadas, devido a perseguições a minorias étnicas, como aos judeus e aos ciganos, a desintegração da União Soviética em países independentes, causada pelo fim da Guerra Fria, bem como a descolonização de países africanos, que impulsionou a migração para as antigas metrópoles.

A globalização não apenas influenciou significativamente o movimento de migrantes pelo mundo, mas também o modo como as pessoas se veem e são vistas, ensejando questionamentos acerca das identidades. A maior aproximação de nações, culturas e a diminuição da noção espaço/tempo, influenciaram a forma do indivíduo lidar com sua identidade cultural.

Para Robin Cohen, tanto as novas diásporas, quanto as diásporas clássicas “têm sempre estado em uma posição suscetível a funcionarem como uma ponte entre o particular e o universal”² (Cohen, 2001, p. 170. Tradução nossa). Desta forma, ao migrar, há uma tendência de os indivíduos manterem uma relação

¹ Graduando do Curso de Letras, Português-Inglês da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, pesquisador de Iniciação Científica voluntário PIBIC-UERJ, sob a orientação da Profa. Dra. Shirley de Souza Gomes Carreira. *E-mail*: lucas.ramo.sz@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-4891-9091>.

² Texto original em inglês: “They have always been in a better position to act as bridge between the particular and the universal”.

significativa com seu país de origem e buscarem preservar seus traços culturais. Muitos também mantêm um certo desejo de retorno, ainda que inconscientemente.

O presente trabalho visa analisar brevemente a representação da identidade do sujeito migrante nos romances *Adeus, Gana*, de Taiye Selasi (2021) e *Aqui estão os sonhadores*, de Imbolo Mbue (2016). Ambas as obras abordam os efeitos da imigração sobre as identidades, assim como evidenciam a relação dos imigrantes com a própria cultura e com o país hospedeiro. A análise terá como foco os imigrantes de primeira geração representados, em *Adeus, Gana*, por Kweku Sai e sua esposa Folasadé, que deixam a terra natal devido a conflitos políticos e à busca por especialização profissional; e pelo casal Jende e Neni Jonga, que, junto do filho Liome, partem de Camarões para os Estados Unidos devido ao descontentamento com a situação econômica do seu país e à busca da realização do sonho americano.

2. Uma breve reflexão acerca do conceito de diáspora

8

Uma das referências mais antigas da palavra diáspora pode ser encontrada na tradução grega da Bíblia, no livro de Deuteronômio (28: 58–68), em que a escritura aponta que, se o povo de Israel desobedecesse ao seu Deus, esse povo seria disperso através de diferentes nações e o sofrimento que levassem consigo, seria seu castigo. Durante muito tempo, esta passagem foi associada ao povo Judeu, um dos primeiros povos a serem expulsos de sua terra natal e se espalharem pelo mundo.

No século VI A.C, quando o rei da Babilônia, Nabucodonosor, sitiou a cidade de Jerusalém, os judeus foram levados cativos. Essa migração forçada tornou-se o exemplo mais difundido da diáspora clássica. A expulsão de Judeus pelo rei da Babilônia constitui o que Cohen descreve como “a memória popular central da tradição negativa da diáspora vitimista”³ (Cohen, 2001, p. 3, tradução nossa), isto é, o trauma que um povo enfrenta ao ser forçado a deixar sua terra natal, por meio da escravidão ou exílio.

Por esta razão, durante muitos anos o deslocamento forçado de diferentes comunidades ao redor do mundo foi associado à experiência dos judeus. Um

³ Texto original em inglês: “[...] the central folk memory of the negative, victim diaspora tradition”.

outro exemplo foi o tráfico de escravizados no século XVI, que ocasionou uma emigração forçada de milhares de africanos, que foram obrigados a deixar seu continente e viver sob as aflições do regime escravocrata do outro lado do Atlântico. Este movimento, mais tarde denominando diáspora africana, foi marcado pelo exílio, pelo sofrimento e um desejo de retorno ao lar. Essas e outras experiências, devido à semelhança com a diáspora judaica, constituem algumas das principais características do que conhecemos, hoje, como diáspora clássica, isto é, uma diáspora cujas origens são marcadas pela dispersão forçada de algum grupo étnico ou religioso (Chaliand; Rageau, 1995 *apud* Van Hear, 2005).

O crescimento dos fluxos migratórios nos séculos XX e XXI, causados por transformações de ordem política e os avanços da globalização, tem contribuído para o que Nicholas Van Hear (2005) nomeia de “novas diásporas”⁴. Para o autor, o termo se refere àquelas “pessoas com múltiplas lealdades ao lugar”⁵ (Van Hear, 2005, p.3, tradução nossa). Este lugar mencionado pelo autor é o lugar antropológico (Augé, 1994), ou seja, a terra natal. Ao deixarem seus países de origem, essas pessoas buscam manter uma conexão com suas culturas, ao passo que buscam se adaptar à nova sociedade.

Ao reconhecer que, no mundo pós-moderno, o termo diáspora ou comunidade diaspórica são frequentemente utilizados para designar comunidades de imigrantes, expatriados, refugiados ou minorias étnico-raciais, Safran (1991) sugere a utilização desses termos para aquelas comunidades de expatriados nas quais seus membros compartilhem as seguintes características:

- 1) eles ou seus ancestrais foram dispersados de uma região central originária para duas ou mais regiões ‘periféricas’ ou estrangeiras
- 2) eles mantêm uma memória, visão coletiva ou mantêm um mito acerca de suas terras natais, seu espaço físico, sua história e conquistas
- 3) eles acreditam que não são completamente aceitos— e talvez nunca sejam— pelas sociedades de destino e por isso se sentem parcialmente alienados ou isolados pela mesma
- 4) eles consideram suas terras natais como suas verdadeiras casas e como o local para o qual eles ou seus descendentes deveriam retornar - quando as condições forem favoráveis;
- 5) eles acreditam que eles devem, coletivamente, estar comprometidos com a manutenção ou restauração de suas terras natais, assim como devem estar comprometidos com a segurança e prosperidade de seus países de origem
- 6) eles continuam se relacionando, fisicamente ou

⁴ Texto original em inglês: “New diasporas”.

⁵ Texto original em inglês: “people with multiple allegiances to place”.

indiretamente com a terra natal [...] e suas identidades etnocomunitárias e solidariedade são significativamente definidas pela existência dessa relação. (Safran, 1991, p. 84, tradução nossa)⁶

Como é possível observar, na perspectiva do autor, a relação com o local de origem e o local de destino, assim como uma certa manutenção da cultura originária, ainda são pontos inerentes ao uso do termo na contemporaneidade. Entretanto, não somente a relação com a terra natal se estreitou, em razão dos avanços tecnológicos e dos meios de circulação, mas também a participação dessas comunidades na economia do país de origem. Ao tratar dos imigrantes africanos (Arthur, 2010, p. 2), defende que:

O objetivo imediato de suas presenças nos Estados Unidos é ter acesso às oportunidades econômicas que este país tem a oferecer. A maioria deles é dotada de uma orientação cultural de responsabilidades econômicas compartilhadas. Essa orientação é a força por trás dos milhares de dólares que eles enviam para casa frequentemente, de forma a apoiar membros da família, hospitais e instituições educacionais, estabelecer negócios em seu país de origem e, por fim, contribuir para a melhoria do padrão de vida de suas nações. (Arthur, 2010, p. 2, tradução nossa)⁷

Os imigrantes africanos da contemporaneidade parecem estar cada vez mais conscientes de seus papéis para manutenção econômica e social tanto daqueles familiares que ficaram para trás quanto para o crescimento e melhoria do local de origem. Através da presença no exterior, esses imigrantes não somente contribuem para a reconstituição da imagem do migrante africano, como também

⁶ Texto original em inglês: “1) they, or their ancestors, have been dispersed from a specific original “center” to two or more “peripheral,” or foreign, regions; 2) they retain a collective memory, vision, or myth about their original homeland — its physical location, history, and achievements; 3) they believe that they are not— and perhaps cannot be fully accepted by their host society and therefore feel partly alienated and insulated from it: 4) they regard their ancestral homeland as their true, ideal home and as the place to which they or their descendants would (or should) eventually return-when conditions are appropriate 5) they believe that they should, collectively, be committed to the maintenance or restoration of their original homeland and to its safety and prosperity; and 6) they continue to relate, personally or vicariously, to that homeland in one way or another, and their ethnocommunal consciousness and solidarity are importantly defined by the existence of such a relationship”.

⁷ Texto original em inglês: “The immediate objective of their presence in the United States is to gain access to the economic opportunities this country has to offer. Most are imbued with the cultural orientation of shared economic responsibilities. This orientation is the force behind the millions of dollars they remit home regularly to support family members at home, hospitals, and educational institutions, to establish businesses at home, and ultimately to assist in raising the living standards of their home countries”.

contribuem para o desenvolvimento de seus países, seja através de ajuda financeira a seus familiares, seja por meio de ações filantrópicas ou até mesmo por meio de investimentos produtivos em seus países de origem, como a criação de pequenos negócios, participação em projetos comunitários ou retorno qualificado que contribua com conhecimento e experiência adquiridos no exterior.

Assim, ao argumentar que, no mundo hodierno, o termo diáspora tem adquirido uma noção mais ampla, Suraj Kumar Saw (2018) defende que as novas diásporas são marcadas, também, pelo seu aspecto transnacional e multilocal:

A diáspora, antes afastada do contato direto com outras comunidades pelo mundo, agora tem contato constante através da comunicação mediada por computadores e através da internet. Por esta razão, a diáspora está ultrapassando as fronteiras do país de acolhimento e alcançando seus outros núcleos dispersos. Assim, o movimento diaspórico, antes unidirecional, se tornou um movimento multilocal e transnacional ⁸(Saw, 2018, p. 345, tradução nossa).

11

Enquanto o retorno e o contato com a terra natal eram quase impossíveis para os membros das diásporas clássicas, os membros das novas diásporas utilizam-se dos avanços tecnológicos do mundo contemporâneo para estar em constante conexão com seus locais de origem, intensificando o contato além das fronteiras. Ademais, as conexões e relações que esses membros mantêm ou constroem com indivíduos de mesma origem étnica, ainda que localizados em países diferentes, são alguns dos pontos centrais da experiência transnacional das novas diásporas.

3. A representação do sujeito diaspórico em *Adeus, Gana*

A escritora Taiye Selasi, mestre em relações internacionais pelo Nuffield College, da universidade de Oxford, e bacharel em estudos americanos, nasceu em Londres, no ano de 1979. Nascida no Reino Unido e educada nos Estados

⁸ Texto original em inglês: “The diaspora which was previously not in direct contact with its other communities scattered elsewhere now is in constant connection through computer-mediated communication and internet on cyberspace. Therefore, the diaspora is spreading its activities beyond the territory of the hostland and reaching its other diasporic nodes. Thus, the conventional unidirectional diasporic movement is shifted to multidirected transnational one”.

Unidos da América, a escritora, atualmente reside na cidade de Roma (Itália). Seu pai nasceu em Gana e a mãe, na Nigéria. Essas múltiplas conexões com diferentes lugares e culturas pode ter sido uma das grandes inspirações para a escrita do romance *Adeus, Gana* (2015), seu romance de estreia.

O livro aborda a história do médico ganês Kweku Sai, que emigrou para os Estados Unidos para cursar a universidade, e de sua esposa, Folasadé, que deixou a Nigéria devido à guerra civil que assolava o país. O título do romance em inglês, *Ghana Must Go*, reporta-se ao movimento migratório ocorrido na Nigéria em 1983, quando milhares de ganeses foram obrigados a deixar o país por ordem do governo.

Apesar de o título remeter a esse evento histórico, a obra de Selasi não trata diretamente deste tema, mas das questões identitárias e culturais acerca da família de Folasadé e Kweku, que deixam o continente Africano e, ao chegarem no país de destino, Estados Unidos, sofrem um choque cultural e têm a suas identidades reconfiguradas.

A obra é dividida em três partes: “Partido”, “Partida” e “Partir”. A primeira parte do romance descreve a morte de Kweku Sai, que tem um infarto no jardim de sua casa em Gana, para onde havia retornado após ser demitido do hospital John Hopkins, onde trabalhou por muitos anos. Apesar de ter se tornado um renomado cirurgião nos Estados Unidos, ele tinha sido responsabilizado injustamente pela morte de uma paciente cuja vida já não podia ser salva. Seu retorno à terra natal ocorreu depois de abandonar a esposa e os filhos, em uma espécie de fuga, uma busca da sensação de estar em casa outra vez: “perpetua jornada/perpétuo retorno [...] pátio cinza, não verde, pedra polida, lajes de ardósia, cimento tratado, um tipo de refutação aos trópicos, à casa: uma pátria reimaginada” (Selasi, 2021, p.19).

Quando jovem, ao partir para os Estados Unidos, Kweku havia prometido à mãe que retornaria com um diploma para que ela se orgulhasse dele. Contudo, ele só retornou a Gana após o falecimento de sua genitora:

Quando partiu, ele pensou que sabia como construir uma [ponte]: voltando para casa triunfante com um diploma e um filho, colocando o bebê nascido em solo americano diante da avó presa em solo ganense como uma guirlanda em um santuário. ‘viu eu disse que voltaria’ [...] um pai doutor, como prometido um sucesso. ele imaginava esse

momento todo dia na Pensilvânia [...] mas não foi assim que aconteceu. Quando ele voltou, ela tinha partido (Selasi, 2021, p.71).

Kweku foi para os Estados Unidos contra a vontade da mãe, que reagiu mal quando ele contou que tinha ganhado uma bolsa integral para estudar medicina. Essa recordação, frequentemente, o entristecia:

[...] ela dissera que ele era necessário *ali* não na ‘Pensil-qualquer coisa’ – ele não deveria ter dito o que dissera. Que ela estava com ‘inveja’. É claro que ela estava com inveja. Ela tinha trinta e oito anos e nunca saíra de Gana. Sua filha mais velha estava morta. Seu marido gênio havia sumido com a maré sob o luar (ou mais provavelmente, a abandonado, incapaz de encará-la devido à vergonha). Agora aqui estava seu filho - seu filho gênio, dezesseis anos, sem sapatos - tentando sumir com missionários americanos[...] (Selasi, 2021, p.79 grifos do autor)

13 Nos Estados Unidos, enquanto ainda estava na graduação, o ciclo de amizades de Kweku era formado por outros africanos. Esse relacionamento com indivíduos de grupos étnicos afins tem por objetivo constituir uma rede de apoio, assim como uma conexão transnacional, constituindo uma forma inicial de adaptação bastante comum. Segundo Robin Cohen (2001),

os membros de uma diáspora sentem caracteristicamente não apenas uma identidade coletiva no local onde se estabelecem, nem apenas uma relação com uma pátria imaginada, suposta ou real, mas também uma identidade comum com membros co-étnicos em outros países. (Cohen, 2001, p.25, tradução nossa)⁹

Em seus estudos sobre a aculturação de imigrantes, o psicólogo intercultural John Berry (2004) argumenta que as experiências de contato entre grupos são essenciais ao processo de integração. Em *Adeus, Gana* a transformação identitária de Kweku decorre do seu contato com médicos americanos. O trabalho no hospital torna-se parte da personalidade de Kweku,

⁹ Texto original em inglês: “members of a diaspora characteristically sense not only a collective identity in a place of settlement, nor again only a relationship with an imagined, putative or real homeland, but also a common identity with co-ethnic members in other countries”.

contribuindo para a sua autoestima, bem como um fator para a aceitação na sociedade americana:

Quando usava seu traje branco, sentia-se um astronauta, pousado recentemente e inesperadamente em uma nave alienígena. Recém-fluente na língua, mas ainda um estrangeiro para os habitantes locais, E, mais tarde, um convertido para sua espécie [...] se sentia tão especial por estar lá, até superior. Por fazer parte do maquinário, quando a máquina era tão forte (Selasi, 2021, p.90).

O fragmento citado acima, também sugere que, após certo tempo no país, Kweku buscou assimilar-se, ou seja, adotar a cultura do país de acolhimento em detrimento da própria cultura (Berry, 2004, p.34). Muito embora tenha encontrado em sua profissão o meio mais rápido de adaptar-se à sociedade norte-americana, o romance revela que essa aceitação tinha bases frágeis. Folasadé, a esposa de Kweku, conseguia ver com clareza a condição do marido: “partia seu coração vê-lo buscar aprovação de homens muito inferiores na própria calça cáqui bem passada, os olhos pequenos arregalados de esperança de que ele, também, poderia um dia ficar tão à vontade no mundo” (Selasi, 2021, p.224).

Quando é demitido injustamente, Kweku se sente sem rumo e acredita ter fracassado. Em sua leitura do romance, Shirley Gomes de Souza Carreira (2022) argumenta que “após a demissão e a sua posterior expulsão do hospital, ele se sente destituído de sua dignidade, o que o faz reviver um sentimento que há muito esquecera: o da subalternidade” (Carreira, 2022, p.61). O racismo foi o fator determinante para que Kweku fosse escolhido para executar uma cirurgia que todos sabiam que seria malsucedida. Afinal, ele era um imigrante africano e o seu fracasso não comprometeria o bom nome do hospital.

Após a demissão, em uma conversa com seu advogado, Kweku demonstra sentir os efeitos dessa subalternização. Demonstra a saudade que sente de seu país, bem como um desejo de retorno:

Kweku não queria a opinião profissional de Marty. Ele queria sua terra de volta, sua floresta, seu verde. Ergueu-se sem dizer nada e saiu do escritório. [...] Kweku continuou andando. Andou para fora do prédio (um tinido baixo), para calçada, para o Volvo que tinha estacionado na sombra. [...] Todas essas pessoas brancas só serviam para isto: dispensá-lo. (Selasi, 2021, p. 93).

O personagem não consegue olhar para a esposa sem sentir que falhou, sem recordar os sacrifícios que ela fez em prol do seu sucesso: “Ela o seguiria para Baltimore, adiaría o estudo de Direito e daria à luz o filho deles sem um centavo no seu nome, venderia flores na calçada e tomaria banhos na cozinha para que um deles pudesse realizar seu sonho” (Selasi, 2021, p. 94).

Kweku opta por esconder a verdade e finge sair todos os dias para trabalhar durante onze meses. Até que seu filho mais novo, Kehinde, ao vê-lo sendo expulso por seguranças do hospital em que trabalhara, descobre toda a verdade. Sem conseguir admitir os fatos para a mãe de seus filhos, Kweku dirige por horas, não retorna para sua casa em Boston e, meses depois, volta para Gana, onde encontra seu refúgio e lar.

Folasadé é abandonada com os 4 filhos do casal, Olu, Taiwo, Kehinde e Sadie, e passa a ser responsável pela sua subsistência e educação. No início da Guerra Civil Nigeriana (1967), seu pai, um iorubá, foi assassinado, e seu sócio, Sena Wosornu, a levou para Gana: “Ele disse que ela deveria fazer as malas. Partiram pela manhã. Os pais dele moravam em Gana, e ela estaria mais segura com eles. ‘se alguma coisa acontecer, leve a bebê para Gana, não a deixe na Nigéria’. seu pai tinha dito” (Selasi, 2021, p.226). Em Gana, ela passou a viver com a família de Sena e foi matriculada na Escola Internacional de Gana para que tivesse a chance de estudar no exterior em um futuro próximo.

As consequências da guerra a impediam de pensar na Nigéria como “lar”, ao contrário de Gana, local onde se refugiou e viveu sua adolescência:

Quando a guerra estourou no verão seguinte, não se importou muito. Corria os olhos pelos jornais locais, via as fotos ouvia os rumores (civis massacrados, crianças famintas, mercenários alemães, galeses), mas essa “Nigéria” de que falavam não era nenhum lugar que ela conhecia, não era seu lar, não era um lugar que ela pudesse *ver*; portanto, não era real (Selasi, 2021, p.228 grifos do autor).

Após conseguir uma bolsa integral para estudar na universidade de Lincoln, nos Estados Unidos, Folasadé deixou Gana:

Ela fez as provas e foi a melhor aluna do ano [...]. Uma bolsa foi providenciada por outros amigos da paróquia na Universidade de Lincoln [...] Ela queria ir para o King's College, como o pai, mas não objetou (Selasi, 2021, p. 228).

É na América que a personagem vivencia uma transformação identitária e confronta os estereótipos associados à identidade do imigrante africano e a indiferença em relação ao que acontecia na África:

Ela sentiu a mudança nos Estados Unidos quando chegou à Pensilvânia [...] seus colegas de classe e professores, independentemente de serem brancos ou negros, de alguma forma acreditavam que o que tinha acontecido, por mais trágico que fosse, era natural (Selasi, 2021, p.126).

Ao casar-se com Kweku, ela optou por não seguir a carreira acadêmica e colaborar para que o marido realizasse o seu sonho de tornar-se um grande cirurgião. Sua história pessoal, seu trânsito por diferentes países favoreceram a capacidade de adaptação da personagem, que, na realidade, é a única a realmente desenvolver um perfil afropolitano (Selasi, 2005), termo cunhado por Taiye Selasi e mencionado pela primeira vez em seu ensaio "Bye-Bye, Barbar (Or: What is an Afropolitan?)", publicado no ano 2005. Nele, a autora evoca uma nova perspectiva acerca da experiência migratória e cosmopolita de povos africanos, sugerindo, assim, uma nova forma de entender a diáspora africana contemporânea.

O filósofo e cientista político Achille Mbembe, por sua vez, desenvolveu uma teoria sobre o termo cunhado por Selasi. Para ele, o afropolitanismo é "uma estilística, uma estética e uma certa poética do mundo. É uma maneira de ser no mundo que recusa, por princípio, toda forma de identidade vitimizadora" (Mbembe, 2015, p.70). O autor salienta a importância de se entender o continente africano, também como um lugar de chegada, não apenas de partida, assim como reconhece a influência da diáspora africana, criada pelo tráfico de escravizados, nas diásporas africanas do mundo contemporâneo.

Já a escritora Taiye Selasi centra a sua abordagem em jovens imigrantes africanos (Selasi, 2005), para quem o sentido de "lar" assume formas múltiplas e heterogêneas:

‘Casa’ para este monte de gente é muitas coisas: de onde seus pais são; aonde eles vão de férias; aonde eles foram para a escola; aonde eles veem velhos amigos; aonde eles moram (ou vivem este ano). Como muitos jovens africanos que trabalham e vivem em cidades ao redor do mundo, eles não pertencem a uma única geografia, mas se sentem em casa em muitas delas (Selasi, 2005, s/p).

A capacidade de adaptação de Folasadé a torna não somente uma imigrante com múltiplas ligações a diferentes locais, mas, principalmente, uma cidadã do mundo. A passagem a seguir revela esse aspecto cosmopolita da identidade da personagem:

Fosse essa casa, fosse aquela, esse passaporte ou aquele, Baltimore ou Lagos ou Boston ou Acra, roupas caras ou usadas, ou florista ou advogada, ou vida ou morte - não importava muito, no fim. Se alguém podia morrer sem identidade, separado de todo contexto, então alguém podia viver separado de todo o contexto também. (Selasi, 2021, p.127).

17

É em Gana que Folasadé encontra um novo lar, anos mais tarde: “o lugar onde ela se mudou ou para qual ela fugiu” (Selasi, 2021, p.118). É também em Gana, na casa que pertencera ao seu pai adotivo, Sena Wosornu, que os membros família se reúnem para dizer adeus a Kweku.

Muito embora, os filhos do casal passem também por transformações identitárias, neste trabalho, optamos por focalizar apenas os imigrantes de primeira geração, visto que Kweku, embora busque assimilar-se, não consegue evitar a marginalização, e Folasadé torna-se efetivamente uma afropolitana.

4. A representação do sujeito diaspórico em *Aqui estão os sonhadores*

Inspirada em suas próprias experiências migratórias, em 2016, a autora camaronesa Imbolo Mbue publicou seu romance de estreia: *Aqui estão os sonhadores*, ou *Behold the Dreamers*, título original em inglês. A obra narra a experiência de Jende Jonga e Neni Jonga que emigram de Camarões para os Estados Unidos em busca de melhores condições de vida, motivados pelo ideal do Sonho Americano. Tendo a crise imobiliária de 2008, em que os Estados Unidos enfrentaram uma de suas piores crises financeiras, como pano de fundo, o

romance narra as experiências e dificuldades que Neni e Jende enfrentam na condição de imigrantes africanos.

O romance se inicia com a entrevista de Jende Jonga, que passa por um processo seletivo para o cargo de motorista particular de Clark Edwards, executivo do Lehman Brothers. Jende, que está nos Estados Unidos há três anos em situação ilegal, com a ajuda de seu primo Winston, já residente do país, consegue o emprego de *chofer* da família Edwards, o que representa uma nova perspectiva para o personagem, que almeja permanecer no país e obter o visto permanente por meio de um pedido de asilo.

Em uma conversa com Clark Edwards, Jende revela o motivo que o levou a deixar sua terra natal:

É porque o meu país não presta, senhor — disse. — Não é nada parecido com os Estados Unidos. Se tivesse ficado no meu país, não teria me tornado nada. Teria continuado a não ser nada. Meu filho ia crescer e ficar pobre como eu, assim como eu era pobre como meu pai. Mas nos Estados Unidos, senhor? Posso me tornar alguma coisa (Mbue, 2016, p. 47).

18

É possível observar no discurso de Jende que sua decisão foi motivada pelo Sonho Americano, conceito atribuído a James Truslow Adams (1931), que o define como “aquele sonho de uma terra em que a vida seja melhor, mais rica e mais plena para todos os indivíduos, com oportunidades para cada pessoa, de acordo com sua habilidade e conquista” (Adams, 1931, p. 404, tradução nossa)¹⁰. Quando consegue seu visto Jende exulta:

Sim! Ele ia para os Estados Unidos. Ele Jende Dikaki Jonga, filho de Ikola Jonga, neto de Dikaki Mnyaka ma Jonga, ia para os Estados Unidos! [...] Não, gente como ele não visitava a América. Ia para lá e ficava, até conseguir voltar para casa como vitorioso com os bolsos cheios de dólares e fotos de uma vida feliz. (Mbue, 2016, p.24)

Sua esposa sempre nutrira a esperança de emigrar para a América e, enquanto Jende se dividia em diferentes empregos não apenas para manter-se,

¹⁰ Texto original em inglês: “that dream of a land in which life should be better and richer and fuller for every man, with opportunity for each according to his ability or achievement”.

mas também para arcar com a despesa das passagens de Neni e do seu filho primogênito Liome, ela aguardava ansiosamente o momento da partida. Quando finalmente chega o dia da partida, ela não sente tristeza, mas sim a esperança de uma nova vida:

Quando o ônibus que seu pai alugara para levá-los - junto com duas dúzias de familiares e amigas que tinham ido para acompanhá-los - partiu da frente de sua casa para começar a viagem de duas horas até o Aeroporto Internacional de Duala, ela sorria e acenara para os vizinhos e membros mais distantes da família que haviam se reunido no gramado da entrada para invejosamente dizer adeus. Ela tinha guardado uma imagem panorâmica de todos, sabendo que não sentiria falta deles por muito tempo, desejando a eles a mesma felicidade que sabia que encontraria na América (Mbue, 2016, p. 19).

19 Ao chegar aos Estados Unidos, Neni sente-se radiante e pronta para viver a vida que sempre almejou, ao lado do marido e do filho. Quando o marido consegue seu emprego na casa dos Edwards, ela demonstra curiosidade pelo estilo de vida de famílias brancas da alta sociedade: “Precisava saber como gente rica vivia. Como se comportam. O que diziam. Se podiam contratar alguém para levá-los de carro de um lado para o outro, então suas vidas deviam ser realmente especiais” (Mbue, 2016, p. 34).

Aos poucos, os Jonga descobrem que a família Edwards está longe de ter uma existência feliz: as traições de Clarke, a dependência química de sua esposa Cindy e os conflitos entre pai e filho mostram a fissura naquela que parecia ser uma família ideal.

Neni busca integrar-se socialmente, mas o faz estabelecendo uma rede de contatos com outros africanos, uma característica significativa das novas diásporas. No aniversário de Winston, em um bar nova iorquino, Neni e Jende se sentem desconfortáveis com o ambiente, cercado de brancos americanos:

Esse lugar não fazia o tipo dela; as pessoas lá fora não faziam o seu tipo. Winston tinha amigos de todas as raças, ela sabia, mas não tinha ideia de que fossem tantos amigos brancos - ela não tinha uma única amiga de fora da África e não chegara nem perto de fazer amizade com uma branca. Uma coisa era estar na mesma classe que eles, trabalhar para eles, sorrir para eles no ônibus; outra coisa totalmente

diferente era rir e bater papo com eles durante horas, assegurando-se de enunciar cada palavra para não dizerem que o seu sotaque era difícil demais de entender. Não havia como ela passar um tempo com uma mulher branca e ser ela mesma como era com Betty e Fatou. (Mbue, 2016, p.105).

Apesar de estar na América há pouco mais de um ano, Neni parece ainda estar vivenciando um processo de adaptação cultural. A reação de Neni acontece, porque “o sujeito diaspórico ainda se vê [...] como parte de todo um contexto social novo, práticas culturais e sociais que, entre diversos outros fatores, por muitas vezes, acabam entrando em conflito com seu modo de vida” (Veiga, 2024, p. 104). Esse conflito faz com que Neni e Jende busquem estar rodeados de amigos africanos como Winston, Betty e Fatou.

Ao se referir às diásporas contemporâneas, Suraj Kumar Saw (2018), argumenta que na relação de um indivíduo com co-étnicos em outro país, “um relacionamento transnacional se concretiza através de laços linguagem, cultura, religião e um senso de história comum que dão um colorido afetivo e íntimo que a cidadania formal ou até mesmo o longo estabelecimento geralmente carecem” (Saw, 2018, p. 346 tradução nossa).¹¹ Neni percebe a pertinência desta relacionamento logo após sair do bar onde estivera para comemorar o aniversário de Winston:

Pela primeira vez estava notando uma coisa: estava percebendo que a maioria das pessoas na rua conversavam com alguém parecido com elas. De ambos os lados da rua, para o leste e para o oeste, via pessoas andando junto com gente do seu tipo: um homem branco de mãos dadas com uma mulher branca; um adolescente negro rindo com outros jovens negros (ou latinos); uma mãe branca empurrando um carrinho ao lado de outra mãe branca; uma mulher negra batendo papo com outra mulher negra. Viu um quarteto de homens asiáticos de smoking, e um grupo de amigos com diferentes tons de pele, mas vestidos no mesmo estilo chique. A maioria das pessoas se apegava a gente de seu próprio tipo. Até mesmo em Nova York, até mesmo num lugar de muitas nações e culturas, homens e mulheres, jovens e velhos, ricos e pobres, preferiam sua

¹¹ Texto original em inglês: “A transnational relationship comes to fruition through bonds of language, culture, religion and a sense of common history that give an affective and intimate colour that formal citizenship or even long settlement frequently lack”..

própria espécie quando se tratava de se manter próximo (Mbue, 2016, p. 109).

Esse contato sugere que cada grupo étnico busca preservar o sentimento de pertencimento mesmo estando em outro continente, para manterem viva a ligação com suas origens e com sua terra natal. Apesar de Neni não revelar, ao longo do romance, algum tipo de desejo genuíno de voltar para Camarões, seu esposo, que emigrara anos antes, demonstra sentir saudades do seu país. Ao se lembrar dos anos em que passara longe de Jende, Neni percebe como seu esposo se sentia quando ele telefonava para ela:

Era aqui que ele frequentemente se sentava para telefonar para ela quando se sentia tão só e saudosos de casa que o único bálsamo que funcionava era o som da voz dela. Durante essas chamadas, ele lhe perguntava como estava Liome, o que ela estava vestindo, quais eram seus planos para o fim de semana, e ela lhe contava tudo, deixando-o ainda mais saudosos da beleza do seu sorriso, do fogão à lenha na cozinha de sua mãe, da suave brisa em Down Beach, dos abraços apertados de Liome, das piadas grosseiras e das risadas de seus amigos enquanto tomavam Guinness num boteco; deixando-o desejoso de tudo o que gostaria de não ter deixado para trás. Durante esses momentos, dizia, muitas vezes ele se perguntava se ir embora de casa em busca de algo tão fugaz quanto a fortuna realmente valia a pena (Mbue, 2016, p.111).

21

Em todos os seus anos na América, Jende parece ter sempre mantido um desejo, mesmo que oculto, de retorno ao seu país natal. Em uma conversa com o patrão, ele recorda a sua cidade com evidente saudade:

Quando o senhor vê essa placa, senhor, ah! Não importa quem seja, se está vindo a Limbe só por um dia ou para ficar dez anos, se é grande ou pequeno, se sentirá feliz de ter chegado a Limbe. Vai sentir o cheiro da maresia vindo de quilômetros de distância para saudá-lo. Aquela doce brisa. Faz o senhor sentir, realmente, que não há lugar no mundo como aquela cidade junto ao mar chamada Limbe. (Mbue, 2016, p. 45).

Conforme Safran (1991) argumenta, membros de uma determinada diáspora preservam um mito acerca de suas terras natais. Limbe parece, aos olhos

do camaronês, um lugar ideal para se estar. É possível sugerir que, se as condições de vida e as oportunidades tivessem sido melhores em seu país, Jende não teria emigrado.

Para permanecer na América, Jende havia seguido o conselho de um advogado e pedido asilo sob a alegação de que corria risco de morte em Camarões, devido à perseguição da família de Neni. Ao ter o pedido de asilo negado, a volta para casa começa a se tornar uma possível solução para seus problemas, haja vista que também perdeu o emprego na casa dos Edwards. A demissão decorreu de sua recusa em revelar detalhes da vida privada de Clark Edwards para Cindy, esposa de seu patrão. Jende retorna, assim, aos subempregos, lavando pratos em dois restaurantes: “trabalhava de manhã e de tarde e de noite. E também nos fins de semana. Durante seis dias da semana saía de casa antes de Liome acordar e voltava quando ele já estava na cama” (Mbue, 2016, p.284).

As longas horas de trabalho causam problemas de saúde a Jende, que já não consegue mais projetar sua vida na América e deseja retornar a Camarões:

— Eu não gosto do que a minha vida se tornou neste país. Não sei quanto tempo mais posso continuar assim, Neni. O sofrimento em Limbe era ruim, mas este aqui, neste momento...É mais do que eu posso aguentar. Neni Jonga fitou o marido como se desejasse se sentir solidária, mas só foi capaz de sentir irritação (Mbue, 2016, p.338).

22

Neni, que conseguira um visto de estudante e cursava uma faculdade, não consegue se solidarizar com a situação do marido, já que “a crença no Sonho Americano a impulsiona, fazendo com que ultrapasse até mesmo os seus limites físicos” (Santos, 2023, p. 50). É neste momento, que Neni se apresenta como a grande sonhadora do romance de Mbue:

Toda imagem que vira de camaroneses nos Estados Unidos era um retrato de bem-aventurança: crianças rindo na neve; casais sorrindo num shopping center; famílias fazendo pose diante de uma bela casa perto de um belo carro. Os Estados Unidos para Neni eram sinônimo de felicidade (Mbue, 2016, p.344).

Após considerar diferentes meios, alguns absurdos, de permanecer na América, como enviar o próprio filho para ser adotado por uma família americana

ou casar-se com um nativo, Neni cede ao desejo do marido de retornar aos Camarões. Jende apresenta-se diante do juiz de imigração e solicita a partida voluntária do país.

Ao contrário da esposa, Jende demonstra intensa felicidade com a perspectiva de retorno: “Caminhando pelas ruas de Nova York durante seus últimos dias na América, não conseguia obrigar-se a sentir tristeza por estar indo embora ou desejar que sua experiência tivesse terminado de forma diferente” (Mbue, 2016, p.397).

É importante salientar que apesar dos desafios enfrentados nos Estados Unidos, o casal consegue acumular uma quantia de dólares suficiente para ter uma condição financeira melhor e mais confortável no país natal:

Com a nova taxa de câmbio de seiscentos francos camaroneses para um dólar, ele estaria voltando para casa com cerca de dez milhões de francos camaroneses, o suficiente para recomeçar a vida com uma belíssima casa alugada, com garagem para seu carro e uma empregada para que a esposa se sentisse como uma rainha (Mbue, 2016, p. 387).

23

Mesmo com as dificuldades enfrentadas para se manterem nos Estados Unidos, o casal desfrutava de uma vida econômica muito melhor que a dos seus familiares em Camarões. Jende, inclusive, ajudava a sua família financeiramente: “[...] era melhor que ele guardasse duzentos dólares, porque, em um ou dois meses, algum irmão ou primo ou cunhado ligaria dizendo que era necessário dinheiro para contas de hospital ou novos uniformes escolares[...]” (Mbue, 2016, p.100). Essa é uma prática comum entre os imigrantes que reflete uma responsabilidade econômica com os membros da família que ficaram na terra natal.

Ao fim do romance é perceptível a diferença de postura do casal. Embora as experiências vividas na América tenham deixado sua marca na identidade de Jende, ele não se mostra resistente ao retorno, enquanto Neni parece não ter desistido do Sonho Americano, ao depositar esperanças no fato de sua filha ter nascido nos Estados Unidos. De um modo ou de outro, a experiência da migração sempre afeta a identidade do migrante, que, conforme Berry (2004) argumenta, adota diferentes estratégias de aculturação. No caso do casal Jonga, sua breve

permanência nos Estados Unidos lhes rendeu não apenas uma quantia significativa de dinheiro – suficiente para garantir uma vida confortável ao retornarem a Camarões –, mas também marcou significativamente sua identidade cultural.

Considerações finais

O presente trabalho buscou analisar a representação do sujeito diaspórico nos romances *Adeus, Gana, de Taiye Selasi* e *Aqui estão os sonhadores de Imbolo Mbue*.

Em *Adeus, Gana*, Kweku deixa seu país de origem após receber uma bolsa integral para estudar medicina nos Estados Unidos e, apesar de manter um certo contato com sua cultura e seus conterrâneos, ao chegar ao novo continente, a necessidade de integração faz com que opte por assimilar-se à cultura norte-americana. Compelida a emigrar de sua terra natal após a eclosão de uma guerra civil, Folasadé passa por uma grande transformação identitária ao chegar à América, tornando-se uma cidadã com alto potencial de adaptação.

Já em *Aqui estão os sonhadores*, Jende e sua esposa Neni deixam Camarões não apenas estimulados pelo Sonho Americano, mas, principalmente, devido à frustração com a situação econômica do país. Contudo, ao chegarem nos Estados Unidos, eles encontram grandes dificuldades devido às políticas de imigração e às condições oferecidas para migrantes estrangeiros. No continente americano, Neni e Jende estabelecem conexões com outros africanos, assim como recebem ajuda de Winston, primo de Jende que já vivia no país.

O casal inicia um processo de integração cultural, que é interrompido devido à recusa do pedido de asilo solicitado por Jende e à perda do emprego, que o fez depender de subempregos em um momento em que os Estados Unidos passavam por uma de suas maiores crises financeiras.

Em ambos os romances, os personagens são representativos da assim denominada “nova diáspora africana”, ou seja, de imigrantes advindos de países africanos outrora colonizados que buscam refazer suas vidas nos Estados Unidos. Buscamos demonstrar nesta breve abordagem das obras que as estratégias de adaptação são diversas. Alguns como Kweku se mostram dispostos à assimilação pelo desejo de aceitação da sociedade norte-americana. Outros, como Jende e

Neni, buscam integrar-se, mas ainda mantendo as características originárias de sua cultura. Finalmente, há aqueles, como Folasadé, que tipificam um novo tipo de imigrante, o afropolitano, ou seja, o africano que, por circunstâncias diversas, sem apagar seu vínculo afetivo com a África, se mostra adaptável à vida em qualquer local do mundo.

Referências

ADAMS, James T. *The Epic of America*. Boston: Little, Brown & Company, 1931.

ARTHUR, John. A. *African Diaspora Identities*. Negotiating Culture in Transnational Migration. Lanham, Md.: Lexington Books, 2010.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lúcia Mucznik (Trad.). Lisboa: Bertrand Editora, 1994.

BERRY, John W. *Migração, aculturação e adaptação*. In S. D. DeBiaggi & G. J. Paiva (Orgs.), *Psicologia, e/imigração e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2004, p. 29-46.

25

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. *Deslocamentos espaciais, culturais e identitários na literatura contemporânea*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2023.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. Formas de voltar para casa: uma análise da identidade diaspórica em *Adeus, Gana!*, de Taiye Selasi. *Scripta Uniandrade*, v. 20, n. 1, p. 55-73, 2022. Disponível em: <https://revista.uniandrade.br/index.php/ScriptaUniandrade/article/view/2216>. Acesso em: 9 nov. 2025.

COHEN, Robin. *Global diasporas: An introduction*. London, New York: Routledge, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MBUE, Imbolo. *Aqui estão os sonhadores*. Trad. George Schlesinger. 1ª Ed. São Paulo: Globo livros, 2016.

MBEMBE, Achille. Afropolitanismo. Tradução de Cleber Daniel Lambert da Silva. *Áskesis*, v. 4, n. 2, p. 68-71, 2015. Disponível em: <https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/74>. Acesso em: 9 nov. 2025.

SAFRAN, William. Diasporas in modern societies: Myths of homeland and return. *Diaspora: A journal of transnational studies*, v. 1, n. 1, p. 83-99, 1991. Disponível em: https://cbpbu.ac.in/userfiles/file/2020/STUDY_MAT/ENGLISH/SSK/Myths%20of%20Homeland%20and%20Return1.pdf. Acesso em: 3 nov. 2025.

SANTOS, Lidiane Lessa de Jesus. *A representação do Sonho Americano em Aqui estão os sonhadores, de Imbolo Mbue, e Americanah, de Chimamanda Adichie*. 2023. 129f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/20789>. Acesso em: 28 out. 2025.

SANTOS, Maria Elena Siguiné. Identidade e aculturação em *Precisamos de novos nomes*, de NoViolet Bulawayo, e *Aqui estão os sonhadores*, de Imbolo Mbue. **In:** CARREIRA, Shirley de S. G.; OLIVEIRA, Paulo César. *Cadernos de Literatura e Diversidade 8*, 2024. p. 57-72. Disponível em: [e-book-cadernos-de-literatura-e-diversidade-8.pdf](#). Acesso em: 12 out. 2025.

SAW, Suraj Kumar. Globalization and migration in the contemporary world order: an insight into the postnational condition and the diasporas. *Social identities*, v. 24, n. 3, p. 339-363, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13504630.2017.1376283>. Acesso em: 12 out 2025.

SELASI, Taiye. *Adeus, Gana*. Tradução de Isadora Prospero. São Paulo: Planeta, 2021.

SELASI, T. *Bye-Bye, Babar*. The LIP Magazine. Diversity and Multiculturalism. March 3, 2005. Disponível em: <https://thelip.robertsharp.co.uk/?p=76>. Acesso em: 03 set. 2024.

VAN HEAR, Nicholas. *New diasporas*. London: Routledge, 2005.

VEIGA, Bernardo Travessa. Identidade em trânsito: o sujeito diaspórico em A hora da história, de Thrity Umrigar. *Cadernos de Literatura e Diversidade 8*. 2024. p. 103-115. Disponível em: [e-book-cadernos-de-literatura-e-diversidade-8.pdf](#). Acesso em: 12 out. 2025.

A memória e o esquecimento em *É sempre a hora de nossa morte amém*, de Mariana Salomão Carrara

Celline Beatriz Gaspar da Silva¹

Marcelo Franz²

Introdução

Na realidade capitalista brasileira atual, em que algo novo se torna relevante e desinteressante toda semana por meio da internet, a memória e sua contraparte, o esquecimento, entrelaçam-se para acompanhar os momentos vividos perdendo a relevância e tornando o ato memorialístico uma experiência simplificada. Tais considerações afluíram na seleção do romance *É sempre a hora da nossa morte amém* (2021), de Mariana Salomão Carrara, sobre o qual se apresenta uma análise de como estas antíteses exploram os limites entre o real e o imaginário, evidenciando a fragilidade da experiência subjetiva diante da passagem do tempo.

A investigação teórica que orienta esta análise baseia-se nos estudos de Henri Bergson, Harald Weinrich, Maurice Halbwachs e Joel Candau, cujas reflexões contribuem para compreender a relação entre o tempo, a lembrança e a identidade individual e coletiva. Em *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito* (1990), Bergson compreende a memória como movimento vital sobre a percepção do indivíduo acerca da realidade, aproximando-se de uma noção fluida e dinâmica de lembrança. Já em *Lete: arte e crítica do esquecimento* (2001), Weinrich examina o esquecimento como condição natural da memória, propondo que recordar e esquecer são processos interdependentes e inevitáveis, constituindo juntos a experiência humana do tempo. Halbwachs, por sua vez, em “A memória coletiva” (1990), entende a recordação como fenômeno social, constituído nas relações e moldado pelos grupos aos quais o indivíduo pertence. Por último, Joel Candau afirma em

¹ Licenciada em Letras pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná e mestranda em Estudos de Linguagens pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. *E-mail*: cellinebeatriz@alunos.utfpr.edu.br.

² Professor de Literatura do curso de Letras Português da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. *E-mail*: mfranz4390@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7742-2859>

Memória e identidade (2011, p.19) que “não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é acompanhada de um sentimento de identidade”. Essa proposição ilumina a trajetória de Aurora, cuja tentativa de lembrar é também uma tentativa de existir e a partir dessas perspectivas, torna-se possível interpretar a memória de Aurora não como arquivo fiel de fatos, mas como reconstrução afetiva e seletiva.

O romance *É sempre a hora da nossa morte amém* (2021), então apresenta uma narrativa que se estrutura a partir da fragmentação da memória e da consciência de sua protagonista, Aurora, uma idosa que revisita passagens de seu passado permeadas por culpa, solidão e confusão temporal. A obra propõe uma reflexão sobre a forma como lembranças, esquecimentos e lapsos se entrelaçam à construção da identidade e à percepção da finitude humana. Assim, a literatura de Carrara se articula com as discussões supracitadas, explorando os limites entre o real e o imaginário e evidenciando a fragilidade da experiência subjetiva diante da passagem do tempo.

O plano de Carrara

28

A escrita de Mariana Salomão Carrara se insere no contexto da literatura brasileira contemporânea marcada por vozes femininas que abordam a interioridade, o trauma e o cotidiano, revelando aspectos da vida comum que se tornam universais pela linguagem sensível e precisa. A autora constrói uma narrativa intimista e fragmentada, na qual a voz feminina reflete as complexidades da memória e da existência. Essa fragmentação, longe de ser apenas estrutural, traduz a própria instabilidade da mente e o descompasso entre lembrança e esquecimento, instaurando um diálogo entre forma e conteúdo que reforça o caráter introspectivo da narrativa.

Na personagem Aurora, vemos como a memória assume papel de resistência e, ao mesmo tempo, de apagamento. A personagem oscila entre recordar e esquecer, inventar e negar, em um processo que evidencia o conflito entre a necessidade de preservar a própria história e o impulso de apagá-la. Essa tensão remete à ideia de que lembrar também é escolher, e que o esquecimento pode funcionar como mecanismo de defesa diante de experiências dolorosas. Carrara, assim, traduz literalmente o que Bergson (1990) concebia como

movimento vital da memória, que seleciona fragmentos do passado para recompor o presente vivido.

A contemporaneidade de Carrara se manifesta não somente nos temas que aborda – solidão, envelhecimento, maternidade compulsória, finitude –, mas também em sua escrita minimalista e confessional, que reflete a fragmentação da experiência moderna. Sua prosa se aproxima da autoficção e de formas híbridas entre narrativa e confissão, articulando o íntimo e o social. Nessa estética, a memória é menos uma recuperação do que uma invenção contínua, o que a aproxima das reflexões de Candau (2011) sobre a relação entre memória e identidade.

Ao colocar em primeiro plano uma mulher idosa como narradora, Carrara rompe com estereótipos da representação feminina e dá voz a uma experiência muitas vezes silenciada. Sua escrita propõe uma escuta da interioridade feminina sem idealizações, expondo contradições, ressentimentos e fragilidades. Assim, “É sempre a hora da nossa morte amém” (2021) dialoga com a literatura contemporânea que busca repensar os modos de narrar a subjetividade, explorando a potência da memória e do esquecimento como forças formadoras da identidade.

29

A fragmentação da memória na narrativa

Em *É sempre a hora da nossa morte amém* (2021), Mariana Salomão Carrara constrói uma narrativa profundamente marcada pela fragmentação da memória e pela busca por identidade. A protagonista, Aurora, uma idosa encontrada em meio à rua, confusa e segurando uma coleira, chama por “Camila”. A partir desse momento, o romance assume um tom de incerteza e desorientação, pois ao ser narrado em primeira pessoa, o livro apresenta a tentativa de Aurora de reconstruir seu passado em conversas com Rosa, assistente social do abrigo em que é acolhida. Contudo, cada esforço de lembrar traz à tona novas versões de uma mesma história e instaura o conflito entre a verdade e a imaginação.

Uma rede imensa colorida toda trançada pendurada nas duas pontas da minha vida e eu deitado no meio balançando de um lado para o outro, de um lado eu tive uma filha, a Camila, do outro lado claramente não tive filha nenhuma, melhor era ficar deitada quieta na rede sem balanço nenhum. (Carrara, 2021, p. 70)

Essa oscilação constante entre lembrança e invenção dá à narrativa uma dimensão temporal subjetiva, que dialoga com a concepção de “duração” da proposta de Henri Bergson (1990). Para o filósofo, o tempo vivido não se organiza em sequência linear, mas em sobreposições contínuas de passado e presente. É nesse tempo da consciência que Aurora vive: entre a lucidez e o delírio, suas memórias emergem como fragmentos de um fluxo de consciência descontínuo, em que o real e o imaginário coexistem. Pensando no trecho citado do romance, a protagonista traduz poeticamente a tensão bergsoniana entre o que foi vivido e o que é lembrado, entre a certeza e o vazio da memória.

A cada capítulo, novas versões do passado são reveladas, especialmente em torno da morte da filha Camila, cuja finitude é recontada de maneiras diversas como acidente de avião, infecção, overdose ou suicídio. Esse caráter reiterativo da morte simboliza o trauma que estrutura o relato e confirma o que Harald Weinrich observa em *Lete: arte e crítica do esquecimento* (2001), em que o esquecimento não é mera perda, mas força criadora. Com Aurora, cada apagamento dá origem a um novo modo de lembrar, e a própria repetição das tragédias torna-se tentativa de reinscrever sentido àquilo que a dor dissolveu. A morte de Camila, sempre reescrita, é a metáfora central do romance, pois lembrar é sobreviver, mesmo que por meio da invenção.

[...] o que ela não conseguiu, permanecer viva, eu suponho, mas em que sentido, não conseguiu lutar contra todos os caminhos da morte, ou não conseguiu suportar isso que chamam de vida e é na verdade a fuga incansável da morte. (Carrara, 2021, p. 120)

O romance de Carrara, portanto, não se limita a descrever a desordem mental da protagonista, ele encena o processo memorialístico, transformando a narrativa em espelho da mente fragmentada. A figura de Rosa, a assistente social, assume papel essencial nesse processo. É por meio do diálogo com ela que Aurora tenta reconstruir sua identidade, mostrando que a memória individual só se realiza em contato com o outro. Halbwachs (1990) ressalta que toda lembrança é socialmente situada e se ancora nas referências coletivas de um grupo, criando um “conjunto de lembranças comuns a outros grupos, grupos mais restritos e mais duráveis, tais como os de nossa família” (Halbwachs, 1990, p. 172). Portanto, quando Aurora conversa com Rosa, não apenas recorda, mas busca validar suas

memórias por meio da escuta alheia, ainda que suas histórias se revelem contraditórias.

A instabilidade identitária de Aurora encontra ressonância nas reflexões de Joel Candau (2011), que compreende memória e identidade como elementos inseparáveis. Se para o autor não há busca identitária sem memória, é na reconstrução do passado que o sujeito se reconhece. Com Carrara, essa busca se mostra sempre inacabada, visto que Aurora tenta recompor quem é, mas cada lembrança revela apenas a precariedade de seu “eu”. Quando a personagem afirma “se eu coloco hoje a mão na minha barriga é muito claro que ela esteve cheia (Carrara, 2021, p. 32), ela expressa a necessidade física de provar a própria história, de transformar o lembrar em algo palpável, corporal, ainda que o corpo também traia o tempo.

Os diferentes desfechos para Camila e a alternância entre tal nome ser de uma filha ou de uma amiga revelam que a memória de Aurora é menos um arquivo e mais uma construção poética. A multiplicidade de versões indica uma tentativa de resistir à morte pela reinvenção. Em cada narrativa, a protagonista recria sua relação com o passado, demonstrando que o ato de lembrar é, na verdade, um ato de escrever novamente. Carrara, ao dar forma a essa mente dispersa, sugere que o esquecimento é constitutivo da experiência de viver, pois sem ele, a lembrança se torna estática, incapaz de gerar sentido.

31

Rosa perguntou por que não acho possível que eu tenha mesmo a minha amiga Camila depois da nossa adolescência, minha grande amiga, procurando obstinada por mim, mas tenha também a minha menina, já quase na próspera idade dos quarenta anos, e eu respondo que simplesmente as coisas não são assim, é da minha amiga Camila que lembro, não há filha nenhuma, eu garanto, e se amanhã eu vier a lembrar da filha, o que sinceramente duvido, e a amiga estiver ali parada na infância, é porque assim é, não se presenteiam duas Camilas a uma única pessoa (Carrara, 2021, p. 98).

As lembranças de Aurora também são atravessadas pelo medo da velhice e pela angústia diante da morte, sentimentos que a escritora Mariana Salomão Carrara reconhece como motores de sua própria criação literária. Em entrevistas, a autora afirma temer a finitude e o esquecimento, projetando em Aurora sua reflexão sobre o envelhecer e o desmantelamento daquilo que se constrói ao longo da vida. O abrigo, cenário da narrativa, reflete esse estado liminar, afinal, é o lugar

da sobrevivência do corpo, mas da morte simbólica da identidade. Assim, o espaço físico do romance é também o espaço metafórico da memória, um arquivo instável, sempre prestes a se apagar.

Ao longo da obra, a autora também insere pequenos elementos recorrentes – o fusca colorido, os cães Perdoai e Ofendido, o nome de Antônio, os ecos da ditadura militar – que reaparecem em diferentes versões das lembranças. Esses fragmentos, repetidos e rearranjados, funcionam como rastros do real em meio à confusão mental da narradora. A reiteração desses detalhes, ao mesmo tempo que reforça a verossimilhança, expõe a natureza falha da lembrança, como se a mente de Aurora tentasse organizar o caos com os poucos vestígios que restam. O resultado é uma escrita labiríntica, em que cada lembrança abre para outras, num movimento de eterno retorno.

No desfecho do romance, a revelação de que tanto a filha quanto a amiga Camila estão vivas desmonta as narrativas construídas até então e revela a dimensão trágica do esquecimento. Aurora, ao ser confrontada com a verdade, parece mais perdida do que nunca, mas também mais consciente de si. O gesto final, quando segura a coleira vazia e aceita ser “devolvida”, sintetiza sua trajetória: a memória falha, mas o afeto persiste. Carrara, então, transforma o esquecimento em potência estética e existencial, mostrando que lembrar não é recuperar o passado, e sim criar um modo de sobreviver a ele.

Eu ia pedir um pastel, mas lembrei que de fato não tenho como pagar. Depois volto e pago, porque amanhã a Rosa vai me levar até a minha casa, vou ser devolvida, talvez mesmo para Deus. É muito ruim ser devolvido onde quer que seja. (Carrara, 2021, p. 267).

O mergulho no significado da memória

Em um mundo saturado por informações e pela aceleração do tempo, o ato de lembrar – outrora sustentado pela tradição oral e coletiva – converte-se em uma experiência cada vez mais individual e instável. Ainda assim, como observa Weinrich (2001), a memória permanece como objeto de estudo recorrente entre a filosofia, a história e a psicologia, justamente por ser o espaço em que se preserva a experiência humana diante da efemeridade. A literatura, nesse

contexto, torna-se uma forma privilegiada de resistência à amnésia do mundo moderno, pois o autor e o leitor se tornam guardiões da lembrança, reconstruindo o passado por meio da palavra.

Ao ler *É sempre a hora da nossa morte amém* (2021), é possível perceber a aplicação metafórica de Weinrich (2001) quando o autor compara a memória a um grande armazém, em cujos porões mais profundos residem lembranças que o tempo obscurece, podendo, contudo, retornar à superfície. O esquecimento, portanto, não se opõe à memória, mas é sua condição natural, pois

Ninguém está a salvo do esquecimento. Todos já passaram pela experiência de ter esquecido uma coisa ou outra, ou mesmo de ter esquecido completamente muito do conhecimento arduamente adquirido. Ninguém pode permitir se dizer levemente: É inesquecível! Isto eu jamais esquecerei! O homem está naturalmente sujeito à lei do esquecimento, ele é fundamentalmente um animal oblimseens. (Weinrich, 2021, p. 8)

33

Essa imagem encontra eco na personagem Aurora, cuja velhice simboliza o mergulho nos porões do armazém da mente – o espaço onde as lembranças perdem forma e se confundem com invenções.

Weinrich associa ainda o esquecimento à mitologia grega, sobretudo ao Rio Lete, que, ao fluir, dissolve “os contornos da lembrança da realidade” (Weinrich, 2001, p. 13). É possível pensar que Aurora, antes mesmo da morte, bebe metaforicamente dessas águas, visto que seu esquecimento é progressivo, e cada lembrança que tenta resgatar é como um retorno à superfície do rio Mnemosyne, o posto do Lete. Ao narrar para Rosa, Aurora parece oscilar entre essas duas correntes, revelando como lembrar é um ato de sobrevivência em meio à dissolução do tempo.

A figura de Rosa, por sua vez, desempenha um papel semelhante ao das Musas evocadas por Homero e Virgílio, filhas de Mnemosyne, capazes de conceder a lembrança aos poetas. Como nas epopeias antigas, em que os aedos pediam inspirações às divindades da memória para recompor os feitos do passado, Rosa torna-se mediadora da rememoração. É ela quem desperta, na protagonista, os fragmentos de uma identidade já quase perdida e a relação entre as duas personagens traduz o processo de evocação descrito por Weinrich, isto é,

a lembrança como movimento guiado por um outro que escuta, acolhe e evoca a memória a emergir.

Eu sempre avisei a Rosa que era melhor me deixar com a minha história esquecida que eu tinha esquecido devia ser por bastante motivo mas ela é assistente social então ela precisa fazer isso, assistir as pessoas a encontrarem seu meio social, a viverem dentro de uma sociedade [...] (Carrara, 2021, p. 61).

Contudo, a memória de Aurora não é apenas evocada, mas reconstituída. É nesse ponto que se insere o pensamento de Henri Bergson (1990), cuja filosofia estabelece a base teórica para compreender a natureza do lembrar. Em *Matéria e memória*, Bergson propõe que o tempo da consciência é contínuo, e que a memória é inseparável da percepção, pois “a memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente” (Bergson, 1990, p. 55). Em Aurora, essa fusão entre passado e presente é constante. Cada lembrança narrada à Rosa não se apresenta como um registro estático do que foi vivido, mas como atualização do que ainda pulsa em sua consciência, impregnada de afeto, culpa e perda.

Bergson (1990) distingue duas formas de memória: a memória hábito, ligada à repetição e à ação cotidiana, e a memória pura, associada à lembrança desinteressada, ao retorno ao vivido. Aurora transita entre ambas. Quando relembra mecanicamente episódios de sua juventude – o fusca colorido, o trabalho do marido, as repetições do nome Camila –, manifesta uma memória hábito. Quando, porém, mergulha nas lembranças dolorosas da maternidade e da velhice, acessa a memória pura, um espaço em que o passado retorna como experiência emocional. Ao recordar que foi encontrada “na beira da estrada, manca e suada, segurando uma coleira vazia” (Carrara, 2021, p. 158), Aurora revive não apenas o fato, mas a sensação de perda que o acompanha, com o corpo e o espírito entrelaçados no tempo.

A partir da noção de “duração”, é possível compreender por que a narrativa de Carrara não segue uma linha cronológica. A memória de Aurora é um contínuo atravessado por afetos, e cada lembrança nasce do presente que a evoca. O passado, assim, não é algo que permanece, que insiste em retornar sob novas formas. A autora traduz essa concepção em uma estrutura circular e melancólica, na qual o tempo se dobra sobre si mesmo, e lembrar é uma maneira de existir.

Quando Aurora reflete que “é sempre a hora da nossa morte” (Carrara, 2021, p. 244), o enunciado ecoa a ideia bergsoniana de que toda consciência é uma interseção entre o que já passou e o que ainda se cumpre.

A literatura, nesse sentido, converte-se em um espaço privilegiado da memória, pois nela o passado pode ser reescrito infinitamente. Aurora, ao narrar suas lembranças, cumpre a função que Bergson atribui ao ato de recordar, o “reconhecimento”, movimento que associa a percepção presente às imagens do passado (Bergson, 1990, p. 70). Ainda que o reconhecimento de Aurora seja falho e fragmentário, é ele que a mantém viva, pois cada lembrança, mesmo inventada, reata o vínculo entre corpo e espírito.

Eu sempre avisei a Rosa que era melhor me deixar com a minha história esquecida que eu tinha esquecido devia ser por bastante motivo mas ela é assistente social então ela precisa fazer isso, assistir as pessoas a encontrarem seu meio social, a viverem dentro de uma sociedade [...] (Carrara, 2021, p. 61).

35

A distinção bergsoniana entre memória hábito e memória pura também permite compreender a experiência do leitor. Enquanto Aurora se move pela memória pura – reatualizando afetos e dores –, o leitor opera pela memória hábito, ativando seu repertório cultural para interpretar o enredo e reconhecer os símbolos narrativos. Assim, Carrara cria uma rede de espelhamentos: o esquecimento de Aurora convoca a lembrança do leitor, e a ficção se torna, ela mesma, um exercício de memória coletiva.

A relação entre corpo e espírito proposta por Bergson encontra, enfim, em *É sempre a hora da nossa morte amém* (2021), uma forma literária singular. O corpo envelhecido de Aurora, limitado pela velhice, contrasta com o fluxo incessante de sua consciência, que insiste em recordar, mesmo diante do colapso da razão. O esquecimento não é falha, mas parte essencial da duração: é ele que permite à personagem reinventar-se a cada lembrança. Como observa Bergson, “o ato concreto pelo qual reavemos o passado é o reconhecimento” (1990, p. 70), e Aurora reconhece a si mesma apenas enquanto narra.

Enquanto Weinrich e Bergson ajudam a compreender o esquecimento e a duração como fenômenos inevitáveis e estruturantes da consciência individual, Maurice Halbwachs e Joel Candau ampliam essa reflexão ao situar a memória em sua dimensão social e identitária. Em *A memória coletiva* (1990), Halbwachs

sustenta que nenhuma lembrança é puramente individual, pois recordar implica sempre um diálogo com os grupos ao quais pertencemos. Toda recordação se ancora em um quadro social que a legitima, pois lembramos dentro de linguagens, crenças e afetos compartilhados. Essa concepção é essencial para compreender a relação entre Aurora e Rosa no romance de Carrara.

não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (Halbwachs, 1990, p. 39).

Rosa não é apenas uma interlocutora, mas sim o elo que reinsere Aurora no tecido social do qual fora escolhida. O processo de rememoração só se torna possível porque já há uma escuta, alguém que acolhe e reorganiza o que está disperso. Ao ser questionada por Rosa, Aurora tenta dar sentido à sua história, e nesse ato, a memória individual se transforma em memória coletiva.

Eu não sei, Rosa, o que você tem pra descobrir da minha vida, mas certamente se eu pudesse mesmo escolher eu queria um futuro, não um passado, é insuportável deixar de existir, e não há a menor possibilidade de que você me comunique que descobriu isto, que não vou morrer jamais. (Carrara, 2021, p. 224)

A presença de Rosa devolve à protagonista a possibilidade de pertencer, de narrar-se dentro de uma comunidade, ainda que mínima. Assim, Carrara concretiza literariamente a teoria de Halbwachs, para quem a lembrança é sempre reconstrução guiada pelo olhar do outro.

A perda de memória, no caso de Aurora, não é apenas um sintoma da velhice, mas também o resultado da solidão e do afastamento dos vínculos sociais. É o isolamento que acentua o esquecimento, e é o contato humano, mesmo tardio, que reativa o processo de lembrar. O abrigo, embora fisicamente limitado, torna-se um espaço simbólico de reconstrução da identidade, pois nele, Aurora é simultaneamente paciente e narradora, ouvinte e autora. Sua voz, antes dissolvida no fluxo do esquecimento, encontra em Rosa uma forma de ecoar, ainda que por fragmentos.

A Rosa me deixa ir à biblioteca lá no centro e escolher livros de vez em quando, no começo ela falou que eu tinha de focar na minha lembrança e não na história dos outros, mas o barato é que às vezes no meio de um livro eu lembro que já o tinha lido trinta e cinco anos atrás, e junto com essa lembrança volta com força numa golfada tudo o que havia na minha vida ao redor daquele livro, o parque em que eu lia num domingo, com quem, se minha mãe estava ou não estava morta, se a mãe da Camila estava ou não por perto, se havia ou não Antônio. Então é bom que eu leia e releia muitos livros, nossa própria história pode estar imbricada na metáfora de alguém [...] (Carrara, 2021, p. 200).

37 É nesse ponto que as reflexões de Candau (2011) aprofundam a leitura de Aurora como sujeito de memória e identidade. Em seu estudo, o antropólogo defende que “não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente” (Candau, 2018, p. 19). A memória, segundo ele, é a base sobre a qual o indivíduo edifica a consciência de sua continuidade e coerência ao longo do tempo. Com Carrara, essa continuidade é precária, mas ainda assim possível, visto que Aurora tenta reconstituir seu “eu” por meio de narrativas que ora se contradizem, ora se complementam. Suas histórias, mesmo falsas, funcionam como pilares simbólicos de uma identidade em ruínas.

Quando Aurora se recorda de uma filha que talvez nunca tenha existido ou de uma amiga cujo rosto se confunde com o da filha, não se trata apenas de confusão mental, trata-se da tentativa de afirmar uma continuidade emocional. As duas Camilas são projeções de um mesmo afeto, encarnações diferentes do amor e da culpa que a personagem carrega. Candau (2011) observa que a memória tem uma dimensão seletiva e afetiva: lembramos não o que queremos, mas o que precisamos para sustentar o sentimento de quem somos. Assim, ao inventar e reinventar suas Camilas, Aurora preserva o sentido de si mesma, ainda que esse “si” seja instável e mutável.

O doutor refaz um monte de perguntas que já me fizeram antes de me liberarem do hospital e depois me olha com algum desgosto porque eu simplesmente não me encaixo em nenhuma das suas teorias [...] Estou ciente de estar diante de um neurologista e no entanto ele não está gostando do meu caso porque sou um desafio, ele precisa saber que eu detesto ser um desafio, sou uma pessoa totalmente devota à ideia de diagnóstico (Carrara, 2021, p. 26-27).

Essa memória afetiva, reconstituída a partir da dor, também é moldada pela ausência. O esquecimento, longe de ser apenas perda, é, como já assinala Weinrich, o intervalo que permite à lembrança respirar. No caso de Aurora, cada lapso é uma tentativa de proteção, uma defesa psíquica diante da intensidade da culpa e da solidão. Halbwachs explica que lembrar é também esquecer, pois toda ato de memória é uma escolha, uma reconstrução seletiva que elimina o insuportável. Carrara traduz esse processo com delicadeza ao fazer a narradora recordar o que pode suportar e apaga o que ameaça desintegrá-la.

A interação entre as teorias de Halbwachs e Candau permite compreender o gesto de Carrara como uma escrita que une o íntimo e o coletivo. A memória de Aurora não é apenas um espelho individual, mas um reflexo das fragilidades contemporâneas, da solidão dos idosos, do medo da morte, da dissolução dos laços familiares. A literatura, nesse sentido, transforma-se em um espaço de recomposição da experiência humana. Cada vez que Aurora fala, mesmo que confusa, ela reinscreve o sujeito esquecido na linguagem e reafirma sua existência diante do outro. Candau (2011) ainda disserta que a memória esquecida

não é sempre um campo de ruínas, pois ela pode ser um canteiro de obras. O esquecimento não é sempre uma fragilidade da memória, um fracasso da restituição do passado. Ele pode ser o êxito de uma censura indispensável à estabilidade e à coerência da representação que um indivíduo ou os membros de um grupo fazem de si próprios (Candau, 2011, p. 27).

Ao final do romance, quando Rosa descobre que tanto a filha quanto a amiga Camila estão vivas, a revelação não invalida as memórias anteriores, pelo contrário, confirma sua força simbólica. O que importa não é a veracidade dos fatos, mas a potência de sentido que Aurora atribui a eles. Sua confusão é a forma extrema de uma verdade humana, pois lembramos não para reproduzir o real, mas para reconstruir a nós mesmos. Candau (2011) diria que a identidade se mantém “apesar” do esquecimento, e talvez “por causa” dele.

Considerações finais

O presente estudo sobre o romance *É sempre a hora da nossa morte amém* (2021) revela que a memória, longe de ser um simples repositório de lembranças, constitui-se como um campo de tensão entre o lembrar e o esquecer, entre o real e o imaginado. Ao construir a narrativa a partir das hesitações de Aurora, Mariana Salomão Carrara confere à lembrança uma função existencial, isto é, lembrar é resistir ao apagamento, é afirmar a própria presença em um mundo que constantemente dissolve identidades e experiências. Nesse sentido, a obra se inscreve no horizonte de uma literatura que problematiza o tempo e a consciência, trazendo à tona as fragilidades da memória como parte inseparável da condição humana.

Estudar a memória dentro desse romance é, portanto, compreender o modo como a ficção contemporânea elabora as crises do sujeito moderno. Aurora encarna o indivíduo fragmentado de uma era saturada de informações e carente de vínculos, em que o esquecimento se torna, além de inevitável, um sintoma social. O romance de Carrara transforma essa condição em matéria poética e crítica, questionando o valor da lembrança em tempos de aceleração, superficialidade e desatenção. A autora, ao dar voz a uma mulher idosa que tenta reconstruir a própria história, confere à memória um estatuto ético, pois o lembrar passa a ser um gesto de resistência contra o anonimato e a desumanização.

No mundo atual, em que a velocidade da comunicação e o excesso de imagens favorecem o esquecimento coletivo, obras como “*É sempre a hora da nossa morte amém*” (2021) recuperam a importância de narrar, escutar e preservar. A literatura torna-se, assim, um espaço de permanência, um refúgio contra o escoamento incessante do tempo. A reflexão sobre a memória proposta por Carrara dialoga diretamente com o presente e com os estudos dos grandes autores dissecados acima, pois questiona a perda de profundidade das experiências e a diluição das identidades em meio ao ruído contemporâneo.

Em síntese, estudar a memória nessa obra é também refletir sobre o próprio ato de existir em uma época que tende a apagar o passado e homogeneizar o presente. Entre as águas do Lete e de Mnemosyne, Aurora se move como uma metáfora da humanidade contemporânea, esquecida de si, mas ainda em busca

de sentido. Por meio de sua voz, Carrara reafirma que a literatura continua sendo o espaço no qual a lembrança pode resistir, no qual o esquecimento se transforma em linguagem, e no qual, apesar de tudo, ainda é possível reconstruir, pela palavra, o que o tempo tentou apagar.

Referências

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011. p. 27-131.

CARRARA, Mariana Salomão. *É sempre a hora da nossa morte amém*. São Paulo: Nós, 2021.

"É SEMPRE A HORA DA NOSSA MORTE AMÉM": Mariana Salomão Carrara conversa com Chico Felitti. 1 vídeo (57 min). Publicado pelo canal Livraria Megafauna. Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tEfF6UJQIEw>. Acesso em: 10 dez. 2025.

NETO, José Nunes de Cerqueira. Como escreve Mariana Salomão Carrara. *Como eu Escrevo*. Disponível em: <https://comoeuescrevo.com/mariana-salomao-carrara/>. Acesso em: 01 jun. 2022.

COSTA, José Carlos; ALVES, Lourdes Kaminski. Representações da memória e da literatura e na cultura. *Revista Investigações*, Vol. 23, nº 1, p. 187-210, jan./2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1338>. Acesso em: 25 nov. 2025.

FRANZ, Marcelo; CORREA, Thiago Alexandre. "E todo silêncio é música em estado de gravidez": Representações do lembrar e do esquecer em Antes de nascer o mundo, de Mia Couto. *Revista Conexão Letras*, [S. l.], v. 14, n. 21, p. 85-98, 2019. Acesso em: 25 nov. 2025. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/95416/53626>. Acesso em: 10 dez. 2025.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução Laurent Léon Shaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

MARIANA SALOMÃO CARRARA e as diferentes vozes de seus livros - com DANI NEGA no ARENA DA PALAVRA. 1 vídeo (35 min). Publicado pelo canal Polo Cultural. Youtube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KuhNAX9COYY>. Acesso em: 10 dez. 2025.

ORIGINAIS #06 - Mariana Salomão Carrara sobre Memórias. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal *Todavia*. Youtube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JgQnUN-7l1Q&t=56s>. Acesso em: 10 dez. 2025.

SEGUNDAS INTENÇÕES com Mariana Salomão Carrara. 1 vídeo (103 min). Publicado pelo canal *BSPBIBLIOTECA*. Youtube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7ATPxA2Q9g8>. Acesso em: 09 dez. 2025.

WAGNER, Peter. Crises da modernidade – a sociologia política no contexto histórico. *RBCS*, São Paulo, v.11, n.31, p. 29-43, jun. 1996.

WEINRICH, Harald. *Lete: Arte e crítica do esquecimento*. Tradução Lia Luft. Rio de Janeiro: Editora: Civilização Brasileira, 2001. p. 11-13.

Letramento Literário na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI): um estudo sobre o Projeto EducaPesca em Bragança-PA

Cassio Matheus Sales da Costa¹

Rodrigo Milhomem de Moura²

Considerações iniciais

A Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) configura-se como um campo educativo que tem um papel central na promoção da inclusão social, cidadania e valorização das identidades dos sujeitos educandos/as. Nesse contexto, a articulação entre processos de escolarização básica e educação profissional, como exemplificado pelo Projeto EducaPesca, objeto de estudo neste texto, representa uma resposta educativa que dialoga com as demandas concretas de populações historicamente marginalizadas e com modos de vida específicos, como os/as pescadores/as do município de Bragança-PA (Bragança, 2020; Brasil, 1996).

Nesse contexto, a pedagogia crítica de Paulo Freire (1983; 1987; 1997) ganha destaque nessa modalidade educacional, buscando valorizar os saberes prévios dos/as educandos/as e a sua realidade sociocultural, promovendo uma educação problematizadora e emancipatória. A abordagem freiriana destaca-se pelo compromisso com a construção do conhecimento a partir da vivência dos sujeitos, possibilitando que os/as educandos/as “leiam o mundo” para o transformar, ultrapassando a mera decodificação mecânica da leitura (Freire, 1983).

A literatura, nesse cenário, assume papel de destaque pois contribui para o fortalecimento das identidades e amplia as dimensões estética, ética, social e cultural dos sujeitos. Autores como Antônio Candido (2004) ressaltam que a

¹ Graduado em Letras – Português pela Universidade Federal do Pará (UFPA). *E-mail:* cassiomsales@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-3399-9815>.

² Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e professor do Magistério Superior da Faculdade de Letras do Campus Universitário de Bragança, da Universidade Federal do Pará (UFPA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5156-2076>. *E-mail:* rodrigomilhomem@ufpa.br

literatura é um aparato fundamental na formação dos sujeitos, pois promove a empatia, a reflexão crítica e a solidariedade, elementos essenciais para a construção de uma consciência cidadã. Com isso, o letramento literário na EJAI deve ser entendido como uma prática cultural que reconhece e valoriza a diversidade de vozes e experiências dos/as educandos/as.

O Projeto EducaPesca, enquanto iniciativa articuladora entre a educação formal e o mundo do trabalho, insere-se na perspectiva da pedagogia da alternância, que respeita os tempos e espaços de vida dos/as estudantes, integrando as práticas educativas às suas rotinas laborais e comunitárias (Bragança, 2020). Tal organização curricular contribui para um ensino contextualizado, que valoriza as narrativas e saberes tradicionais dos pescadores/as, conforme apontado nas Diretrizes Político-Pedagógicas de Bragança (Bragança, 2020).

Dessa forma, a escolha por investigar o Projeto EducaPesca como campo de estudo acadêmico nasce de uma motivação pessoal e científica, decorrente das experiências vividas durante os estágios supervisionados, os quais se ancoram na realidade concreta do município de Bragança. O contato direto com a EJAI e com os sujeitos que dela participam despertou o interesse em compreender como a escola pode dialogar com saberes tradicionais e com os modos de vida marcados pelo trabalho artesanal e histórias de resistência de uma população frequentemente marginalizada. Essa investigação reflete, ainda, um compromisso científico, social e afetivo, reconhecendo a educação e a literatura como forças de transformação e valorização identitária.

Nesse viés, a presente pesquisa tem como objetivo discutir a importância do letramento literário no âmbito da EJAI, analisando como essa prática tem sido implementada no projeto EducaPesca. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise documental e na pesquisa bibliográfica. Como materiais de análise, foram utilizados registros em diário de campo, entrevistas com três estudantes participantes do projeto e com um professor, além da observação participante realizada durante a culminância dos projetos desenvolvidos pelos/as alunos/as da comunidade Vila do Castelo, localizada em Bragança-PA.

A reflexão teórica que fundamenta este estudo perpassa discussões sobre letramento literário, práticas pedagógicas e educação como processo de

emancipação, articuladas com as contribuições de Freire (1983; 1987; 1997), Candido (2004) e Cosson (2006). Assim, espera-se contribuir para o debate sobre modelos educacionais capazes de atender às demandas de populações vulnerabilizadas, fortalecendo a educação pública e promovendo a democratização do acesso ao conhecimento.

O trabalho está organizado, além desta introdução, nos seguintes tópicos: literatura, abordando conceitos, relevância social e papel na escola; letramento literário e letramento literário na EJAI; Projeto EducaPesca; percurso metodológico; resultados e discussões; e considerações finais e referências.

Literatura: conceitos, relevância social e o papel na escola

A literatura é uma das mais antigas formas de expressão humana, marcada por sua capacidade de representar a experiência, o sentimento e o pensamento por meio da linguagem artística. Ela não se limita à simples transmissão de informações, mas se distingue pela busca de um efeito estético, pela exploração criativa da linguagem e pela abertura à pluralidade de interpretações.

Para Candido (2004), a literatura possui uma função humanizadora, pois amplia a sensibilidade e a compreensão do ser humano diante do mundo, humanizar significa ampliar a condição humana, ou seja, despertar e desenvolver as dimensões emocionais, éticas, estéticas e sociais que nos constituem como sujeitos em sociedade. Ao mesmo tempo em que contribui para o desenvolvimento da empatia e da imaginação. Candido (2004) defende ainda que a literatura é uma necessidade humana fundamental, pois desenvolve a sensibilidade e contribui para a construção da dignidade do sujeito, atuando diretamente no seu processo de humanização.

A definição do que é literatura, no entanto, não é simples ou unívoca. Diferentes correntes teóricas propõem critérios variados para identificá-la. Um dos critérios mais clássicos é o da literariedade, conceito central do Formalismo Russo, especialmente nos estudos de Roman Jakobson. Segundo Jakobson (1973), o que torna um texto literário é o predomínio da função poética da linguagem, isto é, a atenção voltada à própria forma do enunciado, ao ritmo, à sonoridade, às figuras de linguagem e à estrutura interna da obra.

Além da forma, a literatura também pode ser reconhecida por sua capacidade de provocar o estranhamento do mundo. Viktor Shklovsky, outro formalista russo, defendia que a arte, e, portanto, a literatura, “retarda a percepção”, fazendo com que o/a leitor veja o mundo com novos olhos. Esse desvio da linguagem comum é um dos traços que conferem à literatura seu valor estético, ao romper com a naturalização da experiência cotidiana e propor novas formas de olhar a realidade (Shklovsky, 2011).

O autor Terry Eagleton (2006) reforça essa ideia ao afirmar que a literatura corresponde ao que uma determinada sociedade reconhece como tal. Ou seja, além das qualidades intrínsecas, a literatura seria uma construção cultural, cujo reconhecimento depende de fatores históricos, ideológicos e institucionais. Essa visão rompe com a ideia de uma essência universal da literatura, e nos convida a observar como diferentes contextos e grupos sociais moldam seus próprios cânones literários.

Outro elemento importante para caracterizar a literatura é sua relação com o imaginário coletivo. A literatura constrói sentidos, questiona estruturas de poder, preserva a memória cultural e propõe novas visões de mundo. Nesse sentido, ela desempenha tanto um papel estético, como também ético e político. Roland Barthes (2004) destaca que o texto literário, ao explorar a polissemia e a ambiguidade, rompe com a linguagem normativa e revela as contradições do discurso social. Ou seja, ela permite o contato com diferentes visões de mundo, amplia o horizonte de experiências e estimula a empatia ao promover o encontro com o outro, com o diverso e com o desconhecido.

A valorização da literatura na contemporaneidade também está associada à sua capacidade de oferecer resistência simbólica em meio ao excesso de informações e à superficialidade da comunicação cotidiana. Ainda segundo a perspectiva do autor Eagleton (2006), a literatura mantém sua relevância na medida em que é capaz de questionar as estruturas de poder, as ideologias dominantes e os discursos normativos.

Contudo, essa valorização não é homogênea. Em contextos escolares e institucionais, por exemplo, a literatura ainda é muitas vezes tratada de forma prescritiva, como um conteúdo a ser decorado ou um modelo de “boa linguagem” a ser seguido. Candido (2004) critica essa abordagem reducionista e defende que a literatura deve ser compreendida como uma necessidade humana fundamental,

pois contribui para a formação ética, afetiva e crítica dos indivíduos. Para ele, negar o acesso à literatura é uma forma de desigualdade cultural e simbólica.

Por outro lado, novas formas de acesso e de mediação da literatura têm surgido, especialmente nas redes sociais, onde autores/as independentes, clubes de leitura e projetos de incentivo à leitura têm ampliado o contato do público com produções literárias diversas. Nesse contexto, a literatura é ressignificada e revalorizada por meio de experiências coletivas e interativas. Henry Jenkins (2009) aponta que a cultura participativa (típica do ambiente digital) permite novas formas de engajamento com os textos, aproximando leitores/as e escritores/as e promovendo um diálogo mais horizontal.

Outro aspecto relevante é a valorização de vozes e narrativas antes marginalizadas no cânone literário. A contemporaneidade tem presenciado uma abertura cada vez maior à literatura de autoria de pessoas negras, indígenas, LGBTQIA+, mulheres e outros grupos historicamente excluídos. Essa ampliação do repertório contribui para a renovação do campo literário e para a construção de uma literatura mais diversa e representativa, como destacam Dalcastagnè (2012) e Silva (2020), ao analisarem a crescente diversidade na produção literária brasileira.

Com isso, a literatura na sociedade contemporânea é compreendida de forma multifacetada: ora desvalorizada por forças do mercado e da cultura de massa, ora resgatada por sua potência simbólica, crítica e formativa. A valorização da literatura depende, em grande medida, das políticas públicas de incentivo à leitura, da atuação das instituições de ensino e do engajamento do Estado e da sociedade civil na construção de um ambiente que reconheça o valor cultural e humano do texto literário. Há, assim, possibilidades promissoras, como os projetos de mediação de leitura, os clubes literários escolares e o uso consciente das tecnologias digitais para aproximar os/as jovens dos textos literários.

A literatura, se tratada como experiência e não como mera obrigação, pode contribuir de forma significativa para a formação integral dos sujeitos. Historicamente, no contexto escolar brasileiro, a literatura foi tratada majoritariamente como um instrumento de normatização da linguagem e de imposição de um cânone fixo. Durante muito tempo, prevaleceu uma abordagem conteudista, centrada na memorização de autores/as e datas, afastando os/as alunos/as da fruição estética e do pensamento crítico. Silva e Zilberman (1990),

por exemplo, apontam que o ensino da literatura esteve associado à formação de um/a leitor/a passivo/a, voltado mais para a repetição do que para a interpretação.

Diante disso, é possível concluir que a literatura não se define por um único critério, mas pela interseção de diversos fatores: a forma artística, a recepção cultural, a função simbólica e o contexto histórico. Pensando a partir desse contexto, no próximo tópico, abordamos uma discussão sobre letramento literário no contexto escolar. Para Cosson (2006), é necessário que a escola adote práticas de letramento literário que articulem o prazer da leitura com a formação crítica, respeitando os repertórios culturais dos estudantes e ampliando o acesso à diversidade literária.

Letramento Literário e Letramento Literário na EJAI

47

O letramento literário tem se destacado como um conceito central no campo educacional, especialmente no que concerne ao ensino da literatura nas escolas, conforme preconizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018). Diferentemente da simples decodificação textual, que se limita à identificação de palavras e frases, o letramento literário compreende a capacidade de o sujeito interagir criticamente com o texto literário, reconhecendo suas múltiplas camadas de sentido, bem como seus aspectos estéticos, simbólicos e culturais (Cosson, 2006; Ipiranga, 2019).

Essa perspectiva amplia a compreensão da leitura literária para além da mera extração de informações, destacando sua função formativa e transformadora na construção da subjetividade e na humanização dos/as leitores/as, promovendo o protagonismo do/a estudante na leitura e na construção de sentido. A partir dessa concepção, o objetivo educacional não se restringe a ensinar o ato mecânico de ler, mas sim a formar leitores/as literários/as capazes de reconhecer a função estética da linguagem, perceber a articulação entre forma e conteúdo, e vivenciar a literatura enquanto prática cultural significativa.

Cosson (2006) reforça essa ideia ao propor o “Círculo de leitura”, uma metodologia pautada na prática dialógica e interativa, que valoriza o papel ativo do/a leitor/a na construção do sentido do texto literário. Para o autor, o

letramento literário envolve a apropriação da literatura por meio de práticas sociais e culturais, permitindo que os/as alunos/as construam sentidos e relações com o mundo a partir da experiência literária.

Nesse cenário, a escola assume papel fundamental na democratização do acesso à literatura, especialmente ao garantir que essa experiência seja significativa e contextualizada. Contudo, enfrenta o desafio de romper com práticas ainda fortemente marcadas por uma abordagem prescritiva, conteudista e descontextualizada, que reduz o texto literário a um mero pretexto para exercícios gramaticais ou análises históricas superficiais (Silva; Zilberman, 1990).

Barthes (2004) ressalta que o texto literário opera em múltiplos níveis, combinando ritmo, imagens e ambiguidades que ampliam o horizonte interpretativo do/a leitor/a, convidando-o/a a um diálogo sensível com a obra. Essa interação estética possibilita o desenvolvimento de uma visão crítica do mundo, pois estimula o/a leitor/a a questionar as certezas e as representações pré-estabelecidas. Essa visão se alinha à perspectiva da pedagogia crítica freiriana, que defende uma educação voltada à conscientização e à transformação social. Assim, a leitura literária, nesse sentido, é uma prática de liberdade, que contribui para a formação de sujeitos capazes de “ler o mundo” e, assim, agir sobre ele. O estranhamento literário, ao desautomatizar o olhar, torna-se uma ferramenta para a problematização da realidade, estimulando o pensamento crítico e a criatividade.

De igual modo, a leitura literária se difere de outras práticas de leitura por sua dimensão estética e sensível, ela exige um tipo de atenção distinta, mais lenta, capaz de valorizar a ambiguidade, a metáfora, o ritmo e o silêncio. De acordo Candido (2004) essa dimensão estética não é luxo, mas uma necessidade humana. A literatura amplia, assim, os horizontes da experiência e contribui para a formação ética e emocional do sujeito. Negar o acesso à literatura é, portanto, privar o indivíduo de uma dimensão essencial de sua humanização.

Assim, infere-se que a construção do letramento literário envolve várias dimensões interligadas: estética, ética, social e cultural. A dimensão estética valoriza a experiência sensível com a linguagem literária, estimulando a fruição e a reflexão por meio da forma, ritmo e múltiplos sentidos do texto, conforme destacado por Shklovsky. Já a dimensão ética destaca a literatura como espaço para desenvolver empatia e senso moral, ao aproximar o/a leitor/a de diferentes

realidades e dilemas humanos, fortalecendo uma consciência crítica e humanizada, como enfatiza Candido (2004). A dimensão social reconhece a literatura como prática cultural inserida em contextos históricos e políticos, especialmente relevantes na EJAI onde a valorização de narrativas marginalizadas contribui para combater exclusões e fortalecer a resistência social. Por fim, a dimensão cultural amplia o repertório simbólico dos/as alunos/as, promovendo o acesso a tradições diversas e o reconhecimento da cultura local, o que fortalece a identidade e a autoestima, reforçando o papel da escola como espaço de inclusão e pluralidade cultural.

Nesse sentido, o letramento literário não deve ser visto somente como um conjunto de habilidades técnicas, mas como uma forma de inserção cultural, social e política. Conforme Cosson (2009), o ensino da literatura parte do pressuposto de que todos/as são capazes de ler e interpretar obras literárias, desde que tenham acesso a práticas de leitura que valorizem suas experiências e repertórios culturais. O/A professor/a atua, nesse contexto, como mediador/a, criando condições para que a leitura literária se realize.

49

O papel da escola, portanto, deve ir além da instrumentalização da leitura. O letramento literário deve ser concebido como prática cultural e formativa. Isso implica o reconhecimento da literatura como arte, mas também como linguagem e discurso social. A abordagem proposta por Cosson (2006) em sua sequência didática prevê a articulação entre leitura, produção e oralidade, valorizando a experiência do/a aluno/a e promovendo a construção de sentido de forma ativa e colaborativa.

Nesse contexto, pensando na modalidade educacional em estudo, compreende-se que a EJAI exige que os/as educadores/as repensem métodos e objetivos, considerando as especificidades do público atendido. A experiência de vida, a trajetória social e a diversidade cultural desses sujeitos tornam-se elementos essenciais para a prática pedagógica. A leitura literária, nesse cenário, necessita ser compreendida como uma prática social que permite ao/à leitor/a dialogar com o texto a partir de seu próprio repertório e vivências.

Dito de outro modo, o processo de letramento na EJAI deve considerar as experiências acumuladas pelos/as educandos/as ao longo de suas trajetórias pessoais e profissionais. Oliveira (2011) destaca que esses sujeitos carregam vivências significativas, marcadas pelos desafios sociais, e são, em geral,

trabalhadores e trabalhadoras assalariados/as, do mercado informal ou do campo, que lutam pela própria sobrevivência na cidade ou no interior. Tais vivências não podem ser desconsideradas em uma proposta pedagógica que se pretenda emancipadora. Assim, reconhecer essas experiências como ponto de partida é essencial para que o ensino se torne um espaço de construção de sentido e valorização da identidade dos/as estudantes.

Os/As educandos/as da EJAI são caracterizados/as por sua diversidade etária, social e cultural, englobando indivíduos que, por diferentes motivos, não tiveram acesso ou continuidade à escolarização no tempo adequado (Oliveira, 2011). Segundo o Ministério da Educação (Brasil, 2018), esses/as estudantes frequentemente enfrentam desafios como a necessidade de conciliar estudo e trabalho, bem como a vivência em contextos marcados por vulnerabilidades sociais. Por essa razão, a EJAI demanda abordagens pedagógicas que considerem suas especificidades e valorizem suas trajetórias de vida, rompendo com modelos tradicionais e homogêneos de ensino.

Nesse cenário, o letramento literário assume um papel crucial, pois pode conectar a aprendizagem da linguagem literária às experiências concretas dos/as educandos/as, criando um espaço dialógico entre o texto literário e o mundo vivido (Moura, 2023). O espaço dialógico proposto pelo autor, fundamentado em premissas freirianas, bakhtinianas e em estudiosos como João Wanderlei Geraldi e Marcos Bagno, deve ser compreendido como um ambiente que promove o encontro do sujeito-estudante consigo mesmo/a e com os/as outros/as, favorecendo um olhar crítico e empático sobre si, sobre o outro e sobre sua realidade, possibilitando transformações. Nesses espaços, as práticas de leitura e escrita partem da vivência dos/as educandos/as, garantindo que tenham o que dizer e razões para dizer. Assim, ampliam o domínio dos múltiplos recursos que a língua oferece para a expressão oral e escrita (Moura, 2023).

De acordo com Freire (1997), a educação deve partir da realidade concreta do/a educando/a, valorizando seus saberes e experiências como ponto de partida para a construção do conhecimento, transformando o ambiente escolar em um espaço formativo que respeita e potencializa as identidades culturais dos/as estudantes, promovendo sua autonomia e protagonismo no processo de aprendizagem. Nesse sentido, o autor (1987) afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ressaltando que toda prática, inclusive literária,

deve emergir do universo simbólico e existencial dos/as alunos/as. Para ele, o processo de ensino deve promover a conscientização crítica da realidade, permitindo que os sujeitos se reconheçam como protagonistas de sua própria história. Assim, o letramento passa a ser um meio de emancipação e humanização dos educandos/as da EJAI.

Em síntese, discutir o letramento literário é debater o papel da literatura na formação estética, ética, social e cultural dos indivíduos, reafirmando que a escola deve promover uma relação dialógica entre leitores/as e textos que transcenda a decodificação, favorecendo a construção de múltiplos sentidos e a transformação social (Shklovsky, 1971; Candido, 2004; Cosson, 2006). Dito isso, na próxima seção apresenta-se o projeto em estudo.

Projeto EducaPesca

51

O EducaPesca é um projeto de ensino voltado à educação profissional de jovens, adultos e idosos ligados ao setor pesqueiro do município de Bragança, no Pará. Seu objetivo é fortalecer o processo de escolarização desse público por meio da alfabetização, da educação básica e da qualificação profissional, atendendo pessoas que não tiveram acesso à escola ou que interromperam seus estudos por diferentes razões. A iniciativa resulta de uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Bragança, a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), a Secretaria de Aquicultura e Pesca (SEMAP), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) e a Universidade Federal do Pará (UFPA). (Bragança, 2020).

O ponto de partida do projeto foi o diagnóstico realizado pela SEMAP onde foi verificado por meio do projeto CADASTRAR³, que identificou um alto índice de analfabetismo e baixa escolarização entre os/as pescadores/as da região. A partir de dados do projeto, observa-se que dos 1.684 pescadores e pescadoras registrados, 67% possuem apenas o ensino fundamental incompleto, 11% se declararam analfabetos e apenas 5% completaram o ensino médio (Bragança, 2020). Esse contexto aponta para uma histórica exclusão educacional que compromete a escolarização, a inclusão social e o desenvolvimento econômico

³ Projeto desenvolvido por meio da SEMAP para fazer as observações e cadastros dos/as alunos/as.

local, reforçando a necessidade urgente de políticas públicas que respeitem os modos de vida e trabalho dessa população (Brasil, 1996).

A estrutura curricular do EducaPesca articula os 1º e 2º segmentos da EJA (do 1º ao 9º ano do ensino fundamental) com cursos de qualificação profissional. Esses cursos são organizados em módulos, de forma semestral ou modular, com carga horária mínima integrada à formação básica, conforme orientações da Resolução CNE/CEB nº 1/2021. O projeto fundamenta-se na pedagogia freiriana e na pedagogia da alternância, que privilegiam o respeito aos tempos e espaços vividos pelos/as educandos/as, concretizando a alternância entre o “tempo escola” e o “tempo pesca”. Esta abordagem metodológica possibilita uma educação contextualizada, que articula o saber escolar às experiências práticas e culturais dos/as pescadores/as, valorizando seus saberes tradicionais e suas rotinas produtivas (Freire, 1997).

Dessa forma, o projeto é constituído por uma equipe multidisciplinar, sendo estruturado a partir do eixo temático “Pesca e Sustentabilidade”. Temas como *Identidade, etnia, cultura e gênero; Vida em comunidade; Sistema de produção pesqueira; Tempo; Cidadania; organização social e políticas públicas*. Essas temáticas buscam valorizar os saberes tradicionais dos/as pescadores/as e de suas comunidades, fomentando uma aprendizagem significativa, conectada com suas experiências de vida e trabalho.

As aulas são ofertadas de forma combinada (presencial e não presencial), assim, garantindo a permanência e o sucesso dos/as estudantes. Durante o tempo em que os/as educandos/as estão na função de pescador, são realizadas atividades orientadas, com apoio de livros, videoaulas, podcasts e outros recursos didáticos. A avaliação também permite princípios emancipatórios e formativos, tendo um processo contínuo e participativo.

A formação dos/as estudantes será concedida aqueles/as que cumprirem os critérios de frequência (mínima de 75%) e o desempenho (mínimo de 50% de aproveitamento). Sendo a certificação de conclusão fornecido pela Escola polo do projeto, enquanto a qualificação técnica profissional será emitida pela IFPA e pela Capitania dos Portos da Amazônia Oriental.

O projeto representa uma experiência educacional voltada para a inclusão social no município de Bragança-PA, respeitando as culturas ali inseridas, tendo seu potencial objetivo na formação cidadã e na qualificação profissional, sendo

uma iniciativa importante na formação educacional amazônica, com olhares voltados para os pescadores da região. A realização do projeto está sendo feita por meio de suas culturas locais e saberes tradicionais de suas comunidades, ricas em saberes e tradição. Seja cultural ou social.

Percurso metodológico

O estudo está vinculado ao plano de trabalho “Letramento Literário na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI): um estudo do Projeto EducaPesca”, que integra o projeto maior intitulado “Por um fazer praxiológico no estágio supervisionado”, aprovado no Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Pará. Assim, todos os procedimentos éticos foram seguidos. Inclusive, foram assinados termos de consentimento livre e esclarecido e adotados nomes fictícios para os/as participantes do estudo, com o objetivo de resguardar suas identidades.

53

Dito isso, esta investigação é de natureza qualitativa, orientada por uma abordagem interpretativa, com o objetivo de compreender os fenômenos educacionais presentes no contexto do Projeto EducaPesca. Essa escolha metodológica se justifica pela necessidade de apreender as experiências, percepções e significados construídos pelos sujeitos envolvidos, considerando suas realidades socioculturais e as especificidades do ambiente educacional analisado.

Os procedimentos metodológicos adotados compreenderam inicialmente uma pesquisa bibliográfica, com levantamento e análise crítica de obras que abordam as temáticas do letramento literário, práticas pedagógicas, literatura e educação como processo emancipatório. Já a etapa de campo incluiu uma visita à comunidade da Vila do Castelo, localizada em Bragança, no estado do Pará, onde foi realizada a culminância dos trabalhos de final de semestre do Projeto EducaPesca, envolvendo alunos/as de diversas comunidades participantes. Durante essa visita, foram realizadas três entrevistas com um estudante, uma estudante e um professor. Esses/as agentes foram selecionados a partir de critérios de inclusão que consideraram a participação ativa nas atividades do projeto e a disponibilidade para contribuir com entrevistas no dia da visita.

Foram excluídas pessoas que recusaram a participação ou não puderam assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Vale ressaltar que as questões abordadas com o/a docente buscaram compreender as percepções sobre o letramento literário no projeto, o papel da literatura na formação dos/as alunos/as da EJAI: *qual disciplina o docente ministra no projeto e há quanto tempo atua na iniciativa; se o letramento literário tem sido trabalhado no projeto e como essa atuação é percebida; como o professor enxerga o papel da literatura no desenvolvimento educacional, social e cultural dos alunos da EJAI; quais estratégias são utilizadas ou consideradas importantes para despertar o interesse dos/as estudantes pela leitura literária; quais os principais desafios enfrentados ao trabalhar com literatura nesse contexto; e se o Projeto EducaPesca tem contribuído para o letramento literário dos/as alunos/as e por quê.* Já nas entrevistas com os/as alunos/as, investigou-se *se gostam de ler histórias ou livros e que tipo de leitura preferem; se já houve algum texto ou história que os/as marcou no projeto; se os/as professores costumam levar poemas, lendas, contos ou livros para a sala de aula e se algum deles/as teve impacto em suas vidas; os motivos que os levaram a entrar no projeto EducaPesca e o que mudou em suas vidas após o ingresso; e se a leitura os/as ajuda em seu cotidiano ou no trabalho, e de que maneira.*

A análise dos dados foi conduzida a partir da técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin, permitindo a categorização temática dos relatos e a interpretação dos sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências com a literatura. Essa abordagem possibilita compreender o lugar da literatura na trajetória formativa dos/as educandos/as da EJAI, evidenciando seu potencial como instrumento de expressão, reflexão e transformação social.

Notas sobre o letramento literário no projeto EducaPesca

A experiência observada no âmbito do Projeto EducaPesca evidencia a busca por um diálogo contínuo entre teoria e prática, sustentado por princípios freirianos de valorização dos saberes prévios e da realidade sociocultural dos/as estudantes. A proposta de ensino articulada à Educação Profissional e à vida comunitária atende a uma demanda histórica do setor pesqueiro de Bragança,

permitindo que jovens, adultos e idosos retomem ou iniciem sua escolarização sem se desvincular de suas práticas laborais e culturais.

As estratégias incluem jogos educativos e materiais contextualizados com a realidade pesqueira, em consonância com a Pedagogia da Alternância adotada pelo projeto, que articula o “tempo escola” e o “tempo pesca”. Durante a entrevista, o professor do projeto relatou a importância de trabalhar com os/as educandos/as algo mais lúdico e criativo, em razão do trabalho realizado em suas atividades cotidianas. Por isso, ele busca explorar o potencial criativo de seus/suas educandos/as, promovendo o desenvolvimento da literatura de forma lúdica e significativa, como se observa na seguinte declaração:

Bom, a gente percebe que, entre os alunos da EJA, o que menos agrada é a aula tradicional, com o quadro negro ou a aula tradicional, com uma pedagogia mais tradicional. A gente trabalha mais com a pedagogia da alternância, que é essa proposta de adequar o ensino ao aluno e à realidade da sua comunidade. Então, eles gostam muito de jogos educativos. Para falar a verdade, a atividade de que eles mais gostam, e que a gente mais utiliza com eles, são justamente os jogos educativos, para tornar a aula mais dinâmica.” (Professor, entrevista, 15/07/2025).

55

Os registros apontam que a escolha metodológica por jogos e atividades dinâmicas ajuda no processo de engajamento e adequação à realidade do público-alvo, que frequentemente chega às aulas cansado após jornadas de trabalho. Essa sensibilidade metodológica está alinhada ao princípio de respeito ao tempo e às condições dos sujeitos da aprendizagem, defendido nas Diretrizes Curriculares Nacionais da EJA (Brasil, 2021).

As aulas de Língua Portuguesa, segundo o professor entrevistado, são permeadas por práticas de letramento e alfabetização, considerando que muitos/as alunos/as estavam afastados/as da escola há anos e apresentam defasagens significativas na leitura e escrita. Ao ser questionado sobre o trabalho com letramento literário no projeto, o professor respondeu de forma afirmativa:

Sim, sim. Inclusive, a questão do letramento é dada não só do letramento, mas também com a alfabetização. Mais especificamente, em relação ao letramento, a gente trabalha quase que diariamente, em todas as nossas aulas que a gente ministra, né. Porque são alunos que têm essa dificuldade enorme, né, haja vista que são alunos que já deixaram de estudar há muito tempo. Então, eles têm muita essa necessidade de ler e escrever.

Então, é importantíssimo o nosso papel, enquanto professor, né, da área de Língua Portuguesa, de trabalhar essa questão do letramento e da alfabetização também.” (Professor, Entrevista, 15/07/2025).

Desse modo, nota-se que a fala do professor evidencia a importância do letramento como prática constante na EJAI, destacando a necessidade de desenvolver habilidades de leitura e escrita. Essa abordagem pode ser ampliada pelo letramento literário, ao oferecer, por meio da literatura, a formação crítica e estética dos/as educandos/as. Assim, a partir dessa constatação, torna-se evidente a relevância da perspectiva de Cosson (2006), segundo a qual o letramento literário deve ser compreendido como uma prática social que vai além da decodificação, demandando interpretação, reflexão e produção de sentidos vinculados ao contexto sociocultural do/a leitor/a, algo essencial na EJAI, marcada pela diversidade de repertórios dos/as estudantes.

Embora o professor não tenha especificado em sua fala como se dá o trabalho com o letramento literário, foi possível identificar esse processo na entrevista com uma educanda do projeto. Um exemplo dessa prática é a utilização de lendas regionais levadas à sala de aula, como relatado por Laura, aluna de 55 anos e moradora da Vila Quiera, município de Bragança-PA. Ao ser questionada se os/as educadores/as trabalham com textos literários em sala, sua resposta evidencia essa abordagem:

Sim, eles [os/as docentes] levam lendas para a gente, trazem poemas e livros, e também contam histórias para nós. A minha história que eu sempre falo para meus professores é a lenda do Calça Molhada.” (Laura, entrevista, 15/07/2025)

O relato de Laura evidencia como o uso de lendas regionais no ensino promove a valorização da cultura local, alinhando-se à perspectiva de que a literatura é uma construção cultural moldada por contextos sociais específicos (Eagleton, 2006). Essa prática fortalece a identidade e o sentimento de pertencimento dos/as educandos/as, integrando o letramento literário à sua realidade cotidiana. Nesse sentido, compreendemos que a literatura é um elemento importante no projeto, inclusive, ao possibilitar que a educanda também narre suas lendas preferidas.

Dessa forma, a formação de leitores/as literários/as na EJAI deve ser concebida como um processo que promove a reconstrução das histórias pessoais e sociais dos sujeitos, conectando suas experiências de vida às múltiplas interpretações do mundo proporcionadas pela literatura. Conforme enfatiza Candido (2004), a literatura é uma necessidade universal e um direito humano fundamental, indispensável para a dignidade do indivíduo e, por isso, deve ocupar um espaço inegociável nas práticas educativas. Por isso, compreende-se, a partir da perspectiva freiriana, que o letramento literário não pode ser reduzido a mero conteúdo escolar, mas deve ser valorizado como uma prática de liberdade, humanização e formação crítica (Freire, 1987; 1997). A propósito, o professor fala sobre o lugar da literatura na formação desses/as estudantes, afirmando que:

Bom, em relação à literatura, ela é importantíssima, principalmente no que diz respeito às localidades onde eles habitam, né, onde moram e residem, né. Então, são localidades históricas, né, inclusive como a Vila Quiera, né, que é o berço de Bragança. Por isso, é de suma importância que os alunos tenham esse sentimento de pertencimento, né, à cultura deles, né, a valorização da cultura, bem como da literatura também. Elas são de suma importância para o sucesso e êxito do projeto.” (Professor, entrevista, 15/07/2025).

A fala do professor ressalta a importância da literatura como ferramenta para fortalecer a identidade cultural dos/as educandos/as, especialmente ao valorizar as histórias e tradições das comunidades locais, como a Vila Quiera. Essa vila, localizada na margem direita do rio Caeté, em Bragança-PA, é marcada pelas tradições culturais e pelas narrativas orais que atravessam gerações. Foi fundada no período colonial e surgiu como um ponto estratégico de ocupação portuguesa, tornando-se, com o tempo, um espaço de encontros e trocas culturais entre seus/suas moradores/as. Essa mistura deu origem a uma identidade singular, refletindo em manifestações culturais, mas também na forma como seu povo conta e reconstrói suas próprias histórias. A literatura que brota desse chão bragantino é uma extensão da vida cotidiana, onde o rio, o mangue, o trabalho da pesca e a fé se entrelaçam em narrativas de resistência, memórias e pertencimento.

Nas vozes dos/as moradores/as, a vila se configura como um símbolo de uma Amazônia viva, poética e cheia de significados. As falas dos/as estudantes entrevistados/as indicam que esse contato com a leitura e a escrita vai além da

sala de aula, despertando interesse em conhecer mais sobre a história e a cultura de Bragança:”Gosto de ler história, né, principalmente as que relatam a história de Bragança. A gente gosta mesmo de sempre ler histórias quando tem um tempo” (Laura, entrevista, 15/07/2025).

Essa fala da aluna Laura evidencia o interesse pela leitura de histórias, especialmente aquelas que têm relação direta com a sua realidade local, como a história de Bragança. O gosto por essas narrativas demonstra a importância de aproximar o conteúdo literário da vivência dos/as educandos/as, tornando a leitura uma prática significativa e conectada à cultura e identidade da comunidade.

Nesse sentido, a valorização do mundo vivido pelos/as educandos/as contribui para uma prática pedagógica transformadora, capaz de ampliar as possibilidades de participação social desses sujeitos. Com isso, entende-se, a partir de Candido (2004), que a literatura oferece aos/às estudantes meios para compreender a si mesmos e aos outros, fortalecendo sua identidade e senso crítico. Além disso, em outro momento da entrevista, quando questionada se o projeto contribui em sua vida, Laura afirma: “*Ajuda sim, com certeza. Porque, se não fosse o projeto do EducaPesca, eu não sabia nada; hoje em dia, eu já sei um pouco*” (Laura, Entrevista, 15/7/2025). Esse relato de Laura evidencia a efetividade de práticas emancipatórias, que ultrapassam a mera decodificação de símbolos e amplia as possibilidades de inserção social e cultural do indivíduo, conforme fundamentado na perspectiva freiriana.

Assim, no contexto do Projeto EducaPesca, essa articulação entre o ensino e a realidade dos/as educandos/as, tem-se mostrado eficaz no desenvolvimento das competências básicas de leitura e escrita, e também no estímulo à expressão criativa. Ao valorizar os saberes locais e proporcionar um ambiente de aprendizagem significativo, o projeto incentiva a produção autoral e o protagonismo dos/as alunos/as. Nesse contexto, outro estudante, pescador, relata que o projeto o incentivou a escrever poesias, mencionando já ter produzido três textos:

A leitura me ajuda muito porque eu preciso dela no dia a dia, eu preciso dessa leitura. Então, toda vez que eu busco ler, é algo a mais que eu vou aprendendo. Eu também tenho uma desenvoltura, consigo escrever poemas; escrever é rápido, e a gente consegue esse desenvolvimento. Eu já escrevi três poesias

lindas, e para mim está sendo muito gratificante a leitura a leitura. (Marcos, Entrevista, 15/7/2025).

A fala do educando Marcos evidencia um processo de apropriação da leitura e da escrita como práticas de significação social, elemento central na concepção de letramento literário proposta por Cosson (2006). O estudante compreende a leitura para além das exigências escolares, reconhecendo-a como uma necessidade cotidiana e um meio de ampliar sua compreensão do mundo. Desse modo, a aprendizagem atende a demandas práticas e ainda estimula competências criativas, literárias e expressivas, promovendo uma formação mais ampla e humanizadora.

Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo discutir a importância do letramento literário na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), a partir da experiência do projeto EducaPesca, desenvolvido no município de Bragança (PA). A análise das falas do professor e dos educandos Laura e Marcos evidenciou que o projeto cumpre seu papel ao integrar escolarização básica, formação profissional e valorização cultural, articulando o conhecimento acadêmico às realidades socioculturais dos/as participantes. As respostas revelam que o contato com a leitura e a escrita promove o desenvolvimento de várias habilidades, além de fortalecer a identidade e o senso de pertencimento dos sujeitos. Dessa forma, entende-se que o EducaPesca se consolida como uma prática de letramento literário que ultrapassa os limites da sala de aula, possibilitando aos/às estudantes compreender e ressignificar suas próprias experiências.

Constatou-se, assim, que o letramento literário, quando trabalhado de forma contextualizada e dialógica, constitui uma prática essencial de emancipação e humanização. As entrevistas revelaram que o contato com lendas regionais, poemas e produções autorais valoriza os saberes locais, despertando o prazer pela leitura e o reconhecimento da cultura bragantina como parte da identidade dos/as estudantes.

As metodologias aplicadas pelo docente, como jogos educativos, trabalho com lendas e narrativas regionais orais, bem como o uso dessas narrativas de forma pedagógica, demonstraram a importância de aproximar o conteúdo escolar

do cotidiano dos/as alunos/as. Essas estratégias respeitam o tempo e o ritmo de quem concilia estudo e trabalho, tornando o processo educativo mais significativo e participativo. Observou-se, ainda, que o professor atua como mediador e incentivador, estimulando o protagonismo e a criatividade dos/as estudantes, por exemplo, nas produções poéticas e relatos pessoais apresentados nas culminâncias do projeto.

Conclui-se, portanto, que o letramento literário na EJAI deve ser compreendido como prática cultural e política, que possibilita aos/às educandos/às “lerem o mundo” e se reconhecerem como autores/as de suas próprias histórias, em consonância com os princípios freirianos de educação. Nessa direção, as implicações pedagógicas desse estudo mostram a necessidade de práticas docentes que promovam o diálogo entre texto literário e experiência cotidiana, e o reconhecimento do valor simbólico da literatura como prática de formação humana em que o/a professor/a torna-se mediador e agente de inclusão, contribuindo para que a literatura cumpra sua função social e emancipadora na EJAI.

60

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Nacional, 2004.

BRAGANÇA. *Diretrizes Políticas-Pedagógicas e Curriculares da Rede Municipal de Educação de Bragança-Pará*. Secretaria Municipal de Educação de Bragança, 2020.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. *Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional*. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 3, de 15 de junho de 2010. *Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância*. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2010.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 1, de 28 de maio de 2021. *Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens Adultos nos aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional de Alfabetização (PNA) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*, e Educação de Jovens Adultos e Adultos a Distância. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2021.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

FREIRE, Paulo. *Conscientização e alfabetização: uma nova visão do processo*. In: VERO, Osmar (Org.). *Cultura Popular e Educação Popular: Memória dos anos 60*. Rio de Janeiro: Edições Gaal, 1983.

61

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 45. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Cortez, 1997.

IPIRANGA, Sarah. O papel da literatura na BNCC: ensino, leitor, leitura e escola. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 38, n. 1, p. 106-114, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/60020>. Acesso em: 15 jun. 2025.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1973.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

MOURA, Rodrigo Milhomem de. *Por uma educação linguística dialógica: práticas, reflexões e narratividades*. 2023. 244 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. *Formação pedagógica de educadores populares: fundamentos teórico-metodológicos Freireanos*. Belém: UEPA/CCSE/NEP, 2011.

SHKLOVSKY, Viktor. *A arte como procedimento*. In: CÂNDIDO, Antonio (Org.). *Teoria da literatura: textos dos formalistas russos*. Tradução de José Paulo Paes. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1971. p. 13-22.

SHKLOVSKY, Viktor. *A arte como procedimento*. In: LOPES, Lucia Helena (org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. São Paulo: Ática, 2011. p. 137-147.

SILVA, Ezequiel Theodoro da; ZILBERMAN, Regina. *Literatura na escola: textos, leituras e leitores*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

SILVA, Rosane Borges da. *Espelhos, redes e ciborgues: uma política da leitura*. São Paulo: Pólen, 2020.

Intervenções: o escritor-intelectual Graciliano Ramos em *Memórias do Cárcere*

Erick Bernardes¹

Introdução

Sabe-se que o escritor Graciliano Ramos tem seu lugar guardado no cânone ficcional brasileiro, e foi considerado um dos autores brasileiros mais participativos na vida pública, tanto como artista quanto como intelectual, tendo inclusive assumido a prefeitura da cidade de Palmeira dos Índios, sem abandonar a causa de dar voz aos excluídos socialmente. Portanto, o que chama a atenção em sua poética é justamente a capacidade que o autor possui de transitar entre os diversos estratos do campo social, e em seu trabalho artístico representar essa pluralidade de vozes, abarcando em sua visão de mundo, especialmente, o universo dos que são oprimidos pelos desmandos do poder.

63

Em sua carreira, o ilustre filho de Quebrangulo mantinha olhar crítico aguçado para os dramas humanos e, por isso mesmo, ele se confessava comprometido com o papel que lhe coube no círculo cultural brasileiro. Versado nas discussões políticas, Graciliano Ramos em seu projeto literário, construiu uma obra a um só tempo local e universal, e que fez dele um artista inconformado com os desmandos do poder do Brasil, atuando, conseqüentemente, com o mundo literário que criou, a partir de experiências de linguagem que requisitaram dele uma determinação artística homóloga a sua determinação político-social.

Filho de comerciante, nascido em cidadezinha do interior do nordeste, Graciliano Ramos não se enquadra exatamente no perfil do pobre e do necessitado, mas, por outro lado, crescendo em meio aos que sofriam com a seca e os reveses da vida dura do sertão - conforme observa-se nas passagens mais biográficas de seu livro *Infância*- não se pode nem se quer dissociar de sua obra

¹ Doutorando em Estudos Literários pela FFP/Uerj (PPLIN), Mestre em Estudos Literários pela mesma instituição. Rio de Janeiro. Brasil. *E-mail*: ergalharti@gmail.com.

os elementos da vida, nem fazer deles representação dos acontecimentos, porque isso seria reduzir o alcance ou falsear a produção artística do autor e, por conseguinte, o compromisso crítico aqui assumido com a simbiose inscrita nas noções de autoficção e confissão.

I

A escolha pelo estudo das *Memórias do cárcere* deve-se à importância singular que ela imprime na trajetória de Graciliano Ramos como escritor, por sua força ao mesmo tempo política e artística. Como é de se esperar em uma autobiografia de ex-detento, a história em questão constitui-se de um relato baseado em fatos decorrentes da prisão do autor, nos anos de 1936, em que é acusado de pertencer ao Partido Comunista. Encarcerado sem julgamento algum, puseram-no assim mesmo em um porão de navio onde o mantiveram preso por um bom espaço de tempo. Sabe-se que Ramos, após ter sido demitido da função de Diretor de Instrução Pública, fora conduzido a inúmeros presídios, até ser libertado em janeiro de 1937.

Segundo Wander Miranda (2004), em edição da Folha de S. Paulo, consideravam o Velho Graça a vítima mais ilustre da repressão do Governo Vargas. A repercussão favorável ao lançamento póstumo das *Memórias do cárcere* serviu apenas para corroborar o empenho artístico do escritor, ao mesmo tempo em que já o tinham em conta como intelectual atuante munido de escrita política; como é sabido por aqueles que leram *Caetés*, *São Bernardo*, *Vidas secas*, enfim.

Na experiência da clausura forçada o escritor alagoano redigiu as suas memórias, mas quando o fez já havia a muito esquecido as agruras vividas nas celas pelas quais passou. Por isso, não é possível enxergar a biografia em questão somente como um relato testemunhal de dor e sofrimento em meio às humilhações sofridas pelo intelectual Ramos. Pois, os enunciados autobiográficos aqui referidos se valem dos recursos de linguagem mais diversificados, na tessitura híbrida da história sobre a prisão, principalmente no capítulo primeiro “Viagens”, como por exemplo, alegorias náuticas, metáforas de viagens, paralelismos, metalinguagem, dentre outros tantos. Mas não só isso, há nas *Memórias do cárcere* a confissão significativa acerca de uma reforma de si, que

opera como reconhecimento autorreferencial de intimidade que aproxima estrategicamente o narrador do leitor. Seguindo essa mesma linha de pensamento, Ieda Lebensztayn e Thiago Mio Salla, no prefácio conjunto do livro *Conversas* afirmam:

Escrever é falar só: observar a si e ao mundo, experimentar sofrimentos, remoer impasses na consciência, debruçar-se sobre a escolha das palavras e a composição de frases, embrenhar-se em emendas textuais, conceber personagens e conviver com elas e seus conflitos.

(...)

No entanto, escrever como o fez Graciliano é também falar com os outros, partilhar dessa fala solitária. E justamente a força de sua arte e o desejo de dar voz à sua consciência, inconformada com a naturalização da violência e de iniquidades, propiciaram a comunicação com os leitores a nível de confissão por meio de falas publicadas na imprensa (Lebensztayn; Salla, 2014, P. 12).

Assim, como nas entrevistas que concedeu e nos depoimentos marcantes da sua autobiografia, ainda hoje, essa proposta de contato com o público consumidor atualiza a sua obra. Pois,

65

decerto o leitor de romances poderia dizer que prescinde dessas outras falas do autor. Elas constituem, porém, uma oportunidade para reencontrar a consciência que deu forma às personagens admiradas, alguns passos do processo de composição do escritor, seu olhar diante de realidades políticas e sociais, além de informações sobre sua vida, a família, os cargos públicos ocupados por ele (Lebensztayn; Salla, 2014, p.12).

Pensando nesse “errante” em busca de uma forma nova de narrar seus percalços na ditadura da era Vargas, a narrativa das memórias é capaz de apresentar a um só tempo documento, depoimento e literatura. De acordo com Fabio Cesar Alves, em edição crítica *Armas de papel: Graciliano Ramos, as Memórias do cárcere e o Partido Comunista Brasileiro*: “Talvez por causa dessa mistura formal, é que boa parte das análises contemporâneas sobre a sua biografia tenha preferido deter-se nas questões relativas ao gênero híbrido ou à própria linguagem, quando não às particularidades do testemunho” (Alves, 2016, p. 17).

Portanto, quando o narrador de *Memórias do cárcere* (2011) firma um compromisso consigo mesmo e com o leitor modelo, ele anuncia seu empenho

em uma escrita de asperezas, advertindo: “mas é de asperezas que a vida é feita: inútil negá-las, contorná-las, envolvê-las com gaze” (Ramos, 2011, p. 12).

Com tudo isso, ao assumir esse comprometimento autobiográfico, o narrador (como se fosse em uma espécie de prenúncio) sugere que, se não é possível contornar ou envolver a vida em gaze, a mesma coisa não se pode afirmar da escrita literária. Pois, pensando no jogo dos signos de que a literatura dispõe, essa voz narrativa afirma as asperezas do cárcere, mas sem abdicar das suas memórias e do papel de recriação, invenção e aditamento que elas possuem. Contando com essa recriação da memória, Ramos articulará alguns elementos cujas nuances de mistérios e o ambiente obscuro ali descrito permitem ao interlocutor olhar a autobiografia em questão tal qual uma história aos moldes do romance *Memórias do subsolo*, de Fiódor Dostoiévski, por causa da configuração da cena marcada pela “negatividade” existencialista. Notadamente:

Avancei, um bolo na garganta, o coração a estalar, venci a pequena distância que me separava dos companheiros. Chegamos ao fim da escada, paramos à entrada de um porão, mas durante minutos não compreendi onde me achava. Espaço vago, de limites imprecisos, envolto em sombra leitosa. Lá fora anoitecera; ali duvidaríamos se era dia ou noite. Havia luzes toldadas por espesso nevoeiro: uma escuridão branca. Detive-me, piscando os olhos, tentando habituar a vista. Erguendo a cabeça, via-me no fundo do poço, enxergava estrelas altas, rostos curiosos, um plano inclinado, próximo, onde se aglomeravam polícias e um negro continuava a dirigir-me a pistola. Era como se fôssemos gado e nos empurrassem para dentro de um banheiro carrapaticida. Resvaláramos até ali, não podíamos recuar, obrigavam-nos ao mergulho. Simples rebanho, apenas rebanho gafento, na opinião dos nossos proprietários, necessitando creolina. Os vaqueiros, armados e fardados, se impacientavam (Ramos, 2011, p. 103).

De acordo, importa evidenciar que diferente do que ocorre nos romances de Graciliano Ramos (exceto em *Infância*), nas *Memórias do cárcere* a vida, ainda que seja a de um encarcerado, está em constante movimento de ataque ou defesa, conforme o enunciado das *Memórias*: “As minhas armas, fracas e de papel, só podiam ser manejadas no isolamento. No íntimo havia talvez o incerto desejo de provocar a nova justiça inquisitorial, perturbar acusadores, exhibir em tudo aquilo embustes e patifarias” (Ramos, 2011, p. 31).

Por fim, lembrando que não se deve tomar o texto literário deste alagoano simplesmente como objeto de investigação sociológica resultante do prisão

representada na sua narrativa. Mas, principalmente, encarar o texto como um campo de efeitos de linguagem que atua na recepção dos leitores, como uma força que requer a compreensão dos saberes que a literatura arregimenta, o que demanda uma série de discursos crítico-teóricos cooperativos, tais como: os sociológicos, antropológicos, econômicos, dentre outros. Tampouco o objetiva-se a esgotar o viés histórico da obra de Graciliano Ramos que incide sobre a narrativa ficcional. Embora a história como discurso cooperativo essencial se espraie por toda a pesquisa em andamento, sob o enfoque interdisciplinar, delimitando o conjunto de contribuições das diversas áreas de conhecimento, por conta de sua força contributiva para a rerepresentação e interpretação da matéria ficcional.

II

67

Estabelecidas as questões críticas no capítulo anterior com as quais pretende-se ora lidar, importa agora tratar de forma mais abrangente de alguns outros aspectos que são caros à abordagem do problema no tocante ao escritor-intelectual Graciliano Ramos. Neste momento, não é possível prescindir do lugar que o autor conquistou dentro no cânone ficcional brasileiro, pois, até hoje, Ramos é considerado um dos escritores nacionais mais participativos na vida pública, tanto como artista quanto como intelectual, tendo inclusive sido prefeito da cidade de Palmeira dos Índios. Um dos aspectos cabíveis de se abordar é justamente a capacidade do alagoano de transitar entre os diversos estratos do campo social e em seu trabalho artístico representar essa pluralidade de vozes, por meio de sujeitos de papel que abarcam em sua mundividência, especialmente, o universo dos excluídos. Em *Caetés* (1933), seu primeiro romance, o autor satirizou com veemência a sociedade alagoana de seu tempo, ao compor uma narrativa metalinguística, por meio de um narrador-personagem que desnuda os bastidores do meio cultural e político de Alagoas, que lhe era tão familiar. Por meio de um narrador-personagem hipócrita, mas que também pretendia ser escritor, esta voz narrativa exemplificaria, baseada em notável psicologismo, certos estereótipos do meio cultural e político de Alagoas, como o casal de amigos, Adrião e Maria Luiza, por exemplo. Assim, aquele pretense escritor, na figura do

personagem-narrador João Valério, resumirá sua dificuldade de compor a cena da escrita:

Deixei cair a folha datilografada sobre o diário. Depois senti nojo. Afastei-a com as pontas dos dedos e abri o razão. Creio que não pensava em nada. Ou talvez pensasse em tudo, mas era como se não pensasse em nada. Pus-me a tremer com violência e a bater os dentes. Percebi que aquela atitude me condenava e esforcei-me por cerrar os queixos e dominar os músculos, o que não consegui (Ramos, 2012, p. 143).

Ainda acerca desse nítido psicologismo, Wilson Martins salientará que não há como fugir “à necessidade de acentuar a contradição que existe entre essa invariável tendência psicológica do Sr. Graciliano – que o leva em longas e tormentosas pesquisas no interior dos seus personagens, à procura das primeiras fontes dos seus atos e dos seus gestos” (Martins *apud* Brayner, 1978, p. 35). Também na opinião de Luís Bueno, posfaciador da edição de bolso de *Caetés* (2012), o psicologismo estilístico de Ramos é marca indiscutível:

Nesse sentido, o que chama atenção, em primeiro lugar, é que se trata de romance em primeira pessoa, construção que favorece o mergulho psicológico, mas era abominada pelos naturalistas, que a consideravam limitadora. Afinal, como olhar para um grande grupo a partir do olhar restrito de um ser que se encontra em posição semelhante aos outros personagens? O melhor seria estabelecer um narrador em terceira pessoa que, podendo ver tudo e a todos, por dentro e por fora, seria capaz de, ao mesmo tempo, reger e esmiuçar os movimentos coletivos das criaturas. Se Graciliano Ramos escolhe um narrador em primeira pessoa é porque interessa a ele explorar, não aquilo que afeta o corpo coletivo, e sim como repercute no indivíduo a vida da cidade como um todo (Bueno *apud* Ramos, 2012, p. 183).

68

Partindo desse princípio, percebe-se o enfoque subjetivo estratégico de Ramos, não como um estilo de quem pretende se alienar dos problemas socioculturais que o cercavam no contexto de produção dos seus escritos, mas sim como um artifício literário de quem ambicionava esquivar-se do panorama ficcional medíocre sobre o qual se formava o circuito literário da época. Tudo isso, aderindo a algumas teses de escritores seus contemporâneos, que prezavam majoritariamente o viés sociológico como elemento de importância à matéria ficcional, destarte que o subjetivismo de Ramos daria o tom da diferença de seu texto, segundo Wilson Martins, o que salvaria “a obra do Sr. Graciliano Ramos do

perigo da mediocridade” (Martins *apud* Brayner, 1978, p. 34). Esta opção de Ramos se mostra muitíssimo atual entre os escritores que privilegiam a temática sociológica: “é o que lhe atribui (à Ramos) os caracteres de permanência e de universalidade que o estigmatizam como o maior romancista brasileiro de seu tempo, como aquele que mais convincentemente atingiu a essência mesma do homem e de sua alma” (Martins *apud* Brayner, 1978, p. 35).

Obviamente, quando essas palavras da crítica se referem ao estilo diferenciado do escritor alagoano, nota-se certos termos ou exageros valorativos, que chegavam a apontar o autor como “o maior romancista”, “o mais convincente”, ou aquele artista que captou a “essência” da alma humana. No entanto, vale salientar que, apesar de tais palavras hiperbólicas assumirem contornos impressionistas, esses adjetivos causam estranheza ao pesquisador hodierno pelo exagero da aplicação dos termos. Portanto, faz-se necessário uma sobriedade analítica para perceber que, se por um lado, os excessos valorativos de outrora, acerca da obra de Graciliano Ramos, provocam no investigador certo desconforto teórico, por outro lado, tal procedimento analítico exacerbado – por parte de um dos mais renomados críticos da época – chama hoje atenção pelo reconhecimento do caráter experimental da escrita de Ramos.

Eis aí um ponto chave da discussão, pois se na década de 1980 falava-se em literatura experimental (como observou-se em referência ao crítico Wilson Martins, em 1978) e, é certo, que esse caráter de experimento ainda chama atenção dos teóricos de hoje. Um desses exemplos de renovada percepção teórica sobre o mesmo tema, na poética de Ramos, é Fábio Cesar Alves (2016), que encontrará na forma literária das *Memórias do cárcere* esse traço psicológico, como culminância de subjetivismo experimental, como se vê:

Literariamente, as *Memórias* mostram que a retirada compulsória da personagem da lógica dos dias expõe uma subjetividade a princípio alienada, mas que, por meio do distanciamento imposto pela prisão e pela decalagem temporal entre o acontecido e o narrado, permite ao narrador revelar, muitas vezes, a consciência dessa alienação e a reformulação de suas percepções como parte de um momento de crítica ou de tentativa de superação, quando entra em cena, de forma infusa, o olhar do militante (Alves, 2016, p. 83).

Outra obra também estruturada com vistas ao subjetivismo, a um só tempo metalinguístico e coloquial, é o romance *São Bernardo*, lançado em 1934, e constituído por uma linguagem próxima do contexto sertanejo. Por essa razão, “a construção psicológica do narrador-protagonista” em *São Bernardo* “apresenta-se como um fator social mais que perceptível, com fiel manejo da linguagem” (Bernardes, 2016, p. 56). De sorte que a busca por um tónus enunciativo peculiar ao cotidiano do narrador fazendeiro e ganancioso, afoito por dinheiro, ressaltaria o empenho político de vertente marxista do escritor-intelectual Ramos, contrário ao capitalismo embrutecedor que aferroava o seu espírito comunista, mas também sua própria consciência de sujeito histórico. Aproveitando as ideias de Wander Miranda, não será equivocado afirmar que as estratégias escolhidas para a história de Paulo Honório se apresentam:

[...] como se fossem a urdidura de uma trama comum. Romances, memórias, contos e textos circunstanciais (que) parecem repetir a afirmação do escritor – ‘Nunca pude sair de mim mesmo. Só posso escrever o que sou’ –, chamando a atenção para o espaço autobiográfico em que sua obra se insere. À primeira vista parecerá uma perspectiva restrita, encerrada nos limites de uma subjetividade que reduz o mundo a dimensão muito particular ou a visão demasiadamente referencial. Mas, à medida que avançamos na leitura [...] traços da personalidade do autor e episódios de sua vida pessoal aparecem fortemente marcados – pela via da ficção ou da biografia –, nossa expectativa se transforma (Miranda, 2004, p. 8-9).

Indiretamente, esse empenho político de quem viria a ser integrante do Partido Comunista Brasileiro foi também muitíssimo marcado pela história da ditadura dos tempos de Getúlio Vargas, culminando com sua prisão e, posterior liberdade, sem julgamentos quaisquer que fossem, e isto leva o pesquisador a questionar: “Não seria o navio-cárcere Manaus também um espaço de mobilidade e de mudança de perspectiva, em busca de uma forma literária, para além do modelo de produção em termos de literatura? Poderíamos extrair daí, talvez, uma crítica social contra a massificação cultural e a alienação?” (Bernardes, 2015, p. 26). A resposta por enquanto não há, mas é a partir desse caráter formal e desenvolvido ao longo da trajetória artística de Ramos – cujo resultado foi um híbrido de experiências formais, tendo como matéria literária a própria memória – que a sua estética chama atenção, quer pelas dores sofridas na prisão da Ilha Grande, quer

pela experiência de compor uma biografia tempos depois do encarceramento. Sumariamente, o discurso autobiográfico do escritor nordestino:

[...] representaria essa possibilidade de recriar outra realidade, autônoma e ficcional, aproveitando elementos do cotidiano regional brasileiro e ampliando-o ao universal humano pela linguagem literária. Por outro lado, artífice da palavra que é, Graciliano Ramos dispõe de um procedimento ficcional que, conforme Dau Bastos (2010), configuraria um bifrontismo, mostrando-se “especialmente fecundo no enfrentamento de certas questões que, por mais literárias que se apresentem, têm um caráter claramente político” [...] (Bernardes, 2016, p. 56).

71 Ao traçar um paralelo entre a tessitura de vozes da biografia *Infância* com *Memórias do cárcere*, Maria Bethânia Pereira aponta esses dramas sociais, lançando um olhar para as “vivências da meninice no sertão nordestino e experiências no período da cadeia”, afirmando essa tendência sempre presente de aparelhar com “contornos ficcionais” até às lembranças da convivência familiar de quando menino, mas também a de homem crescido e “de partido” (Pereira, 2015, p. 1). Em consequência dessa referência, ao falar da confusão entre linguagem literária “enxuta” e empenho político, o próprio narrador de *Infância* conclui: “O autor insensível à crítica, perseverou nas urupemas rijas e sóbrias, não porque as estimasse, mas porque eram o meio de expressão que lhe parecia razoável” (Ramos, 2008, p. 19).

Mas, há de se trazer à baila também um importante diferencial formal entre *Infância* e *Memórias do cárcere*, os quais se estabelecem pelas marcas de justaposição e sobreposição dos seus capítulos ou episódios. Na primeira, a sobreposição de quadros memorialísticos se estabelece de maneira pseudo esquemática. Diz-se pseudo, porque seus episódios apresentam subtítulos os quais conduzem o leitor a perceber partes da vida do narrador-protagonista, como se fossem um painel constituído por alguma urdidura temporal, tal qual uma série contínua de lembranças do menino Ramos. No entanto, não é bem assim. Essa sequência esquemática ao longo da obra possui aquilo que Vicente de Ataíde alcunhará “punção diegética” (Ataíde *apud* Brayner, 1978, p. 198), a que (grosso modo), chama-se a isso de digressão cronológica. De acordo com Miranda:

Em virtude das peculiaridades de sua execução, as memórias são compostas de blocos narrativos aparentemente autônomos (...) Para tanto, o narrador vale-se do desdobramento do *eu* nas inúmeras figuras retratadas que intitulam os relatos – “Padre José Inácio”, “O moleque José”, “José da Luz”, “D. Maria”, “Chico Brabo”, “José Leonardo”, entre muitos outros. Cada um deles, como imagem num espelho, reflete as várias etapas da socialização do menino, sua difícil aprendizagem da escrita e da leitura. O ato de refletir, em que a construção do *eu* se faz com a experiência do *outro*, reforça o aspecto coletivo da memória individual, distanciando o memorialista da perspectiva narcísica a que poderia ver-se levado (Miranda, 2004, p. 52).

Acredita-se que esses blocos narrativos não são autossuficientes, seus aspectos autônomos são apenas aparentes, pois, esses desdobramentos do *eu* abrem espaço – punção, na concepção de Ataíde – para digressões reflexivas de idas e vindas no tempo narrativo, como convém às situações que pedem algum distanciamento do narrador. No caso de *Memórias do cárcere*, há, decerto, aquele entrelaçamento de quadros justapostos percebido em outra obra, a saber, o romance de viés “folhetinesco”, *Vidas secas*. Esse efeito de justaposição “é muito nítido devido ao modo de estruturação dos capítulos; cada capítulo é um episódio e a justaposição dos capítulos dá a narrativa total” (Ataíde *apud* Brayner, 1978, p. 199), portanto, sendo de fácil associação com *Memórias do cárcere* história do sertanejo Fabiano e família de *Vidas secas*, ressaltando que estes últimos também vieram a público, inicialmente, via suporte jornalístico.

III

Viu-se que, embora a autobiografia *Memórias do cárcere* (2011) seja como em *Infância* claramente concebida por episódios subintitulados, eis que o discurso sobre a prisão de Graciliano Ramos se apresenta estruturado em tessitura justaposta, aos moldes do romance concebido em fascículos que foi *Vidas secas*. Pois, se na sua narrativa testemunhal (no caso, *Memórias do cárcere*) a diegese nem sempre obedece à cronologia da memória do narrador, pelo menos é certo que a sequência extradiegética se mantém em comum acordo com a história, isto é, com o percurso de tempo do qual o sujeito político Graciliano Ramos se serviu para compor seus enunciados, que é o próprio esquema da obra. “Resumo: a narrativa se compõe de pequenas narrativas

estritamente amarradas entre si e que se prendem ao corpo da principal” (Ataíde *apud* Brayner, 1978, p. 198).

Observa-se a forma como o “relato memorialístico é sistematizado, quais os meios empregados em uma escrita de si que é capaz de transformar as experiências vividas em matéria literária, não ficando resumidas a simples relatos autobiográficos” (Pereira, 2015, p.1) munindo o imaginário do leitor de uma “arma” ideológica usada pelo ex-prefeito de Palmeira dos Índios, associada à militância comunista, quando o interlocutor passa a vincular essa imagem do Graciliano Ramos escritor literário àquela de agente político na sociedade brasileira.

Se, por um lado, o moço Ramos em início de carreira, escrevia crônicas satíricas, beirando o discurso carnavalesco, como é o caso de “Na Terra do fogo as coisas estão frias” (Ramos, 2012, p. 29), por outro lado, ainda em sua juventude, o escritor munia seu arsenal retórico de um “tom” onírico, próximo de histórias de suspense, como é o caso de “O ladrão”. No que concerne ao primeiro, a comicidade deriva dos “trocadilhos” ou jogos semióticos que pesam sobre a paradoxal toponímica do arquipélago gelado chileno, a Terra do Fogo. Já no segundo caso, o texto embora curto, sobre um suposto ladrão, que “entrou na única loja que por ali havia aberta àquela hora da noite” (Ramos, 2012, p. 40) apresenta “duas estratégias perceptíveis no discurso: a primeira (no início da história) evidencia um jogo de luz e sombra que visa o tom da dúvida, e a outra (já mais à frente) perfaz uma narrativa ‘realista’ sob o viés trágico de uma noite comum de uma sociedade” medíocre (Bernardes, 2014, p. 71) cujos elementos compõem um conto singularmente concebido sobre uma ambiência de claro e escuro, sustentado por uma enredo inegavelmente onírico, como é comum naquelas histórias de horror encontradas em obras góticas, por exemplo.

Isto posto, tem-se um pequeno panorama acerca dos diferentes estilos no percurso literário do importante filho de Quebrangulo. De certa forma, esse trajeto artístico leva o narratário à conclusão que, seja em cada publicação com a assinatura de Graciliano Ramos ou seja com seus inúmeros pseudônimos (Anacleto, Calixto, G. R. etc.), a expectativa por um novo matiz estético fomentava em seus leitores a curiosidade. Logo, as variantes genéricas e formais da obra de Ramos, bem como a arquitetura textual das histórias compostas por ele, se

confundiam com a vida do autor, resvalando também na relação com o público consumidor dos seus trabalhos.

Sendo assim, seguindo o esquema da “autobiografia” publicada postumamente, não se pode deixar de notar ainda um viés sombrio presente na configuração dos seus enunciados, evidência de que Ramos não parece ter abandonado de todo aqueles traços góticos contidos em “O ladrão”, lá no começo da carreira, principalmente no que concerne (no caso de *Memórias do cárcere*) ao primeiro capítulo “Viagens”. Essa percepção sobre a ambientação do enredo, cujas impressões autobiográficas de Graciliano Ramos mostram-se uma consequência dolorosa da experiência vivida enquanto foi preso político, revelam-se a um só tempo espaço de obscuridade (ou enigmático), mas também de reflexão.

Essa viagem para o presídio da Ilha Grande permitiu que, em meio a raros vislumbres de esperança por dias melhores, em um mar não menos enigmático, o narrador, embora preso, transitasse ora entre a expectativa por dias mais salubres ora experimentando as dores decorrentes do seu encarceramento. Por esse motivo, não será equivocado afirmar que *Memórias do cárcere* apresenta um pano de fundo a um só tempo obscuro e melancólico, como traço também característico da poética do escritor. Enfim, são processos de fabulação muitas vezes baseados em acontecimentos do cotidiano, embora em outros momentos de escrita seu estilo não denote semelhança alguma com o entorno social do escritor – como é o caso de “O ladrão”, referido anteriormente –, mostrando que o projeto literário de Graciliano Ramos sempre foi experimental: narrativas híbridas, suportes dos mais diversificados, cujas fronteiras entre ficção e não-ficção são de difícil delimitação.

Assim, não obstante ter sido filho de comerciantes, nascido em cidade pequena do interior do nordeste (1882), Graciliano Ramos cresceu e tomou contato com a terra tantas vezes “retratada” em sua ficção. Em meio à seca e aos reveses da vida, conforme as bases biográficas da sua obra memorialística – *Infância* – o Velho Graça foi observador contumaz do seu entorno desde menino:

Datam desse tempo as minhas mais antigas recordações do ambiente onde me desenvolvi como um pequeno animal. Até então algumas pessoas, ou fragmentos de pessoas, tinham-se manifestado, mas para bem dizer viviam fora do espaço. Começaram pouco a pouco a localizar-se, o que me transtornou.

Apareceram lugares imprecisos, e entre eles não havia continuidade. Pontos nebulosos, ilhas esboçando-se no universo vazio (Ramos, 2008, p. 10).

75 Talvez por esse enfoque temático do social muitas vezes basear-se no ambiente geográfico do sertão, sua técnica de composição textual seja considerada peculiarmente de viés regional, pois no que tange à geografia descrita nos seus romances, as cidades tipicamente nordestinas, via de regra, são ressaltadas. Mas, é claro também que o qualitativo regionalista decorre da sua atuação intelectual naquele segundo período classificado como modernista: período marcado pela valorização das matizes locais, desdobramentos do processo de 1922 que, na década de 1930, se espraia para o grupo do nordeste, avultante na cena literária nacional, embora o mesmo Ramos recusasse tal rótulo de escritor regional. Soma-se a isso, a própria discordância das “extravagâncias modernistas, pois estas se desviavam sobremaneira da realidade do povo. A ‘arte pela arte’, dizia Ramos, era a enunciação da mediocridade que levava à estagnação da nação” (Bernardes, 2016, p. 141). A explicação para essa associação de Graciliano Ramos com os nomes da Semana de 22, teria relação com a preocupação do escritor em manter sua arte sempre renovada, ou constantemente atualizada, conforme os acontecimentos no Brasil e no mundo. Em boa síntese:

O nome Graciliano Ramos está inscrito entre os romancistas que melhor definiram o gênero, no Brasil, de vinte anos para esta data. A obra literária que tem criado assume expressão de grande atualidade. É sempre um espírito em busca de horizontes. Daí, talvez, ou muito provavelmente, a posição em que tacitamente o coloca o conceito geral: entre os “modernistas”, ou seja, no seio dos emancipados de e após 1922. Essa enquadração não lhe satisfaz e empenha razões em contestá-la. Mesmo assim, continua a ser julgado desse modo. Tristão de Ataíde considera-o um escritor eminentemente do momento. E essa é a situação que, de fato, ocupa na literatura nacional (NUNES *apud* Lebensztayn; Salla, 2014, p. 131).

Fica claro que, definitivamente, o “Velho Graça” não enquadrava seu próprio perfil no panorama artístico alcunhado de modernista, embora o sertão e o Nordeste como um todo seja um componente temático recorrente, mas não uma regra. Veja-se este trecho de uma entrevista concedida a Homero Senna, para a *Revista do Globo*, em 1948, em que Graciliano Ramos nega tal

categorização: “– Quer dizer então que não se considera modernista?”. Ao que Ramos responderá: “– Que ideia! Enquanto os rapazes de 22 promoviam seu movimentozinho, achava-me em Palmeira dos Índios, em pleno sertão alagoano, vendendo chita no balcão” (Ramos; Sena *apud* Lebensztayn; Salla, 2014 p. 194). E, por fim, também como resposta à pergunta de Nunes acerca dos exageros vanguardistas da Semana de Arte Moderna, os quais pretendiam aproximar a escrita artística de certos traços de oralidade. Conclui-se: “As portas largas do modernismo abriram caminho não só às mediocridades: a autênticas burrices. Todo indivíduo que não sabia ou não podia escrever certo agarrou-se às liberalidades e extravagâncias” (Nunes *apud* Lebensztayn; Salla, 2014, p. 131).

Considerações finais

Buscou-se neste artigo traçar um breve panorama literário com ênfase na experiência estética direcionada ao leitor, com base em *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos e a relação entre autoficção, confissão e história. Tratou-se da escrita memorialística de Ramos buscando reinserir o discurso literário do autor no círculo cultural contemporâneo. Evidenciou-se o nexu interdisciplinar presente na estética memorialística do escritor, bem como os seus vários significados que (re) atualizam o discurso via autobiografia. Criou-se, assim, uma “rede de analogias num consórcio de sentidos, como um caminho discursivo trilhado pelo narrador (...) Graciliano Ramos, em *Memórias do cárcere*”, com base na (...) relação de similaridade tecida sobre a associação de ideias” (Bernardes, 2013, p. 47).

Enfim, esse horizonte autobiográfico compreendido como feixe de sentidos possíveis, por meio da análise aqui empreendida, não só é capaz de alargar, mas proporcionar também novas leituras naquilo que já ficou estabelecido pela substancial fortuna crítica do autor – como é o caso daqueles que se debruçam sobre o viés testemunhal de *Memórias do cárcere* – e trazer perspectivas interpretativas mais condizentes com o século XXI, insuflando outros ânimos ao texto memorialístico de Graciliano Ramos.

Referências

ALVES, Fabio Cesar. *Armas de papel: Graciliano Ramos, as Memórias do cárcere e o Partido Comunista Brasileiro*. São Paulo: Editora 34, 2016.

ATAÍDE, Vicente de. Vidas secas: articulação narrativa *In: BRAYNER, Sônia (Org.). Graciliano Ramos: fortuna crítica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 196-203.

BERNARDES, Erick da Silva. Um retrato multifacetado de Graciliano Ramos. *Ao pé da Letra: revista dos alunos da graduação de Letras*. João Pessoa, Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, v. 18, n. 1, p. 137-144, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/pedalettra/article/view/231882>. Acesso em: 13 jun.2025.

BERNARDES, Erick da Silva. “O agudo e o crônico”: masculinidade e paratopia em *São Bernardo* e ‘Mulheres’, de Graciliano Ramos. *Revista Estação Literária*, v. 16, Londrina, PR, Universidade Estadual de Londrina, jun. 2016, p. 50-63. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/28475>. Acesso em: 13 jun.2025.

BERNARDES, Erick da Silva. “O código das barras ou passagens paralelas”: Bernardo Carvalho e Graciliano Ramos. *Alumni: revista discente da UNIABEU*. Belford Roxo, RJ, UNIABEU, v. 3. n. 5, p. 22-29, jan.-jul. 2015.

BERNARDES, Erick da Silva. “Obra e manobra”: estratégias discursivas no conto ‘O ladrão’, de Graciliano Ramos. *Anais do V Seminário de Estudos Literários*, São Gonçalo, RJ, Faculdade de Formação de Professores da UERJ, 2014. p. 67-78.

BERNARDES, Erick da Silva. Metáforas de viagens e seus caminhos discursivos: Nove noites e Memórias do cárcere. *Anais do IV Seminário de Estudos Literários*, São Gonçalo, RJ, Faculdade de Formação de Professores da UERJ, 2013. p. 43-56.

MIRANDA, Wander Melo. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Publifolha, 2004.

NUNES, Osório. O modernismo morreu. *In: RAMOS, Graciliano; LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (Orgs.) Conversas: Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Record, 2014. pp. 131-136.

PEREIRA, Maria Betânia Almeida. “Entre o cárcere e a infância”: o valor enorme das palavras. *Anais da Associação Brasileira de Literatura Comparada: XIV Congresso Internacional Fluxos e Correntes: trânsitos e traduções literárias*. Belém, PA: Universidade Federal do Pará, 2015. p. 1-22.

RAMOS, Graciliano. *Caetés*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Mediafashion, 2008.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 41. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

RAMOS, Graciliano. SALLA, Thiago Mio (Orgs.) *Garranchos*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

RAMOS, Graciliano; LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (Orgs.) *Conversas: Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

RAMOS, Graciliano; BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos: fortuna crítica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

SENNA, Homero. Como eles são fora da literatura: Graciliano Ramos. In: RAMOS, Graciliano; LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (Orgs.) *Conversas: Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 188-204.

A intersecção das opressões em *Diário De Bitita*

Priscila Valle dos Santos Silva¹

Eu ficava furiosa. E chorava porque queria virar
homem para as mulheres obedecerem-me.

(Jesus, 1986, p. 66)

Introdução

Mulher, mãe solo, pobre, negra e escritora, Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, interior de Minas Gerais, em 14 de março de 1914 e faleceu em 13 de fevereiro de 1977. Apesar do êxito alcançado com *O Quarto de despejo* (1960), a autora enfrentou a frustração após o insucesso das suas publicações posteriores — *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços da fome* (1963) e *Provérbios* (1963) —, as duas últimas financiadas pela própria autora.

79

No Brasil, a ditadura militar, instaurada em 1964, via o livro como uma arma subversiva (*Memórias da ditadura*, [s.d.]) e iniciou um processo de censura a escritores insurgentes como Carolina (Meihi, 1998), o que levou muitos autores a publicar fora do Brasil. Esse fato pode ajudar a compreender “a internacionalização” da autora (Levini e Meihi, 2015, p. 150), uma vez que dificilmente ela seria acolhida pelas editoras brasileiras naquele momento (Meihi, 1998).

Um ano após a bem-sucedida publicação do seu primeiro livro, António Salazar proibiu a circulação de *O Quarto de despejo* (1960) em Portugal, o que levou a autora a replicar, mantendo seu posicionamento intrépido característico: “É dos ditadores não gostar da verdade e dos negros” (*Última Hora*, 1961).

A página do periódico *Última Hora* (1961), reproduzida a seguir, traz, na primeira página, a notícia da censura à autora.

¹ Mestranda de Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ. E-mail: brasilprisca.languages@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-9164-2188>.

Figura 1



Fonte: *Última hora*. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=830348&pesq=%22proibido%20e%20Portugal%22&pagfis=9451>

Diante dessas desventuras, mudou-se para um sítio em Parelheiros, na periferia de São Paulo. Mesmo diante da incerteza de ter seus escritos publicados, Carolina não abria mão de exercer o seu papel de escritora. *Diário de Bitita*² (1986) é fruto dos registros contidos em dois cadernos manuscritos³ que a autora entregou a jornalistas francesas que vieram ao Brasil para entrevistá-la. O livro foi publicado primeiramente em francês, em 1982, sob o título *Journal de Bitita*, e, no Brasil, em 1986 a partir da tradução da obra francesa para o português (Instituto Moreira Sales, [s.d]). O livro reúne relatos de sua infância, desde aproximadamente os quatro anos de idade até sua chegada a São Paulo. A narrativa perpassa a História do Brasil no pós-abolição e na imigração dos italianos para o trabalho nos cafezais.

² Bitita era o apelido da autora.

³ Segundo foto dos manuscritos originais guardados no Instituto Moreira Sales desde 2006, Carolina Maria de Jesus nomeou a obra como *Um Brasil para os brasileiros*.

Este artigo visa à análise da representação das forças opressoras, de ordem interseccional, em *Diário de Bitita* (1986). Sendo o contexto social um construto central da interseccionalidade (Collins, 2022), é necessário identificá-lo na obra. Outrossim, os papéis desempenhados pelas mulheres serão apresentados a fim de tecer reflexões sobre a sua luta contra a hegemonia, bem como será examinado como a narrativa se conecta ao feminismo decolonial proposto por Lugones (2019), sobretudo no que diz respeito a uma crítica mais ampla das estruturas patriarcais e suas consequências para as mulheres, especialmente as mulheres negras e em situação de vulnerabilidade social.

1. A colonização e a racialização

O fim da Revolução Francesa levou as nações europeias a uma busca desenfreada de expansão econômica e política. Assim, invadiram países e dominaram povos a fim de explorar recursos que garantissem a sua supremacia, subordinando as nações de todas as formas: política, econômica, social e culturalmente. O discurso civilizatório, difundido pelo Imperialismo, foi a justificativa para a dominação de outros povos.

Sob o argumento de levar progresso e eliminar práticas consideradas selvagens, esse projeto promoveu muito mais do que a exploração econômica, implicou o desmonte profundo das estruturas sociais, culturais, espirituais e políticas dos povos colonizados. Recursos naturais foram roubados, além da tentativa de dizimar memórias e identidades.

A Europa determinava a distribuição de valor, controlando o trabalho servil por meio da racialização. Uma hierarquia de ordem colonial que deu origem ao eurocentrismo, cuja base é a criação da raça, fruto da transformação dos dualismos em binarismos, estabelecida para atender à exploração do trabalho, assegurando uma relação de soberania do branco com o objeto considerado inferior, o não-branco.

A colonialidade do poder, abordada por Quijano (1992), tem base na dominação e na exploração que estruturam o sistema capitalista. Trata-se de uma matriz de poder moderna que, mesmo após o fim formal do colonialismo, continua organizando as relações sociais, políticas e econômicas a partir de uma classificação racial da população mundial. Nesse modelo, a colonialidade institui

a racialização das relações entre colonizadores e colonizados, funcionando como um dispositivo central para a manutenção das hierarquias globais.

O racismo fundamenta a noção de raça, que se constitui como uma categoria oriunda de uma estratégia racista vinculada a quem dominava — um instrumento que mantém as relações de poder e legítimas desigualdades. O burguês branco europeu civilizado era o sujeito completo. A Europa passou a ser considerada o modelo para o resto do mundo, que se tornou inferior.

As diferenças biológicas, posteriormente alavancadas pelo binarismo, foram o suporte na formação de quem era classificado como nada a fim de servir a quem era tudo, legitimando, assim, o poder de dominação iniciado pela perspectiva de uma classificação social baseada na raça da população colonizada.

Sob esse viés, existe um diálogo entre o racismo e o eurocentrismo que origina formas de exploração, constituindo um sistema de poder, como explicita Segato e Carolina Maria de Jesus exemplifica em *O diário de Bitita*:

Eurocentrismo e racismo são apenas dois aspectos do mesmo fenômeno, e esta é uma importante contribuição que a perspectiva da colonialidade introduz, alertando-nos para o fato de que o racismo não fala apenas da discriminação negativa que pesa sobre o fenótipo da pessoa humana que a vincula, como signo, à posição dos grupos vencidos na história colonial; o racismo é epistêmico, no sentido de que as epistemes dos povos conquistados e colonizados são discriminadas negativamente. Racismo é eurocentrismo porque discrimina saberes e produções, reduz civilizações, valores, capacidades, criações e crenças (Segato, 2021, p. 77).

O branco criou a alta sociedade, lá não entra o negro (Jesus, 1986, p. 57).

A lógica europeia de superioridade desumanizou os sujeitos colonizados ao classificá-los como atrasados, inferiores e até como não-humanos. Assim, a dominação colonial encontrou respaldo para implementar formas brutais de controle, como o tráfico de pessoas escravizadas. A maior diáspora negra da história não foi apenas um deslocamento forçado de corpos, mas também a violenta fragmentação de culturas, histórias e modos de existência.

Ao longo de *Diário de Bitita*, percebe-se a importância da cor da pele, haja vista que a narradora, ainda na infância, parece ter internalizado a branquitude como modo de ascensão social e padrão característico de beleza:

— Sabe, Carolina, você vem trabalhar para mim e quando eu for a Uberaba eu compro um vestido novo para você, vou comprar um remédio para você ficar branca e arranjar outro remédio para o seu cabelo ficar corrido. Depois vou arranjar um doutor para afilar o seu nariz. Pensei: “Então estes homens que trabalham aqui já foram pretos, e a fazendeira fez eles ficarem brancos! E quando eu ficar com os cabelos corridos e o nariz afilado, quero ir a Sacramento para os meus parentes me verem. Será que eu vou ficar bonita?”

Seis meses fui trabalhar para a dona Maria Cândida. Despertava às cinco horas, lavava o rosto às pressas porque pretendia chegar sempre na hora certa para não magoá-la. **Era a mulher mais importante para mim** (Jesus, 1986, p. 122).

No excerto acima, identifica-se a força do racismo na construção subjetiva da narradora, que valoriza os marcadores da branquitude e deseja escapar do lugar de subalternidade a que está condicionada.

Carolina Maria de Jesus, que era neta de escravizados, apesar de ter nascido livre, foi construindo, ao longo da vida, a consciência sobre o que havia sido a escravidão: “[...] — O homem que nasce escravo, nasce chorando, vive chorando e morre chorando.” (Jesus, 1986, p. 54). Assim, ela interpreta a escravidão “como cicatriz na alma do negro” (Jesus, 1986, p. 55), em decorrência dos relatos de negros que foram escravizados:

Eu vi vários pretos que haviam sido agraciados com a Lei Áurea e com a liberdade. Faziam ranchinhos na beira das estradas, porque a beira das estradas públicas pertence ao governo e ninguém falava nada. Eles contavam os horrores da escravidão. Suas mágoas eram contra os portugueses (Jesus, 1986, p. 72).

O racismo conduz à discriminação e à desigualdade social, assim relatadas nas passagens a seguir:

Havia discriminações: os pobres e os pretos assistiam à missa das seis. As madames ricas e casadas assistiam à missa das oito. E as mocinhas assistiam à missa das dez, iam com os namorados (Jesus, 1986, p. 91).

No ano de 1925, as escolas admitiam as alunas negras. Mas, quando as alunas negras voltavam das escolas, estavam chorando. Dizendo que não queriam voltar à escola porque os brancos falavam que os negros eram fedidos (Jesus, 1986, p. 38).

Não obstante a inferiorização por causa da cor da pele, o trecho evidencia que os negros também foram classificados como ordinários no que tange às capacidades física, moral e intelectual, como evidenciado no livro:

Ficava duvidando das minhas possibilidades porque os doutores de Coimbra diziam que **os negros não tinham capacidade**. Seria aquilo perseguição?

Qual era o mal que os negros haviam feito aos portugueses? Por que é que eles nos odiavam, se os negros eram pobres e não podiam competir com eles em nada? Aquelas críticas eram complexos na mente do negro (Jesus, 1986, p. 41, grifo nosso).

A família não consentiu dizendo que o **negro tem a mentalidade de animal**. A prova é visível, eles só sabem dançar e beber pinga (Jesus, 1986, p. 130, grifo nosso).

Segundo Quijano (1992), a América colonizada inventou a Europa, pois a identidade europeia foi moldada pelo contraste com os autóctones. Sob essa perspectiva, ela é o berço de uma hierarquia baseada nas diferenças entre culturas, que obrigava os povos colonizados a ocupar posições humilhantes, nojentas aos olhos dos que se consideravam socialmente superiores (Lugones, 2019). Sob a égide de missão civilizadora proposta pelos colonizadores, estão incluídos alguns dos seguintes eixos: capitalismo, racismo e patriarcalismo, que operam de forma integrada na opressão dos povos conquistados.

84

2. O capitalismo

Para Quijano (1992), o surgimento do capitalismo moderno está ligado à colonização da América e ao estabelecimento de um novo e global padrão de dominação que ele denomina "colonialidade do poder".

A exploração forçada da mão de obra do colonizado fez com que os invasores organizassem um sistema econômico a partir das suas metodologias civilizatórias. Outro aspecto relevante a ser considerado é o fato de que essa estrutura reorganizou as múltiplas formas de controle do trabalho em uma única lógica dominada pela hegemonia do capital. Nesse processo, as formas de trabalho tornaram-se formas racializadas de exploração, todas articuladas para atender às dinâmicas do capitalismo global, que pode ser visto como um sistema opressor.

Aprofundando a discussão iniciada, depreende-se que a engrenagem econômica e social brasileira funcionou através do modo de produção escravista. Mesmo após a independência, conforme aponta Segato (2021), a América seguiu a alienação a uma ordem racializada, logo o processo ocorreu sob a “rearticulação da colonialidade do poder sobre novas bases institucionais” (Segato, 2021, local. 82). Essa lógica moldou o Brasil pós-abolição.

Em *Diário de Bitita* (1986), é possível visualizar a reprodução da episteme colonial, destacando o contraste entre a fartura dos proprietários das terras e a precariedade dos negros que trabalhavam nelas:

Dormimos no solo como animais, porque os nossos cacos estavam na estação. [...]

Não tínhamos permissão para plantar. O fazendeiro nos dava uma ordem de cento e cinquenta mil-réis para fazermos compras num armazém lá em Restinga. Tínhamos que andar quatro horas para ir fazer as compras, o dinheiro não dava. Comprávamos feijão, gordura, farinha e sal. Não tomávamos café por não ter açúcar. Não tinha sabão para lavar a roupa de cama. Que fraqueza! (Jesus, 1986, p. 126).

85

Trabalhamos quatro anos na fazenda. Depois o fazendeiro, nos expulsou de suas terras.

— Vão embora! Não os quero na minha fazenda. Vocês não me dão lucro. Só me dão prejuízos, a sua lavoura é fraca.

O meu padrasto pediu:

— Se o senhor me alugar o arado para arar as terras.

— Não dou nada, vão embora. Você vai vender verduras em Uberaba, ganha muito dinheiro e não divide comigo.

Ele vendia mil sacos de café classificado, o café moca. Vendia cem porcos gordos para os frigoríficos, e nós ganhávamos trinta mil-réis com as verduras e ele queria divisão. Nestas fazendas só o fazendeiro é quem tem o direito de ganhar dinheiro. [...]

O fazendeiro entrou, fechou a porta dizendo:

— Oh! se ainda existisse o tronco! (Jesus, 1986, p. 123-124)

Em sua percepção do mundo que a rodeava, a autora reconhecia a desigualdade social, entendendo que os que eram desprovidos de capital não tinham nenhuma valia, sendo sempre inferiorizados:

Eu olhava o dinheiro e pensava: “Sem este papel ninguém vive. Ele nos domina, e predomina na nossa vida! Os que têm bastante são fortes, são respeitados, são os donos do leme; quem não o tem em grandes quantidades, é João-ninguém, pé-rapado, são os desconsiderados, são os fracos.” Eu só conseguia comer quando estava empregada (Jesus, 1986, p. 174).

O dinheiro coloca o pobre de um lado, e o rico do outro (Jesus, 1986, p. 132).

A pobreza, em seu ponto de vista, condena o sujeito à afasia: “Os pobres têm que ser afônicos. Viver no nosso país como se fôssemos estrangeiros. A ira da lei contra nós era agra (Jesus, 1986, p. 181). Nos excertos, fica claro que as relações de poder se perpetuaram através de práticas que atendiam à produção capitalista, mantendo os pobres em condições desumanas. Nesse sentido, infere-se que a perspectiva eurocêntrica foi o modelo utilizado para moldar as relações da sociedade brasileira, o que ratifica a ideia de que “[...] a estrutura de poder foi e ainda segue estando organizada sobre e ao redor do eixo colonial” (Quijano, 2005, p. 135).

A apropriação econômica e territorial na conquista das Américas implicou um sistema econômico que perdura. O capitalismo é uma estrutura que produz, reproduz e perpetua a subalternidade para assegurar que a engrenagem de poder colonial permaneça fixada nas esferas da vida social, política e econômica.

3. O patriarcado

86

O capitalismo dialoga com o patriarcalismo no que se refere à subalternização como consequência de um modelo hierárquico e binário, pois é na relação criada para o acúmulo de capital que existe a demanda de um servir ao outro. O que serve está sob as ordens de quem busca o enriquecimento. Além disso, para atender à colonialidade do poder, um perfil ideal é criado:

Ele é homem, branco, alfabetizado, proprietário e *pater familias* (uso este termo em vez de heterossexual, porque sua vida sexual é desconhecida, mas sua “respeitabilidade” como chefe de família pode ser comprovada). Qualquer pessoa que aspire a adquirir sua capacidade cívica – a capacidade de incorporar uma identidade política pública – deve converter-se a esse perfil (Segato, 2021, p. 109).

Diante disso, as identidades dos povos colonizados acabaram sendo (re)construídas por um viés de alteridade. É possível verificar tal situação quando a narradora relata: “Eu sabia que era negra por causa dos meninos brancos. Quando brigavam comigo, diziam: – Negrinha! Negrinha fedida!” (Jesus, 1986, p. 83).

Neste ponto, é crucial destacar que existe uma divergência de entendimentos entre alguns autores sobre o início do patriarcalismo: antes ou após o fim da colonização. Para esse trabalho, optou-se por utilizar a visão de Rita Segato (2022) que traz uma perspectiva histórica, associando o patriarcado ao erro feminino fundado na teoria cristã, denominado como mito adâmico, logo compreende-se que antes do colonialismo uma forma de patriarcalismo já era aplicada nas relações sociais. Com base nesse entendimento, a autora aborda o patriarcado como uma “ordem política mais arcaica, que se apresenta mascarada sob um discurso moral e religioso” (Segato, 2022, p. 46).

Paralelamente, convém analisar que a subalternidade feminina era fundamentada no cristianismo, na narrativa da criação da mulher e em seu papel de ajudadora: seus deveres consistiam em ser esposa obediente, mãe e doméstica. No entanto, a desobediência de Eva acarretou na condenação da Terra, de tudo o que nela há e da própria humanidade.

O castigo da mulher foi ter as dores de parto multiplicadas e a submissão à vontade masculina: “**e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará**” (Bíblia, Gn 3, 16, grifo nosso). O mito adâmico significa uma “supremacia do homem legitimado na narrativa por não ser frágil diante da tentação como a mulher do Gênesis” (Segato, 2022, p. 257).

Partindo dessa perspectiva, a Bíblia apresenta diversas narrativas que corroboram a subalternidade da mulher: “**A mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão**” (Bíblia, 1 Tm 2, 11, grifo nosso); “Assim como a igreja se sujeita voluntariamente a Cristo, assim devem as mulheres sujeitar-se **em tudo** aos seus maridos” (Bíblia, Ef 5, 24, grifo próprio); “Esposas, **sujeitem-se aos vossos maridos**, como convém a mulheres que pertencem ao Senhor” (Bíblia, Cl 3, 18, grifo próprio). Assim, infere-se que o cristianismo, com a ideia do pecado e da divisão entre o bem e o mal, marcou “a sexualidade feminina como má” (Lugones, 2019, p. 390).

Enquanto o perfil ideal do patriarcado transformava o homem branco em um sujeito dominador, à mulher, independentemente de sua etnia, coube o papel de dominada, de subalterna.

Em *Diário de Bitita* (1986), Carolina Maria de Jesus se reporta à condição de subalternidade da mulher. No primeiro capítulo da obra, ela relata o desejo que tinha de ser homem quando era criança, uma vez que conseguia perceber a

diferença de posição entre os gêneros na sociedade: “ — [...] O homem que trabalha ganha mais dinheiro do que uma mulher e fica rico e pode comprar uma casa bonita para morar” (Jesus, 1986, p. 13). Mais adiante, ela afirma: “Eu ficava com inveja e pensava: ‘Por que é que eu não nasci homem para ficar rico, e ganhar muito dinheiro?’” (Jesus, 1986, p. 77).

Diante do exposto, nota-se, com base no cristianismo, que a sociedade se aliou a um padrão religioso que trouxe a família para o campo central da discussão. O formato de padrão familiar é a composição bíblica: o homem formado por Deus e dominador de todas as espécies da terra e da mulher — que deve ter os seus desejos voltados ao marido, exercendo os papéis de mãe, dona de casa e ajudadora sob total submissão — e filhos submissos aos pais.

Apesar de o poder e da autoridade serem predominantemente exercidos por homens, sendo as mulheres relegadas a papéis secundários e subordinados, é necessário enfatizar que a ótica patriarcal está na base de todo tipo de autoritarismo. ,

Assim, na perspectiva de Segato (2022), a luta feminina não é contra o homem, mas contra a ordem política denominada patriarcado, que é a base das desigualdades.

88

4. A violência de gênero

A colonização europeia não se limitou à imposição de uma economia capitalista global, mas também reconfigurou as relações de gênero, introduzindo uma lógica binária e patriarcal que colocava os homens em posição de superioridade, conforme os padrões ocidentais.

Os povos colonizados possuíam formas próprias de entender o corpo, o trabalho e a sexualidade, que não condiziam com a matriz patriarcal trazida da Europa. As estruturas existentes foram deslegitimadas pelos colonizadores.

A mulher nativa foi duplamente subalternizada, pela condição de colonizada e pelo seu gênero. Vistas pelos europeus como incivilizadas, as mulheres indígenas ou negras eram destituídas de sua humanidade, todavia serviam para atender aos desejos sexuais dos homens.

A partir da concepção de que o patriarcado é uma estrutura de poder que produz a subalternidade como forma de controle, Lugones (2019) discorre sobre

o conceito de colonialidade de gênero como uma forma de manifestação da dominação colonial. Em seu ponto de vista, as mulheres negras eram vistas como seres fora de qualquer contexto, mas que tinham duas funções sociais: a reprodutiva e a sexual.

Lugones (2019) argumenta que para compreender a opressão de gênero em contextos coloniais é preciso considerar como o gênero foi imposto historicamente e racializado pelo processo de colonização, ou seja, para a autora, a subalternidade de gênero na colônia é inseparável da subalternidade racial.

Outra questão relevante a ser abordada é a violência, que pode ser observada, por exemplo, quando Carolina narra que seu pai deixou sua mãe para unir-se a uma mulher branca. Percebe-se que a visão do branco como superior era algo internalizado nas relações entre os próprios negros. Estar com uma branca poderia significar a ocupação de um espaço social melhor.

Ele era o tipo de homem irresponsável, que não mantém o lar e exige fidelidade. Não tinha idade para ser chefe de família. O que ele queria era casar-se para conseguir a sua liberdade. Não teve consciência de minha mãe cuidando, zelando a sua felicidade. Disse:

— Casei com uma negra só para sair da tutela.

E foi morar com uma mulher branca. Uma velha com cinquenta e dois anos, poderia ser sua avó. Mas era branca. E ele dizia que mulher branca não tem idade.

— E sempre jovem (Jesus, 1986, p. 63-64).

Em *Diário de Bitita* (1986), existem diversos episódios que demonstram que não importava a esfera onde a autoridade fosse exercida, os que detinham o comando entendiam que poderiam agir livremente, exercendo o seu domínio como forma de coerção, subjugação e controle. Não importavam os laços sanguíneos, o legado do patriarcado servia de base à opressão de gênero:

A mulher que vivia com o meu avô era a Siá Maruca. Uma preta calma. Era um casal elegante. Quando falavam, se o vovô a repreendia ela chorava e curvava a cabeça e pedia desculpas. Quando o vovô se ausentava eu dizia:

— Siá Maruca, por que é que a senhora não reage quando o vovô a repreende?

— Não minha filha! A mulher deve obedecer ao homem. Eu ficava furiosa. E chorava porque queria virar homem para as mulheres obedecerem-me. (Jesus, 1986, p. 60).

Levando em consideração a relação marital, as mulheres da obra apresentam-se submissas, do lar, algumas mães, e que suportam várias formas de opressão. A esposa do avô de Carolina é uma dessas mulheres:

Meu avô retirou a cinta da cintura e espancou-a. Dizia:
— E a última vez que a senhora vai fazer compras sem o meu consentimento. Quando quiser sair, peça-me permissão. Quem manda na senhora, sou eu! Se a senhora não sabe obedecer — vai embora!
A siá Maruca chorou (Jesus, 1986, p. 73-74).

Naquele momento, Carolina refletiu sobre o papel da mulher e entendeu que a obediência era negativa:

E eu fiquei pensando: ‘É melhor ser meretriz, ela canta, vai aos bailes, viaja, sorri. Pode beijar os homens. Veste vestidos de seda, pode cortar os cabelos, pintar o rosto, andar nos carros de praça e não precisa obedecer a ninguém’ (Jesus, 1986, local.74).

É sabido que o patriarcado não se apresenta da mesma forma para todas as mulheres (Vergés, 2019). Apesar de as mães solo não terem um marido a quem se submeter, subordinavam-se a um trabalho exaustivo para conseguirem sobreviver e criar os filhos. Essa subalternidade dava suporte à manutenção da desigualdade, tendo o patrão como o explorador. Costumavam trabalhar mais que doze horas por dia, sendo essa a única forma de conseguir sustentar a família.

As mulheres pobres não tinham tempo disponível para cuidar dos seus lares. Às seis da manhã, elas deviam estar nas casas das patroas para acender o fogo e preparar a refeição matinal. Que coisa horrível! As que tinham mães deixavam com elas seus filhos e seus lares.
As empregadas eram obrigadas a cozinhar, lavar e paassar. [...] Deixavam o trabalho às onze da noite. Trabalhavam exclusivamente na cozinha. Era comum ouvir as pretas dizerem:
— Meu Deus! Estou tão cansada! (Jesus, 1986, p. 33).

Nas relações de trabalho, era e ainda é comum a perpetuação da violência aplicada pelo poder que o patrão e sua família exercem sobre os serviçais. Em seu relato, a autora faz uma denúncia do estupro das meninas negras, filhas das empregadas que trabalhavam nas fazendas. Apesar do horrendo abuso a que eram submetidas suas filhas e ao comum espancamento que seus filhos sofriam,

as mães eram obrigadas a ficar em silêncio, uma vez que para sobreviver era preciso manter-se em silêncio:

Se o filho do patrão espancasse o filho da cozinheira, ela não podia reclamar para não perder o emprego. Mas se a cozinheira tinha filha, pobre negrinha! O filho da patroa a utilizaria para o seu noviciado sexual. Meninas que ainda estavam pensando nas bonecas, nas cirandas e cirandinhas eram brutalizadas pelos filhos do senhor Pereira, Moreira, Oliveira, e outros porqueiras que vieram do além-mar. No fim de nove meses a negrinha era mãe de um mulato, ou pardo. E o povo ficava atribuindo paternidade: — Deve ser filho de Fulano! Deve ser filho de Sicrano. Mas a mãe, negra, inciente e sem cultura, não podia revelar que o seu filho era neto do doutor X, ou Y. Porque a mãe ia perder o emprego. Que luta para aquela mãe criar aquele filho! Quantas mães solteiras se suicidavam, outras morriam tísicas de tanto chorar (Jesus, 1986, p. 34-35).

Para Segato (2022, p. 24), o estupro, com o ato sexual forçado, enclausura o corpo feminino — “um destino silenciado”, que limita a pessoa, tornando-a menor em sua humanidade.

91

No contexto familiar do patriarcado, o homem exerce a autoridade. O tio de Carolina, Joaquim, era um sujeito temido, que replicava o seu autoritarismo também dentro do espaço doméstico, instaurando o controle, o medo e a hierarquização de afetos, como narra a autora em diversos episódios. Com base em seu poder masculino, obrigou a irmã a retornar para casa para remover a maquiagem do rosto porque não era carnaval; chicoteou a irmã quando esta reclamou que ele não era marido dela; chicoteava o sobrinho sempre que este não acordava cedo para trabalhar e fazia o mesmo com Carolina quando ela ria das situações.

A autora relata, ainda, uma forma de violência moral e psicológica entre pais e filhas. Em virtude das dificuldades financeiras, muitos pais obrigavam suas filhas a se prostituírem: “Visando enriquecer por intermédio das filhas, jovens desnutridas, que eram obrigadas a passar as noites bebendo bebidas geladas ou vagando pelas ruas procurando um admirador” (Jesus, 1986, p. 87). Muitas morriam bem jovens devido às doenças venéreas que contraíam. O corpo da menina subalterna não é reconhecido pela lógica do Estado, da igreja, da escola e nem mesmo da família.

No que diz respeito às autoridades institucionais, também é possível identificar o abuso de poder. Em um dos episódios narrados, Carolina e a mãe

sofreram espancamento de forma abrupta por um soldado que recebeu ordens de um sargento para proceder daquela forma. A violência foi tamanha que o braço de Joana, mãe de Carolina, foi quebrado e ela desmaiou em seguida. Além disso, as duas passaram cinco dias na cadeia sem receber alimentos, mesmo sem terem cometido nenhum crime.

Em seus livros, Carolina Maria de Jesus se reportava ao fato de viver em uma sociedade que não reconhecia a sua humanidade. A sua escrita apresenta-se, assim, como uma forma de resistência às desigualdades e injustiças sociais.

5. Replicando o patriarcado na esfera feminina

Partindo das análises apresentadas até o momento, infere-se que os valores do patriarcado eram introjetados na sociedade como um todo e, muitas vezes, reproduzidos de modo inconsciente no espaço do lar. A violência doméstica se manifesta como expressão da busca por controle e dominação, seja física ou psicológica, reproduzindo a lógica patriarcal que estrutura as relações hierárquicas, como bell hooks argumenta:

A maioria das mulheres claramente não usa violência para dominar homens (ainda que um número pequeno delas agrida os homens que fazem parte de sua vida), mas muitas mulheres acreditam que uma pessoa que tem autoridade tem o direito de usar de força para manter a autoridade [...] Uma vez que mulheres ainda são as principais responsáveis pelos cuidados de filhas e filhos, os fatos confirmam a realidade de que em um sistema hierárquico de uma cultura de dominação que empodera mulheres (como o relacionamento mãe-criança), é muito frequente que utilizem força coercitiva para manter domínio. Em uma cultura de dominação, todo mundo é socializado para enxergar violência como meio aceitável de controle social (hooks, 2018, p. 56-57).

Mulheres que são obrigadas a criar seus filhos sozinhas, frequentemente reproduziam o comportamento masculino no controle familiar. Os breves trechos citados a seguir exemplificam episódios de violência doméstica praticados pela mãe da narradora: “Minha mãe me espancava todos os dias. Quando eu não apanhava sentia falta” (Jesus, 1986, p. 26); “Minha mãe puxou-me: — Cala a boca cadela!” (Jesus, 1986, p. 29); “Minha mãe pegou um chicote e deu-me duas chicotadas” (Jesus, 1986, p. 52); “Ela ouvia-me e me dava duas chicotadas”

(Jesus, 1986, p. 113) “Minha mãe me xingava como se eu fosse a culpada daquela tragédia” (Jesus, 1986, p. 128). Com base nas evidências apresentadas nos textos que envolvem a relação entre mãe e filha, é possível verificar a reprodução do autoritarismo patriarcal, de modo igualmente violento. O uso da força da palavra e do castigo físico era um modo de demonstrar quem estava no controle, ainda que esse poder só se efetivasse na esfera do lar.

Na obra, a narradora relata que experimentou a violência psicológica e moral em diversos ambientes: rua, escola e família. Ademais, o diálogo entre as mulheres demonstra a normalização da violência física contra as crianças ainda bem pequenas — Carolina, por exemplo, tinha apenas quatro anos quando experienciou esse tipo de situação: “— Ela **precisa apanhar!** Você não sabe criar filhos” (Jesus, 1986, p. 10, grifo nosso); “— Bate, Cota! Bate nesta negrinha! **Ela está com quatro anos**, mas o cipó se torce enquanto é novo” (Jesus, 1986, p. 10, grifo nosso); “As vizinhas ficavam impacientes e diziam: — Dona Cota, **espanca** esta negrinha! Que menina cacete. Macaca” (Jesus, 1986, p. 12); “As vizinhas me olhavam e diziam: — Que negrinha feia! Além de feia, antipática. Se ela fosse minha filha **eu matava**” (Jesus, 1986, p. 14, grifo nosso).

93

Em seu registro de memórias, a autora narrou suas experiências, mas também revelou e denunciou as experiências de outros sujeitos oprimidos que usaram do poder da sua força interna na elaboração da resistência. Outrossim, percebe-se na obra de Carolina uma visão decolonial, pois ela desenvolveu uma escrita de resistência à colonialidade de poder e de gênero, pois tinha consciência não apenas das perdas vivenciadas pelo povo que sofreu a colonização, mas também da sua condição, haja vista que, sendo negra e mulher, era duplamente oprimida.

6. A interseccionalidade de gênero, classe e raça

A interseccionalidade é um instrumento essencial para desvendar as dinâmicas interligadas de dominação e resistência. Ademais, a vivência de Carolina Maria de Jesus e de outras personagens de *Diário de Bitita* expõe como essas dimensões se articulam na reprodução das desigualdades.

O contexto social é imprescindível para o entendimento da interseccionalidade, como explana Collins (2022), uma vez que consegue

demonstrar que as relações de poder que levam à opressão não operam de forma isolada, mas ocorrem dentro da realidade que cada ser experimenta.

Diário de Bitita se passa em um contexto de pós-abolição no Brasil, por volta de 1920, ou seja, trinta e dois anos após a abolição da escravidão. No entanto, revela as marcas da colonização em uma nação que não planejou a inserção dos negros libertos na sociedade (Maringoni, 2011). Essa falta de planejamento repercutiu nas gerações seguintes e, ainda hoje, há uma associação entre raça e classe que é responsável pela discriminação sofrida pelos negros.

A obra se reporta à opressão contra a mulher negra, cujo corpo nunca foi livre, ainda que não estivesse mais sob o regime da escravidão. Se nascer mulher significava estar privado de liberdade, nascer mulher negra significava carregar o peso da submissão e do preconceito.

Carolina Maria de Jesus compreendeu, desde cedo, que as mulheres negras estavam presas à necessidade de sobrevivência desde a infância. A submissão, resultado de uma sociedade patriarcal, capitalista e escravocrata, era a forma que a mulher encontrava para manter-se viva. A autora estava atenta às injustiças do cotidiano negro feminino e suas denúncias permitiram que as vozes de outras mulheres fossem ouvidas.

Em relação ao espaço das mulheres racializadas, recorreremos ao conceito de lócus fraturado, de Maria Lugones (2019), o local onde se (re)constrói e se (re)significa a identidade, ou seja, um lugar de confronto entre a sociedade que exclui e o eu que existe e resiste. Carolina usou a sua experiência pessoal para desvelar o sistema e suas formas de opressão, mas também para mostrar como conseguiu resistir até o final.

Com efeito, é possível refletir que *Diário de Bitita* (1986) não é uma produção da identidade única da autora, mas é a exposição do que ocorre em um espaço marcado por histórias de muitas lutas, mas também de resistência e transformação. Carolina se moveu na “tensão entre a desumanização e a paralisia da colonialidade do ser, e a atividade criativa do ser-sendo.” (Lugones, 2019, local. 403).

Considerações finais

Ao analisar a interseccionalidade entre diferentes formas de opressão, como aquelas geradas pelo capitalismo, o patriarcalismo e o racismo, concluímos que são formas de poder derivadas da colonização. Ao se entrelaçarem, obedecendo à lógica de um perfil eurocêntrico, promoveram a subjugação dos colonizados, que foram explorados para atender à demanda de enriquecimento dos colonizadores.

Diário de Bitita (1986) não é só uma história de vida; ele expõe as dificuldades e violências que as mulheres negras enfrentaram no Brasil depois do fim da escravidão. Além disso, é uma obra que faz uma crítica forte à forma como a sociedade trata questões como raça, gênero e identidade. Ao acessar o romance a partir do feminismo decolonial, com a ajuda das ideias de Maria Lugones (2019), entendemos que a escrita da autora é uma forma de luta e resistência. Ela fala de suas experiências para mostrar como pessoas negras, especialmente mulheres, foram e ainda são oprimidas por um sistema que valoriza apenas quem se encaixa nos padrões europeus e brancos.

95

Pouco tempo depois da entrega dos manuscritos que deram origem ao livro que foi traduzido, a autora faleceu. No entanto, ela deixou um legado muito importante para as mulheres negras: não se pode desistir, porque é preciso resistir sem esquecer a brutalidade a que foram submetidas as suas ancestrais.

Referências

BÍBLIA. *Almeida Corrigida Fiel*. Disponível em: <https://www.biblionline.com.br/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

COLLINS, Patricia Hill. *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica*. Tradução de Bruna Barros, Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.

FGV. Golpe de 1964 *In: Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/revolucao-de-1964>. Acesso em: 16 nov. 2025.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução de Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

IDÔNEA. In: DICIO. *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/idonea/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Biografia Carolina Maria de Jesus*. Disponível em: <https://carolinamariadejesus.ims.com.br/biografia/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Diário de Bitita*. Disponível em: <https://carolinamariadejesus.ims.com.br/diario-de-bitita/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. 2. ed. Sacramento, MG: Editora Bertolucci, 2015. 280 p.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. local. 386-405.

MARINGONI, Gilberto. O destino dos negros após a Abolição. *Revista desafios do desenvolvimento*, v. 70, 2011. Disponível em: [https://pt.scribd.com/document/191854470 /Historia-O-destino-dos-negros-apos-a-Abolicao](https://pt.scribd.com/document/191854470/Historia-O-destino-dos-negros-apos-a-Abolicao). Acesso em: 20 jul. 2025.

MATTOS, Maria Hebe; RIOS, Ana Maria. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. *TOPOI – Revista de História*, v. 5, n. 8, p. 170-198, jan./jun. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/j/topoi/a/FRCsRSBMxZHwc7_mD63wSQcM/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 20 jul. 2025.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. *Revista USP*, São Paulo, Brasil, n. 37, p. 82–91, 1998. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.voi37p82-91. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/27047>. Acesso em: 19 out. 2025.

MEMÓRIAS DA DITADURA. *O livro como uma arma subversiva*. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/livros-uma-arma-subversiva/>. Acesso em: 16 nov. 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad-racionalida. In: BLACKBURN, Robin. *Los conquistados. 1492 y la poblacion indigena de las americas*. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/36091067/Anibal-Quijano-Colonialidade-e-Modernidade-Racionalidade>. Acesso em: 28 dez. 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: _____. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2005. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 28 dez. 2025.

SEGATO, Rita. *Cenas de um pensamento incômodo: gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial*. Tradução de Ayelén Medail, Larissa Bontempi, Rita Paschoalin e Silvia Massimini Felix. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

SEGATO, Rita. *Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda*. Tradução de Danú Gontijo e Danielli Jatobá. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

ÚLTIMA HORA. *Ditadura proibiu Carolina de Jesus*. 1961. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=830348&pesq=%22proibido%20em%20Portugal%22&pagfis=9451>. Acesso em: 16 jul. 2025.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Trauma e escrita de si: uma leitura de *Muito longe de casa: memórias de um menino soldado*, de Ishmael Beah

Valkiria Yudice Gonzalez¹

Introdução

A conquista da independência pelos países outrora colonizados na África não resultou em uma transição pacífica na forma de governo, nem tampouco representou o fim da influência do colonizador. As disputas internas e as rivalidades políticas e étnicas que emergiram após o fim do domínio colonial desencadearam guerras civis sangrentas.

Serra Leoa tornou-se independente em 1961, porém, devido à corrupção governamental e à má gestão dos recursos naturais, como os diamantes, que eram umas das principais fontes de renda do país, houve uma desigualdade social e uma crise econômica que levou o grupo Frente Revolucionária Unida (RUF), liderado por Foday Sankoh, a lutar para a derrubada do Governo Central em 1991.

Quando a Guerra Civil terminou em 2002, os líderes rebeldes foram julgados por crimes de guerra, visto que, durante o conflito, cerca de 70 mil pessoas foram mortas, 2 milhões de pessoas se refugiaram em outros países e tanto o exército quanto os rebeldes recrutaram meninas e meninos para serem soldados.

Diante desse cenário de extrema violência e desumanização, é relevante considerar os efeitos traumáticos da guerra naqueles que a vivenciaram. O Transtorno de Estresse Pós-traumático é frequentemente reportado em soldados, mas as vítimas da guerra também o apresentam. Na obra, *Muito Longe de Casa: memórias de um menino-soldado*, de Ishmael Beah (2007), o autor retrata sua experiência como menino-soldado na guerra civil em Serra Leoa.

A narrativa de Beah evoca o trauma vivido por ele em dois aspectos: primeiramente, como vítima de uma guerra que traz o sofrimento causado pela

98

¹ Graduanda do Curso de Letras- Português/Literaturas, da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Bolsista de IC- FAPERJ. Este trabalho resulta da pesquisa realizada com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ. E-mail: valkiriaygonzalez@gmail.com.

perda de familiares e das raízes. e, em segundo lugar, devido ao sentimento de culpa por ter causado esse mesmo sofrimento a outras pessoas.

Segundo Cathy Caruth, o trauma é uma ferida que permanece, um evento que não é totalmente assimilado, em que a repetição marca a memória do indivíduo:

[...] trauma is not locatable in the simple violent or original event in an individual's past, but rather in the way that its very unassimilated nature—the way it was precisely not knowing the first instance— returns to haunt the survivor later on ² (Caruth, 1996, p.4).

Ao escrever sobre esse período de sua vida, Beah revisita memórias que o levam de volta aos seus traumas, confronta essas lacunas de sentido, revivendo e ressignificando episódios dolorosos por meio da narrativa e revelando sua perspectiva sobre a guerra. Esse exercício dá partida a um processo em que o testemunho tem um efeito terapêutico.

99

Márcio Seligman-Silva (2008) afirma que nas escritas testemunhais há a o “sentido primário de desejo de renascer.” (Seligman-Silva, 2008, p.66). A escrita de Beah permite que ele transforme essas memórias em relatos que de encontro com a literatura encontra um espaço de narrar o inenarrável e trazer a compreensão de tais fatos.

Neste artigo, analisaremos brevemente o *memoir* de Ishmael Beah, demonstrando como ele se insere em na categoria das escritas de si, ao mesmo tempo em que o narrador busca preencher com o imaginário as lacunas deixadas pela memória.

Segundo Michael Foucault (1993, p. 147), na antiguidade, a escrita de si era uma forma de autocuidado, em que o sujeito buscava a compreensão de si e da própria transformação por meio do exercício da linguagem. Então para Beah, ao lembrar o passado, ele se reinventa como sujeito ético e político, ressignificando a sua experiência.

² O texto traduzido é: “O trauma não se localiza no simples evento violento ou original do passado de um indivíduo, mas sim na forma como sua natureza não assimilada — o fato de não ter conhecido o primeiro evento — retorna para assombrar o sobrevivente posteriormente”. Todas as traduções são nossas.

A escrita de si e o testemunho

Nas escritas autobiográficas testemunhais que abordam os contextos de guerra há uma ênfase nos efeitos do trauma, que pode ser considerado como um evento isolado, visto que ele rompe barreiras temporais e aparece de forma repetitiva e bruta no presente, marcando toda a história do ser humano.

O trauma no *memoir* de Beah é construído conforme o autor vai revivendo sua história pela via da memória. No segundo capítulo, o autor descreve a violência do cenário da guerra, que persiste até mesmo sob a forma de pesadelos:

Meu corpo começa a doer e não consigo levantar nem um pé sem que sinta uma fisgada que vai dos pés até a espinha. Desabo no chão e abraço o corpo junto a mim. Manchas de sangue surgem no lençol, cobrindo-o. Ao colocar o corpo no chão, começo a desembrulhá-lo, iniciando pelos pés. O corpo está coberto de balas até o pescoço. Uma das balas estilhaçou seu pomo de adão e jogou os restos para o fundo da garganta. Levanto o lençol que cobre o rosto do morto. Estou olhando para o meu próprio rosto. (Beah, 2007, p. 20)

Nessa passagem, Beah narra que o pesadelo ocorre depois de mais de um mês morando em Nova Iorque. O trecho evidencia a persistência do trauma, expondo o conflito entre um "eu antigo", corrompido pela violência, e um "eu novo", que tenta se desvencilhar desse passado, mas sem se esquecer dele. A cena do sonho serve para evocar a intensidade emocional do que foi vivido e que continua a aterrorizá-lo.

Memória e trauma: de vítima a algoz

Os estudos sobre o trauma contribuem para a análise de obras que abordam conflitos bélicos, pois, a partir desses conflitos, se produzem narrativas que são profundamente marcadas pela memória da violência que ocasiona o trauma. Elas são testemunhos, individuais ou coletivos, dessas experiências.

Na narrativa de Beah, ele relata que estava a caminho de Mattru Jong com seu irmão Junior e alguns amigos para participar de um *show* de talentos quando, ao fazerem uma parada em Kabati, onde sua avó vivia, recebeu a notícia de que sua aldeia, Mogbwemo, tinha sido invadida e destruída pelos rebeldes. A partir

desse momento, eles têm a infância interrompida e passam à condição de refugiados de guerra:

Ainda não conseguia acreditar que uma guerra havia atingido nossa casa. É impossível, pensei. Quando saímos de casa no dia anterior, não havia o menor sinal de que os rebeldes estivessem por perto. (Beah, 2007, p.11).

Em um impulso, os meninos decidem retornar à aldeia natal na esperança de encontrar seus familiares vivos, mas se deparam com imagens de sofrimento e destruição:

A última tragédia que vimos naquela noite foi uma mulher que carregava um bebê nas costas. Corria sangue pelo seu vestido, deixando um rastro atrás dela. Sua criança havia sido morta por tiros enquanto ela fugia. Para sua sorte, a bala não tinha atravessado o corpo do bebê. Quando parou onde nós estávamos, ela sentou e pegou a criança. Era uma menina, e seus olhos ainda se encontravam abertos, com um sorriso inocente no rosto. As balas podiam ser vistas saindo um pouco do corpo da criança, que começava a inchar e endurecer. A mãe agarrou a criança e a ninou. Ela estava sofrendo demais, e em tal estado de choque que não conseguia derramar uma lágrima (Beah, 2015, p. 14).

101

Sem rumo, eles perambulam durante meses, em busca de notícias dos familiares, que, segundo informações, ainda estavam vivos, bem como de alimento e segurança.

A narrativa, assim como a memória, é fragmentada e focaliza eventos que marcaram o autor de forma indelével. A experiência traumática rompe as barreiras do tempo e surge de forma repetitiva no presente.

Beah registra sua reação diante da visão de pessoas gravemente feridas após o ataque dos rebeldes à aldeia de Kabati, onde sua avó vivia. Ele vê um carro do qual sai um homem, que tinha tentado escapar dos rebeldes com a família. Ele está vomitando sangue e, dentro do carro, há corpos de pessoas mortas: “Eu senti náusea, e minha cabeça girava. Tive a sensação de que o chão se movia, e as vozes pareciam distantes de onde eu estava, tremendo” (Beah, 2007, p.14 -15). A partir desse momento, o autor começa a relatar dores físicas, como pontadas no peito, dormência pelo corpo, náuseas e fortes enxaquecas.

Em “After the End Psychoanalysis in the Ashes of History”, Cathy Caruth discute a relação entre o trauma, memória e a história a partir de reflexões de

Derrida(1995), para quem as guerras, os deslocamentos e as violências são “arquivos do mal” (*archives du mal*), pois são eventos que deixam marcas profundas e simultaneamente destroem as lembranças.

Muito embora, o trauma possa efetivamente causar o apagamento da memória, conforme atesta Walter Benjamin (1994) em “Experiência e pobreza”, o silêncio dos sobreviventes das guerras não se devia ao esquecimento, mas à incapacidade de traduzir o intenso sofrimento em palavras.

Em sua deambulação, Beah e outros meninos são detidos por soldados que os conduzem até a aldeia de Yele, agora ocupada pelos militares sob a liderança do tenente Jabati, que os convoca a juntar-se ao exército com um discurso manipulador que explora o luto e o ódio pelos rebeldes, de modo a convencê-los de que a luta é um ato de justiça e de defesa:

Fomos levados a uma plantação de bananas nas proximidades, onde praticamos ataques às bananeiras usando baionetas. “Visualizem a bananeira como o inimigo, os rebeldes que mataram seus pais, sua família, e aqueles responsáveis por tudo que aconteceu a vocês”, o cabo gritou. “É assim que você vai apunhalar alguém que matou sua família?”, ele perguntou. “É assim que se faz” (Beah, 2015, p. 112).

102

O tenente exerce um importante papel na formação de Beah como soldado, pois é uma figura de autoridade que o autor passa a admirar.

Os meninos recebem treinamento militar, armas e uniformes, bem como substâncias tóxicas, como pílulas estimulantes, maconha e *brown-brown* (cocaína misturada à pólvora), que contribuem para a perda da sensibilidade e das emoções. Segundo o autor: “Era como se nada mais existisse fora da nossa realidade.” (Beah, 2007, p. 130). Desse modo, novas personalidades são moldadas. Essa transição ocorre de forma abrupta e, de vítimas, as crianças passam a algozes promovendo uma repetição da violência que sofreram. As crianças-soldado tornam-se “máquinas de matar”, desprovidas de empatia e sensibilidade à própria dor e às dores de outros, como mostra a passagem a seguir:

Meu pelotão era minha família, minha arma era meu provedor e protetor, e minha lei era matar ou ser morto. Meus pensamentos não iam muito além disso. Estávamos lutando havia mais de dois

anos, e a matança se tornara uma atividade diária. Eu não sentia pena de ninguém. Minha infância tinha passado sem que eu soubesse, e parecia que meu coração havia congelado. (Beah, 2015, p. 126).

Mais tarde, Beah é resgatado por uma ONG, em conjunto com a UNICEF, e passa por um processo de reabilitação no Lar Benin. A ausência das drogas o leva, assim como os demais meninos resgatados, a uma síndrome de abstinência, gerando conflitos entre as crianças-soldado que serviram ao exército e aquelas que serviram aos rebeldes:

[...] garotos rebeldes sacaram algumas baionetas que tinham escondidas e avançaram em nossa direção. Era a guerra outra vez. É possível que os estrangeiros tenham sido bastante ingênuos a ponto de pensar que, nos tirando da guerra, nos livrariam do ódio que sentíamos pelos rebeldes do RUF. Não havia passado pela cabeça deles que uma mudança de ambiente não poderia imediatamente nos transformar em garotos normais; éramos perigosos, e tínhamos recebido uma lavagem cerebral que nos havia tornado assassinos (Beah, 2015, p. 135).

103

Quando os sintomas da abstinência desaparecem, muitos, como Beah, passam a ser afligidos pelo sentimento de culpa, que se traduz em pesadelos que os impedem de dormir tranquilamente:

[...] no meio da noite alguns de nós acordavam com pesadelos, suando, gritando e dando socos na própria cabeça para afastar as imagens que continuavam a nos atormentar mesmo quando não estávamos mais dormindo. Outros meninos acordavam, atacavam e começavam a enforçar quem estivesse na cama ao lado [...] Eu acordava suando e socando o ar. Corria para fora, até o meio do campo de futebol, e ficava balançando meu corpo para a frente e para trás, meus braços envolvendo as pernas. Tentava desesperadamente pensar na minha infância, mas não conseguia. As reminiscências da guerra tinham formado uma barreira que eu precisava quebrar para que conseguisse me lembrar de qualquer momento de minha vida anterior à guerra (Beah, 2015, p. 149-150).

Os funcionários do centro de reabilitação tentam atenuar o sofrimento dos jovens, afirmando incessantemente: “Não é sua culpa”. Entretanto, o narrador se revolta ante essa afirmação, pois, intimamente, não perdoa a si mesmo pelo que fez. Dois fatores contribuem para a sua recuperação: a enfermeira do centro, que

busca aproximar-se dele, estabelecendo laços de amizade, e o *rap*. Como Carreira sinaliza:

Quando representantes de várias entidades visitam o Lar, o narrador tem a oportunidade de apresentar um esquete de hip hop que havia escrito sobre a redenção de um ex-menino-soldado e acaba sendo convidado pelo diretor a dar depoimentos públicos. Embora desejoso de esquecer a própria experiência, o narrador descobre que suas falas podem lançar luz ao drama que viveu e atrair a atenção das pessoas para a condição trágica dos meninos-soldado (Carreira, 2022, p. 78).

É a necessidade de testemunhar que o leva a Nova Iorque para dar depoimentos sobre os meninos-soldado e ao contato com Laura Simms, que, mais tarde, o ajuda a sair de Serra Leoa, quando sofre pressões para voltar para o *front*, e o adota.

Antes de fugir para os Estados Unidos, Beah passou a morar com um parente, um irmão de seu pai, que havia sido localizado pela equipe do centro de reabilitação. Pela primeira vez em muito tempo, ele sente o que é ter uma família. Entretanto, o seu envolvimento na guerra acaba por ser revelado e ele começa a sentir os efeitos da exclusão na escola secundária onde estuda.

A situação piora quando o presidente eleito democraticamente é deposto e os soldados revolucionários começam a percorrer a cidade de Freetown saqueando, estuprando e matando pessoas. Logo, eles começam a pressionar os ex-meninos-soldados a voltarem ao campo de batalha. Temendo por sua vida, Beah foge para a Guiné, onde consegue asilo até seguir para os Estados Unidos.

Atualmente, o autor mora em Nova Iorque e é embaixador da Unicef, membro do Humans Rights Watch e presidente da Fundação Ishmael Beah, que se dedica a ajudar crianças afetadas pela guerra a se reintegrar na sociedade.

Ressignificando o trauma

Em “Traumatic departures: survival and history in Freud”, Cathy Caruth (1996) discorre sobre a teoria freudiana do trauma, e o fato de que, no indivíduo, ele se manifesta como uma ferida psíquica cujo elemento causador retorna por meio de sonhos e *flashbacks*. Caruth defende que o pavor ligado ao trauma não

advém somente da repetição em sonhos, mas também do despertar, visto que é nesse momento que o indivíduo vivencia a culpa.

No caso de Beah, a narrativa faz parte do enfrentamento e da ressignificação do trauma, assumindo um caráter terapêutico. Mais do que isso, ela conscientiza o público leitor das atrocidades cometidas em países africanos com conflitos internos.

Conforme Carreira afirma, o *memoir* de Beah “faz de cada leitor uma testemunha solidária e, assim, a obra cumpre o seu papel [...] evitando o esquecimento” (Carreira, 2022, p. 82).

Considerações finais

Muito longe de casa: memórias de um menino-soldado, de Ishmael Beah, é um relato de sobrevivente de guerra e, portanto, uma narrativa do impacto do trauma na subjetividade do autor, podendo ser compreendido também como um testemunho. O que diferencia essa obra de outras cujo foco é a guerra é o duplo papel do autor, como vítima e algoz.

Nos agradecimentos, Ishmael Beah fala de sua vida atual como sua segunda existência. A construção literária de sua experiência é uma forma de reparação do trauma, em que o autor deixa evidente o conflito que viveu e o sentimento de culpa pelo que fez a outros seres humanos.

Ao dar o seu testemunho, Beah também “deu um rosto às muitas crianças anônimas que lutaram na Guerra Civil de Serra Leoa” (Carreira, 2022, p.81), bem como fez do leitor uma testemunha que se solidariza com a sua história.

Referências

ARIZTI, Bárbara. “Welcome to contemporary trauma culture”: foreshadowing, sideshadowing and trauma in *Ian McEwan’s Saturday*. In: NADAL, Marita; CALVO, Mónica (org.). *Trauma in Contemporary Literature: Narrative and Representation*. New York: Routledge, 2014. p. 237-248.

BEAH, Ishmael. *Muito longe de casa*: memórias de um menino-soldado. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

CARREIRA, Shirley de S. G. Narrativas de refúgio: trauma e memória em *Muito longe de casa*, de Ishmael Beah, e *À sombra da figueira*, de Vaddey Ratner. In:

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes; TONUS, Leonardo. (Org.). *Migrância e refúgio: representações contemporâneas do deslocamento*. 1ed. Campinas: Editora Pontes, 2025. p. 189-214.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. Infância em tempos de guerra: uma análise comparativa de Menino Mamba-Negra e Muito longe de casa: memórias de um menino-soldado. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 77, p. 1-22, 2024. disponível em: <https://www.scielo.br/j/ides/a/8PNMXy6LdXDqsvnSDKMJJKJc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 out.2025.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. A literatura como lugar de memória: uma análise de *Muito longe de casa*, de Ishmael Beah. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 24, n. 46, p. 71-84, jan./ abr., 2022. Disponível em: doi: <https://doi.org/10.1590/2596-304x20222446ssgc>. Acesso em: 10 set. 2025.

CARUTH, Cathy. *Unclaimed Experience: Trauma, Narrative, and History*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996.

CARUTH, Cathy. Traumatic Departures: Survival and History in Freud (Beyond the Pleasure Principle; Moses and Monotheism). In: CARUTH, Cathy. *Unclaimed Experience: Trauma, Narrative and History*. Baltimore; London: The Johns Hopkins University Press, 1996. p. 57-72.

CARUTH, Cathy. After the End: Psychoanalysis in the Ashes of History. In: NADAL, Marita; CALVO, Mónica (org.). *Trauma in Contemporary Literature: Narrative and Representation*. New York: Routledge, 2014. p. 17-34.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos: A escrita de si*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

GUZMAN, Marcelo Chapa; DERZI, Carla de Abreu Machado. O trauma e seu tratamento: contribuições de Freud e Lacan. *Rev. Subj.*, Fortaleza, v. 21, n. 1, p. 1-14, abr. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692021000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 out. 2025.

NARCIZO, Makchwell C.; EHRLICH, Michel; GHERMAN, Michel. História e memória do holocausto: abordagens necessárias e urgentes. *Revista Mosaico - Revista de História*, Goiânia, Brasil, v. 15, n. 1, p. 3-6, 2022. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/12437>. Acesso em: 28 dez. 2025.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: AUGRAS, Monique (Trad.); ROCHA, Dora (Ed.). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RAGUSA, Pedro; DO SANTOS OLIVA, Alfredo. Subjetividade, Individuação e Escrita de Si: Aproximações teóricas entre Michel Foucault e Carl Gustav Jung. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 23, n. 2, p. 112–126, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/64279>. Acesso em: 28 dez. 2025.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/?format=html&lang=pt> Acesso em: 12 nov. 2025.

O lugar: narrativas, memória e pertencimento nas crônicas de Lindanor Celina, em *O Diário da Ilha*

Luciana Barros de Sousa¹

César Augusto Martins de Souza²

Ximena Antonia Díaz Merino³

O céu, o sol, os jasmims, as gardêneas (na minha terra chamavam-nas ‘general’), o sabor de certos peixes, tudo não é infância extraviada? Talvez por isso meu tamanho apego à Grécia.

(Celina, 1992, p.59).

O Diário da Ilha (1992), é um compêndio que agrega 100 crônicas de Lindanor Celina. Neste livro, a autora relata sobre os encontros e desencontros com as pessoas que ela tem contato ao longo do tempo em que esteve de férias na ilha grega, Skyros. São crônicas que relatam o cotidiano da autora, seus sonhos e suas vivências que oscilam entre a Europa e o Brasil, entre Paris e Pará, entre Skyros e Ajuruteua, entre sereias gregas e a Mãe-d’água da Amazônia.

O livro perpassa por doze anos da sua produção literária. No ano de 1975 a autora escreve onze crônicas. Em 1977, sete crônicas foram publicadas, em 1978, outras sete. Em 1981, período em que mais publicou, no total trinta crônicas. São do ano de 1982 vinte e quatro, já em 1987, Lindanor nos brinda com vinte e oito crônicas.

¹ Professora da rede Pública de Ensino, Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia (PPLSA) da Universidade Federal do Pará. *E-mail*: lbarros2004@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-9979-3176>

² Professor Associado do Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares/UFPA, onde atua junto aos Programas de Pós-graduação em Agriculturas Amazônicas, Linguagens e Saberes na Amazônia, Estudos em Etnodiversidade. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista Produtividade em Pesquisa/CNPq. *E-mail*: cesar@ufpa.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4530-4844>

³ Professora de Cultura e Literaturas Hispânicas da UFRRJ. Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos de Linguagem e Literatura (PPGLET) da UFRRJ e do Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia (PPLSA) da UFPA. Doutorado e Mestrado em Letras Neolatinas pela UFRJ. Pós-doutorado em História pelo PPGH da UERJ. *E-mail*: ximenadm2@ufrj.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8297-3118>

A autora registra, entre outros fatos, recordações de sua vida paraense em solos europeus, momentos significativos, é um livro de viagem cheio de memórias e saudades, lembrança da infância, dos amores, dos amigos, da família:

Sonhei com Ondina, amiga de infância (já em glória) e um antigo namorado que eu fazia plano de ver às escondidas, para isso mandava-lhe uma carta que esquecia numa sala. Ondina achava-a e entregava-me, eu perguntava-me: ela terá lido? Sonhei idem com minha irmã Lull, no Tribunal, eu pedia-lhe papel-cópia, Lucimar dava-me recomentando cautela, eu dizia não te importes, corto o timbre. (Celina, 1992, p. 83).

Lindanor Celina nos apresenta um cenário das suas viagens à Grécia, mais precisamente para a ilha de Skyros, onde amava passar suas férias de verão. A cronista nos fala da geografia, da topografia, da cultura local, de suas leituras, dos acontecimentos relevantes que aconteciam na França, da culinária (de lá e de cá) e dos amigos, e em todos esses temas ela faz uma comparação saudosista com sua terra natal, de sua Amazônia. Do início ao fim da obra, a autora faz referência ao seu país de origem, mas de forma muito especial, Lindanor Celina relembra suas vivências em Bragança, estabelecendo semelhanças entre a ilha de Skyros e Ajuruteua, entre a França e o Brasil, valorizando os pormenores, acontecimentos rememorados de sua infância e o início de sua adolescência. A cronista descreve, com sua visão pessoal e única, os ambientes, fazendo com que o leitor crie mentalmente os cenários descritos e embarque nessa viagem com a autora entre a Europa e o Brasil.

Diário da Ilha (1992) é um livro de viagem composto por relatos curtos, que se apresentam em um estilo refinado. A linguagem é de fácil compreensão, flertando, sem exageros ou pieguices, com o coloquial:

Não sei o que vale este 'disque' diário. Prometi mantê-lo, faço-o (...) posso rasgá-lo ou metê-lo numa gaveta, com outros papéis que um dia irão direto ao lixo. Ou quem sabe um amigo da marca João Carlos-Estudioso, os apanhará na esperança de achar nele um fio (...) O diário é também – descubro-o agora – um meio não desprezível de praticar-se a disciplina, tão necessária a um escritor (Celina, 1992, p. 107).

A presença da terra natal é uma constante. Vejamos, por exemplo, na primeira crônica do livro, que já começa citando a praia de Ajuruteua: “Mamãe chegando ao Ajuruteua, pelo meio da noite, a treva, era o café ou o açúcar misturado com a farinha?” (Celina, 1992, p. 17).

Em 1987, a autora escreve sete crônicas, dentre elas, “Gente da Aldeia”, há, como em muitos outros escritos da autora, uma lembrança da infância, em sua terra natal:

A aldeiazinha é constituída por uma sinuosa ladeira principal, bordada de residências coloridas, com quintais verdejantes e perfumosos, onde aos tomates, berinjelas, quiabos, pimentões, misturam-se numa bonita desordem, dalias, cravos, jasmims, ah os jasmims da infância (de Bragança e certos bairros de Belém) (Celina, 1992, p. 53).

Na crônica “Adeus, Brumosa Paris”, datada de 1981, detectamos traços da fala regional. Vejamos:

Foi uma alegria deixar Paris. Parece blasfêmia? Talvez o seja. Mas era demais. Em pleno Julho, e todo mundo tiritando. Temperaturas batendo recorde de fúria desde que existe o serviço meteorológico, há mais de cem anos não se registrava uma tal cruviana⁴ no verão (de calendário) (Celina, 1992, p. 75).

A última crônica do livro *Diário da Ilha* (1992), escrita em 1987, período em que mais crônicas foram publicadas, referindo-se, intertextualmente, ao poeta Manuel Bandeira, encontramos: “Vou-me embora de Pasárgada”, com uma referência a uma manifestação cultural e religiosa do Estado do Pará, que ocorre no mês de outubro: o Círio de Nazaré.

Quando for ao Círio e vir passar a berlinda (vai na corda?, admiro-lhe o arrojo e a fé maior que a minha), se se lembrar, diga a Ela, diga-lhe: “Mãe, ajude a Lindanor, que há 15 anos não vê em Círio.” Promete? (Celina, 1992, p.239).

A simplicidade, leveza e beleza que os textos trazem são perceptíveis também na capa do livro que traz a ilustração de uma paisagem montanhosa, um barquinho e um mar, fazendo uma alusão a um ambiente tranquilo, pacato e cheio de magia. Do outro lado da margem um ambiente completamente diferente, que mesmo distantes, se aproximam pelo mar. Um oceano que separa o Brasil da Europa, Skyros de Ajuruteua.

O livro transita entre o regional e o universal, entre Belém, Marudá e Bragança e se firma expondo e valorizando o contexto Amazônico. Nas crônicas do *Diário da Ilha* (1992) a autora, Lindanor Celina, é a própria personagem de seus textos, é a viajante que vai narrando suas aventuras com lirismo, talento e esmero. É uma

⁴ Cruviana: frio, no linguajar de Ajuruteua, Pará, Brasil.

sedutora conversa, leve, livre, solta, que a autora, liricamente, estabelece consigo mesma e, também, naturalmente, com o destinatário, nós os seus leitores. Segundo o escritor paraense Ápio Campos:

Este *Diário da Ilha* não é um livro de crônicas, é um livro de segredos. Lindanor há tempos já os havia intuído, desde o período do Tribunal, mas, atraída por uma força encantatória que lhe soprou do Olimpo, foi parar na Grécia, berço de divindades que não morreram nunca: saíram das ilhas dos sonhos e misturaram-se entre os homens e, vez que outra, beijam silenciosamente a fronte de algum mortal privilegiado e o marcam para a beleza e para a eternidade (Campos, 2017, p.1).

Ao escrever o *Diário da Ilha* (1992), Celina mistura as cenas do mundo real com o imaginário em um fluxo quase que indissociável, a vida e a obra da narradora estão intrinsicamente ligadas. Narrativas que se aproximam, se misturam, se interseccionam. Os fatos do cotidiano ganham beleza e singularidade, os textos são leves e criativos. *Diário da Ilha* (1992) é, portanto, um livro de memórias, lembranças e saudades:

111

A memória é o produto que surge das experiências vividas, seja individual ou coletiva, elas surgem de forma consciente ou inconsciente, misturando e interseccionando o real e o imaginário. A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória" (Le Goff, 1992, p. 469-70).

As lembranças são manifestações únicas dos fatos vividos, que emergem na mente humana por meio de imagens e que se tornam acessíveis sempre que alguém deseja rememorar o passado. Segundo Bérqson (1979, p.08): “na realidade, não há percepção que não esteja impregnada de lembrança”. Já a saudade, segundo o *Dicionário Aurélio* (2023), é definida como um sentimento nostálgico que remete à lembrança de pessoas ou coisas distantes ou extintas. Essas lembranças e saudades são respostas emocionais ao tempo da vida humana que constroem e trazem de volta as experiências afetivas que nos levam ao passado, aos quintais, as aldeias, a lugares e pessoas que marcaram a nossa história.

Percorrendo as trilhas das crônicas

A imagem poética não está submetida a um impulso. Não é o eco de um passado. É antes o inverso: pela explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos e não se vê mais em que profundidade esses ecos vão repercutir e cessar. Por sua novidade, por sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio. [...] A imagem se transforma num ser novo de nossa linguagem, exprime-nos, fazendo-nos o que ela exprime, ou seja, ela é ao mesmo tempo um devir de expressão e um devir de nosso ser. No caso, ela é a expressão criada do ser” (Bachelard, 1972, p. 5, 10).

Lembrar é voltar ao passado, e, sem que possamos evitar, trata-se de uma presentificação, de uma reativação, uma recriação, uma atualização de fatos, de acontecimentos. É novamente trazer à baila momentos, sensações, sonoridades e, sobretudo, imagens. Lembranças são atualizações, no presente, de imagens de nós mesmos (interiores), e, paralelamente, do universo que nos cerca (exteriores). Tempo e espaço, em consonância, se fundem, se harmonizam poeticamente. Assim, “não nos parece mais um paradoxo dizer que o sujeito falante [tanto o escritor quanto o leitor] está inteiramente contido na imagem poética, pois, se ele não se entregar a ela sem reservas, não entrará no espaço poético da imagem” (Bachelard, 1972, p. 13).

112

Primeira parada: Crônica - Primeiro alumbramento

Mamãe chegando ao Ajuruteua⁵, pelo meio da noite, a treva, era o café ou o açúcar misturado com a farinha? Ou o querosene?

E minha mãe maldizendo-se, xingando o papai por havê-la metido em semelhante aventura.

A casa do pescador, onde nos hospedamos, pelo teto viam-se as estrelas todas, ainda bem que a praia era abençoada, ali não chovia nunca, pelo menos naquela época.

Pois para ir até Skyros, atropelo igual: ônibus-ferry-boat-ônibus-navio

⁵ Ajuruteua: Praia da Região do Salgado, Município de Bragança, Pará, Brasil.

(explico?).

E ao cabo, a chegada ao portinho, Linária chama-se, Skyros propriamente fica do outro lado da Ilha, e apenas três infelizes táxis para a multidão desembarcada.

Em pânico, dirijo-me a um guarda, este leva-me a um motorista, o chofer-soberano-tirano, que te ignora as súplicas, só levanta a mão espalmada e diz, por cima do ombro: "*Pempty!*" (cinco, tenho cinco corridas engatilhadas, se quiser esperar...), e tu fazes o cálculo, cinco vezes quarenta minutos, tempo de cada ida/ volta a Skyros, são sete e meia da noite, e tens fome e sede e te morres de cansaço, minha idade é para essas infucas? Eu?! Pois parece que sim. Paciência e fé não é o que salva?

Vai surgiu um carro, um casal buscando algo, saltaram, vasculharam o navio, de ventre aberto, destripado, buscam que buscam.

Fui a eles, no meu grego insipiente:

- Procuram por alguém?

A senhora: Né (sim).

Não acham?

Oxi. (não.)

Moram em Skyros?

Né... giatí (por quê)?

Aí é que o distinto afivela rápido a "cara-de-pau" e entra firme: "Poderiam fazer a gentileza de levar-me, sou estrangeira, não conheço vivalma nestes confins, se me permitem, pago a gasolina."

A moça que é loura, chama-se Erse e já se condeu da minha sorte, faz que sim, "espere um pouco, tempo de comprarmos um peixe para o jantar."

Para encurtar conversa, não fora esses dois anjos - Erse e Sotiris (que em grego significa precisamente salvador) - que seria de mim naqueles ermos, noite caindo, sem um teto, um amigo, um desgraçado dum táxi?

Assim foi meu batismo em Skyros. E asseguro-lhes, valeu a pena a agrura inicial. Pois essa Ilha, tenho-a aqui, encravadinha no coração.

E nela vi coisas: uma moça negra americana, que pessoa! Um moinho lendário. Um povoado medieval.

Uns tocadores de alaúde. Caminhos paradisíacos marginados de figos, peras e uvas. O jeito é fazer-vos uma espécie de Diário da Ilha, corrido, e isto prossegue na próxima.

(Skyros, Verão/75).

Quando abri os olhos para o mundo, me vi naquela casa de porta e janela, na rua das Pedras. A mais remota lembrança, minha, foi mesmo a daquele dia de procissão. Procissão do Senhor Morto. Quando meu Deus? Eu teria, deixe ver, meus quatro anos, não mais (Celina, 1963, p. 7).

Segundo informações do professor Dario Benedito, professor e historiador bragantino, estudioso da história local, a antiga casa de Lindanor Celina não existe mais e, em seu lugar, encontra-se atualmente uma madeireira.

A casa ficava localizada na Rua Polidório Coelho, do lado direito, sentindo de quem vai do centro para o bairro do Taira. A casa situava-se após a escola Maria José Martins (mais conhecida como Maricotinha), nas proximidades do rio Cereja. Foi nessa casa, em Bragança que Celina viveu grande parte de sua infância, até os onze anos de idade, antes de se mudar para Belém e ir estudar no internato do colégio Santo Antonio. A casa também faz parte de muitos cenários ficcionais presentes em suas obras. Para Lindanor, desta casa “datam minhas primeiras lembranças. Era de canto, de porta e janela, chão de cimento. Dela guardei poucos detalhes. Sei de um pé de carajanas no quintal, um dia levei umas lambadas porque, às escondidas me fartei de cajaranas, depois de um bruto purgante de mamonas” (Celina, 1996, p. 11). A casa também está presente nas histórias vividas por Irene, personagem do romance *Menina que Vem de Itaiara*: “Minha vida era aquela casa de porta e janela, as malinesas das filhas da Marcionila, o som do piano dos Coutinho, a rua onde quase nada acontecia” (Celina, 1996, p. 13). São lembranças que realçam a criação e o imaginário da autora Lindanor Celina.

114

Impressões da leitura

Na crônica "Primeiro Alumbramento", a cronista narra sua experiência em uma viagem à Europa, entrelaçando suas lembranças com uma viagem que fez na infância à Ajuruteua, uma paia da nossa Bragança, no Pará. A autora aproxima os acontecimentos das duas viagens, relacionando-os e destacando os desafios e dificuldades comuns a ambas. Os cheiros, os sabores, o espírito de aventura desse alumbramento, dessa descoberta do mar, da praia.

A narrativa começa com a autora descrevendo a chegada à praia, descrevendo o lugar em que se hospedou com sua mãe: a casa de um pescador. A narradora relembra dos percalços enfrentados durante a viagem e a chegada de sua família à casa do pescador. Ela costura esses recortes de suas memórias e descreve em detalhes sua chegada a Skyros, uma ilha grega, berço das divindades, esmiuçando os desafios enfrentados, bem como a travessia de *ferry-boat*, a hospedagem e a comunicação com as pessoas ao longo de suas viagens por outras terras. Esses acontecimentos aproximam as duas realidades distintas vividas pela narradora. De um lado, suas vivências na Europa; de outro, os sentimentos nostálgicos que vêm à memória, enquanto lida com as frustrações da viagem, e trazem à tona memórias do passado.

Do olhar da viajante, emerge uma narradora irradiante e andeja por terras distintas, contando os fatos de forma espontânea, como se estivesse conversando com o leitor. A linguagem simples e rica em pormenores sensoriais e emoções envolve o leitor em cada cena de sua narrativa, de forma leve e poética. A paisagem exótica de Skyros que se contrapõe à exuberância de Ajuruteua são elementos utilizados pela narradora para conectar as duas praias, mostrando como, apesar do distanciamento, das diferenças naturais, culturais e geográficas, há, em sua rememoração, uma conexão profunda entre os lugares e as experiências vividas pela cronista:

Mamãe chegando ao Ajuruteua, pelo meio da noite, a treva, era o café ou o açúcar misturado com a farinha? Ou o querosene? E minha mãe maldizendo-se, xingando o papai por havê-la metido em semelhante aventura. [...] Pois para ir até Skyros, atropelo igual: ônibus-ferry-boat-ônibus-navio (explico?). E ao cabo, a chegada ao portinho, Linária chama-se, Skyros propriamente fica do outro lado da Ilha, e apenas três infelizes táxis para a multidão desembarcada. (Celina, 1992, p.17).

“Primeiro Alumbramento” narra o encantamento da cronista ao chegar a Skyros, seus atropelos e seu “salvamento – batismo” na ilha dos deuses gregos. Na crônica, autora e narradora se confundem. A narrativa se mostra, subjetivamente, impregnada pela memória da cronista. As lembranças da narradora conectam experiências já vividas em outro momento de sua vida com o aqui e o agora. Os recortes memorialísticos, como *flashes*, instantâneos factuais e imagéticos, aproximam, de forma consciente ou inconsciente, o cenário atual à paisagem, à realidade, agora distante, de sua terra bragantina, Pará. Como pontua Joel Cardoso (2014, p.185): “São memórias que advieram de experiencias não somente vividas, mas também daquelas que se formaram ao trajeto existencial em que se (con)fundem real e imaginário”. Isso

revela que, as produções literárias não são totalmente fiéis aos fatos de quem vivenciou a história, pois, embora o relato seja de cunho verdadeiro, no decorrer de sua escrita, algumas passagens, fragmentos da vida se perdem ou não são contados, logo a verdade foi falha. Nessa perspectiva Laplantine e Trinde (2003, p. 79) acrescentam que o imaginário possui um compromisso com o real e não com a realidade.

Crônica - “Eu mereço isto?”

Meu Deus, eu mereço isto? A pureza deste azul? Um tal sossego? O mar é meu, é a impressão que tenho, não há viva alma em toda a imensidão que abarco desta terrace, Beleza! Só a cabeça de um homem nadando bem ali, e três barquinhos irmãos, o mais é o mar, é o impossível azul do Egeu, descoberto, com que alvoroço, há onze anos.

Aqui se esquecem os dias da semana, se esquece tudo? Ai não. Mas as coisas chegam assim atenuadas, enroladas em macio. Efeito unicamente da lonjura não deve ser. Porém este lugar é tão outro, que o tempo exige descobertas.

A aldeia é num perto-longe, encravada na montanha abrupta, a pelo menos duzentos metros de altura, casario medieval, alvo de doer na vista, à luz crua do verão.

Coragem para ir àqueles píncaros, a ver os bordados famosos, a arte dos móveis raros e principalmente observar como vive um povoado grego encarapitado no agreste da serra.

E vamos dilatando a hora, amanhã eu subo lá, ou depois de amanhã, não sei, por que fixar prazos, vida boa quer pressa?

Pois dizia, tudo aqui é tão diverso do nosso mundo, do antes conhecido. Entretanto, num dado momento, no extremo dos confins, um constata que os cenários mais distantes, as pessoas mais apartadas, irmanam-se.

Por exemplo, a curva da baía que leva ao cabo do Moinho, não é, por vezes, em horas mortas, escrito a Marudá⁶, lá para a ponta da praia onde existiam os nossos barracos, hem, Wlamir, hem Emânuel?

Até as casas, raras, e um certo ar selvagem que era o nosso encanto.

E a brisa não é a de Marudá depois do almoço, rede armada na varanda, precisão nenhuma de embalar, que disse o vento se encarregava? — este pretérito é que é o nó...

Também cá as pessoas fazem dádivas, como em Bragança. Passamos por um quintal - sempre dei a vida por quintais, vergéis.

⁶ Marudá: praia do litoral amazônico – Pará, Brasil.

A pereira, gravíssima de frutos pequenos, dourando-se, de maduros. Parei só para olhar, tão bonito era. Mas uma voz lá de dentro:

- Do you like pears?

Entendi? vender? dar?

- Gostar, gosto, mas o que me fez parar, senhora, foi a beleza da sua árvore (eu que perdi todas as minhas).

- Venha, venha - e deu uma ordem em grego a alguém.

Uma jovem apareceu com um sorriso e um alguidar. E foi colhendo as peras e incitando-me idem a apanhá-las.

E depois de lavá-las em água fresca, da cisterna próxima:

- Coma, coma, e o que não quiser, leve para casa.

- Devo-lhe quanto? - perguntei, mais por um polido vexame.

- Nada, nada, é oferta, é de gosto. Ora, ora.

Estar em terra alheia e receber gesto assim, digo-vos, isto reconcilia qualquer um com a humana raça.

(Skyros, Verão/75).

117

O Prof. Dr. Gutemberg Guerra, amigo de Lindanor Celina, durante a realização da sessão de qualificação, como membro da banca examinadora, trouxe suas memórias da amizade na França, com Celina e dos, segundo ele, longos e agradáveis diálogos em que ela trazia suas memórias. Nessas conversas, ele relatou que a escritora era uma pessoa muito musical, amava tocar violão e teclado. “Ela era afinada, tocava e cantava muito bem”. Ainda de acordo com o professor Gutemberg Guerra, durante o período do Círio de Nazaré em Belém, Lindanor Celina, em seu apartamento e do esposo Serge, em Clamart, na França, reunia os amigos para tocar o hino de Nossa Senhora de Nazaré.

Discorrendo sobre a crônica

Nesta crônica, a autora narra com admiração a beleza e a imensidão do mar. Celina descreve com minúcias as cenas de tudo que observa. A paisagem, a calma ao redor, as pessoas. O olhar da viajante, fascinado com as cenas de Skyros, é suspenso por divagações que remetem à infância da narradora, em Bragança, Marudá-Pará. A narrativa é marcada por uma inflexão introspectiva e nostálgica. Durante o relato de

sua viagem, a narradora vai destacando a paisagem, os quintais que lembram a sua infância, a hospitalidade das pessoas que cruzam o seu caminho remete às lembranças em Bragança. Essas divagações, constantemente rememoradas e presentificadas por Celina, levam-na de volta às suas vivências, à sua Amazônia paraense. A narradora se vale de uma memória que acessa o passado e rememora suas experiências vividas. Para Gonçalves Filho (Novaes, 1988, p. 98), “a memória nos solicita e revigora. Desconcerta, alarga motivação que o tempo acanhou”.

A crônica faz uma conexão entre o cenário grego e as suas memórias vivenciadas em Marudá e em Bragança. A narradora compara a curva da baía e a brisa do mar com as lembranças de sua terra natal, aproximando uma vez mais os dois continentes, pontuando que, mesmo estando muito distante de seu lugar de origem, suas lembranças de lá e de cá se entrelaçam no tecido memorialístico das crônicas:

Marudá depois do almoço, rede armada na varanda, precisão nenhuma de embalar, que disse o vento se encarregava?
— este pretérito é que é o nó...
Também cá as pessoas fazem dádivas, como em Bragança.
Passamos por um quintal - sempre dei a vida por quintais, vergéis. A pereira, gravíssima de frutos pequenos, dourando-se, de maduros. Parei só para olhar, tão bonito era. Mas uma voz lá de dentro:
-Do you like pears?
Entendi? vender? dar?
-Gostar, gosto, mas o que me fez parar, senhora foi a beleza de sua árvore (eu que perdi todas as minhas) (Skyros, verão/75).

Na narrativa apresentada, presente e passado se entrelaçam harmoniosamente. O distante faz-se perto. Embora longe da sua terra, ela continua a (des)fiar o tecido de suas crônicas. As lembranças aproximam os fatos narrados: “A aldeia é num pertolongo...tudo aqui é tão diverso, do antes conhecido”. A narradora fala das conexões que estabelece com as pessoas que encontra em sua estadia em Skyros. A calma, paz e tranquilidade por ela descritas se assemelham à vida bucólica de Marudá, praia do litoral amazônico no Pará. Ainda no decorrer da crônica, a escritora compara a hospitalidade das pessoas que encontra em Skyros com as pessoas que conviveu em Bragança, no Pará. Mais uma vez passado e presente se entrelaçam no tecido memorialístico. Para a memória, distâncias inexistem. Tudo é próximo. Tudo está bem aqui. “Também cá as pessoas fazem dádivas, como em Bragança”. A lembrança de sua terra natal, as frutas colhidas, os quintais de sua infância em Bragança. A narradora registra as falas, os costumes daqui e de lá, aproximando as pessoas da sua região amazônica às pessoas de Skyros. Um registro entremeado de lembranças saudosistas,

uma espécie de divagação identitária. A memória, também, ignora as pontuações temporais. As recordações da infância feliz, sempre embaladas por fios de recordações, ao longo das crônicas vão sendo tecidas, linha a linha, e se espraiam no tempo, reconstroem-se imaginariamente, reforçam sentimentos de pertencimento a lugares, a tempos já idos. As lembranças vêm à memória, que advêm de um passado que a remetem às suas origens paraense, amazônida. “Quem somos depende de quem fomos. No entanto, há uma circularidade importante envolvida aqui: quem pensamos que fomos depende de quem possamos ser” (Burke, 1995, p. 93), ou seja, o passado e o presente estão intimamente conectados, um é reflexo do outro.

A crônica termina evidenciando que gestos de bondade, traços conciliatórios de delicadeza, são possibilidades humanas, independentemente do local onde estejamos. Isso aproxima os homens, tornando-nos mais receptivos, mais solidários, mais humanos. “Estar em terra alheia e receber gesto assim, digo-vos, isto reconcilia qualquer um com a humana raça.”

Crônica - Gentes da aldeia

"Devem ser tuas origens provincianas o gosto pelos matos e a camaradagem imediata que fazes com os caboclos, as criadas de quarto, os *chofers*, os "serviçais", enfim" — disse-me uma vez, esnobando-me, uma amiga paulista quatrocentona. Terá razão.

Uma das alegrias nesta ilha é embrenhar-me pelos caminhos e ir parando, puxando conversa com um, com outro, indagando da vida deles, como é, como não é.

Outra "cachaça" minha: os quintais. Mal tenho entrada numa casa de campo ou de sítio, vou varando para os fundos à procura das árvores.

E se fico algum tempo num lugar desses, já se sabe: uma amizade eu planto ali, não raro de fundas raízes.

Assim desdenhamos muita vez a ida a Mitilene - charmosa, mas sempre é cidade - preferindo adquirir legumes, frutas, ovos diretamente em casa dos aldeões.

Para isso costumamos, à hora do sol mais brando, subir a rampa exaustiva e marginada de beleza que conduz ao vilarejo.

A aldeiazinha é constituída por uma sinuosa ladeira principal, bordada de residências coloridas, com quintais verdejantes e perfumosos, onde aos tomates, beringelas, quiabos, pimentões, misturam-se, numa bonita desordem, dalias, cravos,

jasmins, ah os jasmins da infância (de Bragança e certos bairros de Belém) aqui reachados, com o mesmo intenso, capitoso perfume!

Desse modo fomos dar à chácara da Kiria Maria (dona Maria) e sua filha Zografia, morena de claros olhos de corça e permanente sorriso, que reparte a vida entre a Prefeitura de Mitilene, onde é funcionária, e a ajuda a sua mãe no cuidado da horta e do jardim.

Pela manhã encontramos-la cavalgando urgente uma bicicleta, rumo à repartição; de tardezinha, lá se está, bem moça-da-roça, sentada à sombra das laranjeiras ou debaixo do alpendre, a pelar tomates, enormes, sumarentos, para a conserva, ou tratando das azeitonas, dos pepinos e outros produtos da quinta.

Primeiro encontro com Kiria Maria. Na subida ao povoado notamos o jardim, de todos o mais rico. Bato palmas, um sorriso branco-róseo aparece-me. "A senhora vende legumes?" Ela respondeu mandando entrar, sentar, estar à vontade.

Voltou daí a pouco com um cesto cheio de tomates e beringelas e ainda um saquinho com azeitonas salgadas, indaguei o preço, olhou-me espantada, então eu não via que era um presente? "Mas a senhora conhece-me?" Ai, o caro custo para que aceitasse algo em troca, ter de recorrer à ameaça, se não pago, não me verá mais.

Na segunda vez recebeu-nos com cerimonial de amigos: levou-nos para a sala de visitas, bem arranjada, limpíssima. "Tomam um copo d'água?" A pergunta era pretexto para servir-nos, em bela bandeja de prata, toalha de renda, um doce dourado, fabricação caseira.

Cada vez que lá íamos, era um doce novo, na calda espessa em que os gregos são mestres: figo, abóbora, e um de laranjas verdinhas, minúsculas, delicioso. E cobria-me de flores.

Que mais, na aldeia? Uma mercearia no topo da ladeira, cujo proprietário, pelo menos nas horas do fim do dia, passa o tempo no bar-bilhar próximo.

Quando acontece um freguês, um menino ou uma vizinha corre a chamá-lo e ele vem muito no seu descanso, abre a venda (sortida de um tudo) e atende-nos com calma filosofia. Em frente à taverna, um banco rústico onde pela fresca da tarde vem sentar-se um bando de mulheres de negro, como saídas de um filme de Cacoyannis. Mas não procure ali tragédia que não acha. Luto delas é na roupa. Os rostos, riscadinhos de mil rugas, são só risos, e nos olhos o eterno ar de oferta, desejo de comunicar, ser útil, que o turismo ainda não botou a perder.

Único semblante triste foi precisamente o de dona Maria quando à hora da

despedida abraçou-nos e beijou-nos, com olhos úmidos; único gesto patético o seu, braço imobilizado num adeus, no alto da ladeira, até ver-nos sumir.

(Pelka, Neápolis, Mitilene, Verão/77).

Em seus textos, romances e crônicas, Lindanor Celina destaca a figura marcante do pai, Oscar Shmidlim, retratando-o como um aventureiro e viajante, fala de suas andanças. A figura paterna de Lindanor Celina, confunde-se com a figura do pai da personagem Irene em *A menina que vem de Itaiara*:

Sempre fui assim, solidária com papai, respeito dessa estória. Fascinava-me a lenda daquele pai fujão, jamais concordei em condená-lo por isso, antes me parecia um herói, embarcando, tão menino, numa canoazinha de nada, noite escura, com uns caboclos mal-encarados, rio Maritaquara abaixo. [...] Mamãe zombou, sarcástica: "Pois dou um doce, contigo mesmo é que ela faz o que quer". Com alma nova, agarrei-me a meu pai, prometi, jurei, com ele eu tomaria, todinha, aquela coisa viscosa, horrível' (Celina, 1963, p.13).

121

Oscar Shmidlim, descendente de alemães, é lembrado por Lindanor como um homem culto, de uma educação rigorosa e primorosa. Fez questão que as filhas estudassem em boas escolas. Ele era um comerciante de peixe seco, camarão e outros produtos que eram produzidos na região bragantina. Em *Menina que vem de Itaiara* (1963), a autora mistura ficção e realidade ao narrar as histórias do pai da personagem Irene, Geraldo Sneider, com as histórias do senhor Oscar. Ambos desempenham as mesmas funções comerciais, a venda do peixe, do camarão, a farinha e de todos os demais produtos da região. Geraldo Sneider chegou em terras bragantinas por meio da estrada de ferro, assim como outrora aconteceu com o pai de Lindanor Celina.

Refletindo sobre a crônica

Na crônica, "Gentes da Aldeia", a narrativa gira em torno de mais uma visita/férias na praia de Skyros. Apaixonada pela ilha grega, a autora vai revelando ao leitor um cenário cheio de saudades. Ela descreve a ilha como uma "aldeiazinha", um lugar pequeno, mas de um povo acolhedor. Durante sua estada, vai fazendo amizades "não raro de fundas raízes", descrevendo seus sentimentos e que uma de suas alegrias era conversar com as pessoas, indagar, ouvir e contar histórias da menina bragantina.

Outra “cachaça”, uma de suas grandes paixões eram os quintais, o contato com a natureza que a remetia à infância em terras bragantinas. A beleza dos quintais, o colorido das verduras e o cheiro dos jasmims são lembranças da infância vivida pela escritora em Bragança e em certos bairros de Belém. Uma espécie de resgate memorialístico de suas origens: “devem ser tuas origens provincianas o gosto pelos matos”.

A cronista nos apresenta a cidade, as pessoas e tudo mais que encontra em seu caminho. Sua linguagem simples, a facilidade em se reportar aos fatos do cotidiano e o olhar fascinante de uma viajante apaixonada pela vida aproximam o leitor da ilha de Skyros. A narradora, na espontaneidade de sua subjetividade, circula entre os elos de um passado distante, conduzindo o leitor ao tempo da memória. Em “Gentes da Aldeia”, a narradora reporta com propriedade as cenas típicas dos costumes e dos saberes das cidades do interior.

As conversas com pessoas desconhecidas, as amizades “fáceis e rápidas”, os pomares cheios de frutas que são colhidas e saboreadas *in natura*, os ovos que são juntados nos próprios quintais, o dono da mercearia que abre o comércio e vai jogar bilhar do outro lado da rua e que só retorna para o estabelecimento quando o cliente o chama. A simplicidade de uma cidade pequena, lugar em que todas as pessoas se conhecem, onde a vida flui com naturalidade.

A cronista descreve e valoriza as “coisas pequenas”, a descrição fotográfica e minuciosa do ambiente que a rodeia, a infância recortada em um discurso saudosista, fazendo referência à sua terra natal. Segundo Holderlin (2000, p.40), “difícilmente deixa o seu lugar aquele que habita próximo da origem”. São memórias que levam a narradora para o passado, uma infância vivida em Bragança, em Belém, na Amazônia. É esse olhar da viajante, fascinada pelas cenas que vai descrevendo em suas crônicas que a reconecta com as suas origens.

Na crônica “Gentes da Aldeia”, observamos que a narradora tem um olhar estrangeiro sobre o que observa, mas ao mesmo tempo é um olhar próximo, familiar de quem conhece e que já pertenceu a aqueles ambientes descritos. O pesquisador José Moura Gonçalves Filho, no livro *O Olhar* (1988) organizado pelo escritor Aduino Novaes, traz em seu texto intitulado “Olhar e memória”, uma definição entre esses elementos que segundo ele, são indissociáveis:

[...] a memória expõe, no contraponto, a amabilidade e a brandura ante os sabores, os aromas, as cores, as sonoridades, as formas essenciais de

uma cultura: significantes de uma maneira de ser que a subjetividade e a intersubjetividade compuseram de modo mais ou menos inconsciente e que, como desta vez previne Merleau-Ponty, revoluções ansiosas podem violar: incapazes de suportar os riscos da liberdade, autorizar-se-ão absolutos de negação – recusa indiscriminada de tudo que não foi imediatamente justificado perante grosseiros programas de reforma. A longo prazo, novas opressões quando se pretendia suprimi-las e talvez precisamente porque se pretendia de modo infalível suprimi-las. (Novaes, 1988, p.96)

Lindonor Celina tinha uma verdadeira paixão pelo contato com a natureza. O parisiense tem apego por jardins, por quintais, por cultivar plantas, por ter hortas em casa, gosta do contato com o meio ambiente. Talvez esse seja, portanto, um dos motivos de Lindonor Celina amar tanto Paris. "Essas mangueiras, dentre as árvores do quintal da minha infância, me fazem uma saudade..." (Celina, 1963, p. 77).

As memórias da infância são sempre acessadas para relembrar a saudade que a autora sente de sua terra natal, de sua Amazônia, onde viveu em contato direto com a natureza.

123

Crônica - Adeus, brumosa Paris

Foi uma alegria deixar Paris. Parece blasfêmia? Talvez o seja. Mas era demais. Em pleno julho, e todo mundo tiritando. Temperatura batendo recorde de friúra desde que existe o serviço meteorológico, há mais de cem anos não se registrava uma tal cruviana⁷ no verão (de calendário).

Entrar no avião foi como sair de uma prisão gelada. Olímpic: gosto desta Companhia. Tenho uma certa ternura por ela: primeiro vôo, há dezessete anos, para a terra dos deuses, não foi num Olímpic? Sim, numa dessas aeronaves ouvi, primeira vez, o grego moderno.

E que vôo grato! Três horas, nós as sentimos? Nada. Comeu-se, bebeu-se conversou-se. Um ambiente de...Brasil. Ver uns dos nossos vôos domésticos onde quase toda gente se conhece. E em matéria de coincidência, bom, detesto-as, em romance lei é evitá-las, cheiram mal, literatura de folhetim. Mas ocorrem. Vejam: um avião lotado. Nós sentados nos primeiros lugares (não-fumantes).

Havia de um moço, responsável por um magote, vir pedir-nos a que trocássemos de sítio: no seu grupo, mãe com criança "verde", e só à frente havia espaço para o

⁷ Cruviana: frio, no linguajar de Ajuruteua, Pará, Brasil.

carrinho-berço. Ponderamos: "É que não fumamos." Pois o danado desencavou mais para trás duas poltronas não-fumadores. Que fazer? Cedemos. E bem a meu lado, uma moça. Digam-me de onde? Skyros. Olhe que a Grécia é país de ilhas. E a dona, que se chama Calíope, é justamente nativa da ilha do nosso tanto amor e onde vamos, cada ano, encontrar os azuis, o sol e o calor das amizades que florescem como as figueiras e os olivos.

Meu aviãozinho. Depois de dezessete anos encontro-te como alguém de quem guardo unicamente boa lembrança, alguém que só me deu coisas amenas. Continuas hospitaleiro e generoso. Olhe que sou uma passeadeira. Dinheirinho que gado nesta vida dando aulas ou escrevinhando é para "badalar", furar mundo. Assim conheço, por força, vários tipos de avião. E não é de hoje. Tempo bastante portanto para constatar com tristeza, as mais das vezes, a decadência, o empobrecimento de muita espécie de vôo, que a hora é de crise mundial, cósmica.

Ignoro por que artes esta companhia continua a bem servir: as mesmas pequenas cortesias: papel para cartas, envelopes, cartões-postais, detalhes praticamente inexistentes em outras. E o carinho, a prontidão em atender-nos com graça e simpatia (detesto aeromoça ou *steward* com ar de príncipe).

Pois com tudo isso: Calíope falando de Skyros, convidando-me para um café em sua casa no alto do povoado; a comidinha sadia, o vinho grego que alegria o coração, e já o céu rutilante azul, quando se deu fé, pés em terra... e ôoo que calor delicioso, calor do Brasil, de Belém - calor da Grécia.

(Atenas, Verão/81).

Lindanor viveu intensamente a vida que construiu para si. Rodou a baiana quantas vezes quis: menina pobre, que veio de Itaiara (título do seu primeiro romance, belo como todos os outros), decidiu que seria parisiense. Foi na "cidade-luz" que morreu, quatro décadas depois de lá ter chegado, como auto-intitulada amiga do casal mais famoso do pedaço, Sartre e Simone de Beauvoir. Na França se tornou professora universitária, em Lille, abrindo as portas da Gália à literatura brasileira. Foi nossa embaixadora plenipotenciária nas terras do meu amigo Mitterrand (Françóis, se permite). E conquistou entre os franceses um companheiro sem igual, um autêntico anjo, para sua longa - e às vezes louca - peregrinação desde então, Serge Casha. (Flávio Pinto, 2003, p.10).

João de Jesus Paes Loureiro, escritor paraense, no prefácio do livro *A viajante e seus Espantos* (1988), assim descreve a escritora: "Lindanor Celina é cronista. E eu gosto

de suas crônicas. Nelas, Lindanor é a personagem de si mesma: singela, pitoresca, lírica, reflexiva, emocionada, bragantina, universal" (Loureiro, 1988, p.09).

A vida e a obra de Lindanor Celina, uma mulher tão intensa e dona de si mesma, estão intrinsecamente ligadas uma a outra.

Seguindo os passos da autora

Na crônica, "Adeus, Brumosa Paris", a narradora usa de alguns recursos inerentes à cotidianidade da linguagem paraense para retratar a viagem que fez a Atenas em suas férias de verão. Celina vai descrevendo todo o ambiente, um lugar descontraído, muitas conversas, comidas e bebidas. Para ela, esse espaço assemelha-se a um ambiente bem brasileiro, com pessoas bem hospitaleiras. Durante o voo, encontra uma moradora de Skyros, ilha a que a cronista devota um grande amor, pois é lá que, todos os anos, passa suas férias e por onde denota um amor singular.

125

A "passeadeira", como ela mesma se intitula na crônica, guarda o dinheiro que ganha em suas aulas na faculdade e escrevendo para os jornais, ela usa para "badalar", viajar, conhecer o mundo. A narradora não se prende a ambientes, ela sai em busca de novas aventuras que serão posteriormente contadas em suas crônicas. Com uma linguagem simples e de fácil compreensão, a narradora vagueia pelo mundo das palavras com um total domínio, característica de quem sabe transformar o rotineiro em poesia de mais alto nível.

Em "Adeus, Brumosa Paris", a autora fala do sol forte, (re)lembrando do verão, do calor amazônico, pois somente quem vive ou já viveu na região amazônica consegue saber o que são essas altas temperaturas. No entanto, Celina faz questão de evidenciar esse fato tão significativo em seus textos. A linguagem usada é uma marca certa de identidade de quem narra os fatos e narra com propriedade e precisão, por exemplo no trecho em que ela fala:

Foi uma alegria deixar Paris. Parece blasfêmia? Talvez o seja. Mas era demais. Em pleno Julho, e todo mundo tiritando. Temperaturas batendo recorde de fúria desde que existe o serviço meteorológico, há mais de cem anos não se registrava uma tal cruviana no verão (de calendário). (Celina, 1992, p.75).

"Tiritando", no linguajar paraense, significa que a pessoa está a tremer de frio e "cruviana" é uma estação de frio intenso. Para quem é paraense sabe que essa época de

julho, chamada de “veraneio” é um período de altíssimas temperaturas, é o período do ano de maior incidência de calor, onde as temperaturas batem recordes. A narradora fala ainda da hospitalidade das pessoas que estão no mesmo voo que ela, a conversa fácil, a cortesia das pequenas companhias aéreas, o carinho, a prontidão, a graça e a simplicidade das aeromoças, um ambiente bem brasileiro, de Bragança, de Belém. Em mais uma crônica é possível visualizar o apego da narradora por sua terra natal, por suas raízes, suas lembranças, e especialmente por seu Estado do Pará.

Arturo Escobar em seu artigo *O lugar da Natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós – desenvolvimento?* (2005), enfatiza que os lugares não são simplesmente espaços físicos, uma vez que esses espaços são construídos através de relações sociais e culturais que se desenvolvem ao longo do tempo. Pois o lugar é uma construção social e cultural que envolve a interação entre seres humanos e o ambiente, é um espaço de resistência ao modelo capitalista de intervenção social e cultural.

Em “Adeus, Brumosa Paris”, existe uma narradora que volta ao passado rememorando a linguagem, os ambientes vividos e as experiências adquiridas. A autora detalha um sentimento de pertencimento, as experiências são validadas pelas conexões, pelo trabalho, pelas pessoas que encontra, pelas amizades que faz, criando identidades, raízes profundas com esse espaço, pois existe nela esse sentimento de pertencimento.

126

Crônica - Vou-me embora de Pasárgada

"É o seu último banho" - disse Dimítrios, ao ver-me encaminhar-me para a praia, pelas 10:30.

- Cala-te - retorqui. E fui-me tentando esquecer o que ouvira ou pelo menos não sofrer com isso.

À hora do almoço, Kostas comprazia-se em repetir: "Último dia! Último dia!" Curvo a cabeça sobre o prato, refletindo em quê? Serge, sábio, respondeu aos meus imprecisos pensamentos: "Devemos é estar dando graças a Deus pelos dois meses que nos deu." Sessenta dias, uma fatia de nossa vida.

Lembrei minha amiga Milu Raposo, de Lisboa, quando considera o bom que lhe coube, qualquer: "Isto já ninguém me tira." Outra forma de agradecer?

Maria ofereceu-me um belo vaso skiriano. Recusamos, cheios de pena. Não cabe na valise, e correria o risco de chegar a Paris em cacos. Ela não se conformou e

desencavou dois pratos de parede, idem em porcelana da Ilha, pintados à mão. E forçou-nos a aceitá-los.

Projeto meu pensar em Clamart. Chegar, e logo o olho na caixa do Correio, cartas do Brasil? Este ciclo de Skyros é findo. Remédio e consolo não é lançar-me na esperança, contando os prazos? Ano que vem vou ver meus filhos. Mas para o imediato, perspectiva são os exames de segunda época. A abertura das aulas. Outubro. Em Belém é o Círio. Para mim começa o trabalho árduo, o trem, o Campus.

E novembro com seus crisântemos e seus mortos. Daí mergulha-se noutra animação: Natal. Cannes, o mais provável, conforme a rotina, é lá que vamos, a família, minha família francesa. Houve uma exceção, final 85. Neste saltei a barreira, foi o lançamento do *Estradas do Tempo-Foi*, edição portuguesa.

Quando se vão as festas natalinas, vem a neve. Em geral, ao regressar da Costa Azul, nosso trem é bloqueado pela neve, há atrasos. Lille nem se fala, que ali moram os friúmes.

127

O inverno é de mourejar. O próximo 87/88 deverá ser igualmente de muita escrita: um livro para acabar e dois na cabeça, na agulha. Por qual dos dois iniciar? Meu amado cativeiro (o leitor adivinhou, é Lille) ou o Lembras-te, minha irmã? Nem eu mesma sei. Daí, a Páscoa.

A propósito, Dimítrios falou: "Vem na Páscoa, Celina! É um tempo delicioso! Ano vindouro vão coincidir as duas, a tua, católica, e a nossa, ortodoxa. Venham!" Serge, porém, pertence à Universidade de Paris.

As suas férias dessa época não correspondem às da região norte (a minha). Reina a tentação: vou é a Lisboa, ou a Madri. A Grécia é longe, dinheiro demais para tão curto prazo.

Assim vai decorrendo a minha vida, leitor. E a sua? Conte-me da sua. Deixe-me ver. à hora em que escrevo, final de agosto, em Belém o tempo é firme, quente e belo. Já se pensa no Círio. Tem um pato no quintal? O pato é penhor. Penhor de uma alegria. Um dia. Cansaço feliz depois da romagem. Banho: Tucupi cheirando. "Não põe muita pimenta." - "Pra mim com bem pimenta." - "Esse pato estava gordo..."

Mas por que o "depois"? Se estamos no "antes", na espera, que é o melhor da Festa. Leitor: não se ria de mim. Ou ria, se quiser. Aliás é bem possível que esta crônica seja publicada num período outro distante de todas essas datas. Não importa. De qualquer forma, faça-lhe um pedido: Quando for ao Círio e vir passar a Berlinda (vai na corda?, admiro-lhe o arrojo e a fé maior que a minha), se se lembrar, diga a Ela,

diga-lhe: "Mãe, ajude a Lindanor, que há 15 anos não vê um Círio." Promete?

(Skyros, 26 de agosto de 1987. Debaixo do céu mais azul deste mundo, as cigarras cantando desadoradas).

Serge Casha, Doutor em Letras pela Universidade de Sorbonne e professor de Literatura Brasileira na Universidade de Nanterre, França, com ele, Lindanor Celina dividiu a vida por mais de 30 anos. Ficaram juntos até a morte da escritora, em Clamart, arredores de Paris, em 04 de março de 2003.

Discorrendo sobre a crônica

Na última crônica do livro *Diário da Ilha* (1987), a narradora começa seu texto referindo-se, intertextualmente, ao poeta Manuel Bandeira⁸, encontramos: “Vou-me embora de Pasárgada”. Celina descreve como foi deixar Skyros após sessenta dias de férias, uma despedida difícil e dolorosa, pois ela ama o período que anualmente passa na ilha. Mesmo lamentando que esse período seja rápido, já sai da ilha planejando seu retorno nas próximas férias. No entanto, a saudade dos filhos é intensa e a cronista promete que nas próximas férias virá ao Pará para visita-los, rever os amigos e “matar” a saudade de sua terra natal. A autora recorda que está escrevendo essa crônica no final de agosto, período durante o qual se vive no Pará o verão amazônico, tempo de altas temperaturas e de uma paisagem exuberante.

Nessa época do ano, o Pará se prepara para viver a maior manifestação de fé do povo paraense, o Círio de Nazaré, uma manifestação cultural e religiosa do Estado: outubro. Em Belém é o círio. As lembranças da narradora vêm à tona em um misto de saudades e lembranças sensoriais, como o “cheiro” do pato no tucupi, comida típica da região. Os sabores e as reuniões familiares que acontecem nesse período são lembranças vivas na memória da narradora.

A crônica se encerra com o pedido da autora, caso o leitor vá acompanhar as festividades do Círio, que faça uma prece por ela. “Quando for ao Círio e vir passar a Berlinda (vai na corda? admiro-lhe o arrojo e a fé maior que a minha), se se lembrar, diga a Ela, diga-lhe: "Mãe, ajude a Lindanor, que há 15 anos não vê um Círio." Promete?’

Mais uma vez a criatividade apurada de quem sabe fazer uso as palavras, a

⁸ Manuel Bandeira foi um dos mais importantes escritores da primeira fase do Modernismo brasileiro.

habilidade da jornalista em reportar os fatos ganham o brilho e leveza. A narradora está no berço das divindades gregas, mas sem jamais esquecer e reportar do imaginário amazônico, das linguagens e dos costumes vivenciados no Pará. Nesse contexto literário, observamos como a Amazônia ultrapassa o regional para dialogar com questões universais. De acordo com João de Jesus Paes Loureiro (2015, p. 121), “na Amazônia as pessoas ainda veem os seus deuses, convivem com seus mitos, personificam suas ideias e as coisas que admiram”.

Na crônica lida, observamos que toda sua estada pela Europa, não oblitera na cronista o esquecimento de suas origens, muito pelo contrário, as lembranças da sua terra de origem, a referência ao Estado do Pará, as manifestações religiosas e culturais são registradas de forma emotiva e poética. Segundo o escritor paraense Dalcio Jurandir (1996, p. 10), “Lindonor Celina incorpora-se ao pequeno grupo de escritores paraenses que não desgarram da província e juram amor constante àquelas criaturas e coisas sempre tão ignoradas e remotas, que são o Pará.”

Considerações finais

Se a memória e imaginação são instâncias psíquicas distintas e a imaginação parece sempre a mais sedutora e misteriosa das faculdades da consciência, é inegável que haja entre elas total interação e interdependência, assim como também entre os sentimentos e a emoção que constituem o vivido (Silva, 2022, p.76).

O trabalho de leitura e releitura bibliográfica desenvolvido nesta pesquisa revela como a vida da escritora Lindonor Celina e os relatos da narradora estão intrinsecamente entrelaçados nas crônicas. Nesse processo criativo, a vida de Lindonor Celina e da narradora das crônicas do *Diário da Ilha* (1992) se fundem, se interseccionam, se interlaçam. As crônicas, mais que lembrar, exaltam a nossa cultura, os modos dos nossos falares, os saberes e as particularidades dos lugares da Amazônia, onde a escritora viveu.

Neste trabalho, analisamos a partir das cinco crônicas selecionadas, como essas narrativas estão permeadas pela memória, pelo saudosismo. A comparação, ou

aproximação entre espaços distintos é uma característica do estilo utilizado por Lindanor Celina nas crônicas aqui abordadas. O espaço e também o tempo, são, sabidamente, aspectos basilares e estruturantes do texto literário. As distâncias mencionadas nos textos são apenas físicas, uma vez que, tanto para a narradora, como para nós leitores, elas não existem; pelo contrário, é por meio desses textos que podemos observar a aproximação entre a Europa e o Brasil. As narrativas entrelaçam passado e presente, permitindo que o leitor atento observe os pormenores, as minúcias trazidas pela narradora. Os relatos das crônicas reavivam a memória da narradora, interligando e unificando passado e presente.

Nas crônicas de Lindanor Celina, é impossível não perceber nas minúcias o cuidado na seleção dos pormenores que caracterizam as experiências cotidianas da narradora. As narrativas, repletas de elementos memorialísticos, evidenciando traços identitários e lembranças de uma viajante encantada com cada descoberta, com cada viagem e lugares visitados, contagia o leitor. São registro emotivos de uma cronista que deixa seus sentimentos resplandecer em seus escritos. Os saberes da região amazônica surgem, aqui e acolá, esmiuçados e entrelaçados na tessitura das crônicas. O mundo é tecido entre os acontecimentos vividos na Amazônia e a vida na Europa.

130

Referências

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1972.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BURKE, P. *A Arte da Conversação*. São Paulo: UNESP, 1995.

CAMPOS, Ápio. In. *Diário da ilha: crônicas*. Belém: CEJUP, 1992.

CAMPOS, Ápio. Diário da Ilha. *Revista Sentido da Cultura*, Belém: UEPA, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/sentidos/article/view/1462>. Acesso em: 30 maio 2025.

CELINA, Lindanor. *Diário da Ilha*. Belém: CEJUP, 1992.

CELINA, Lindanor. *Menina que vem de Itaiara*. 1ª ed. Belém: CEJUP, 1963.

CELINA, Lindanor. *Menina que vem de Itaiara*. 3ª ed. Belém: CEJUP, 1996.

GONÇALVES FILHO, J. M. Olhar e Memória. In: NOVAES, Aauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 95-124.

HÖLDERLIN, F. *Hinos tardios*. Trad. De Maria Tereza Dias Furtado. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000 (edição bilíngüe, português-alemão).

JURANDIR, Dalcio. Prefácio da 3ª edição. *Menina que vem de Itaiara*. Belém: CEJUP, 1996.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana Sálvia. *O Que é Imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 2003. Coleção primeiros passos, nº 309.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 1992.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. As crônicas de Lindanor (prefácio). In: CELINA, Lindanor. *A viajante e seus espantos*. Belém: Cultural CEJUP, 1988.

PINTO, Lúcio Flávio. Lindanor Celina: mulher ao plural. *Jornal Pessoal*, ano XVI, nº 299, abril de 2003, p. 10.

SAUDADE. In: AURÉLIO, Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2023. Disponível em: www.dicio.com.br. Acesso em: 30 /12/ 2025.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. “Gaston Bachelard e o espaço: fenomenologia e ontologia como poéticas do vivido”. *Revista Caminhos de Geografia*. Uberlândia v. 24, n. 94 ago./2023 p. 67–78, 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/65783>. Acesso em: 30 maio 2025.

A construção do sujeito diaspórico no romance *A hora da história*, de Thrity Umrigar

Anna Carolina Maia da Silva Teixeira¹

Introdução

[...] señores: el hombre no es esclavo ni de su raza, ni de su lengua, ni de su religión, ni de los cursos de los ríos, ni de la dirección de las cadenas de montañas. Una gran agregación de hombres, sana de espíritu y cálida de corazón, crea una conciencia moral que se llama una nación.

Ernest Renan

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman concedeu uma entrevista a Benedetto Vecchi na qual discorre sobre a temática da “identidade no mundo líquido pós-moderno”. O autor argumenta que neste mundo, onde tudo é ilusório, é projetada no indivíduo uma sensação de deslocamento, de não pertencimento à sociedade, criando o que ele chama de “corrosão de caráter”, como mostra a passagem a seguir:

No entanto, a 'corrosão do caráter' que figura de maneira tão proeminente nas obras mais recentes de Bauman é simplesmente a manifestação mais marcante da profunda ansiedade que caracteriza o comportamento, a tomada de decisões e os projetos de vida de homens e mulheres na sociedade ocidental” (Bauman, 2004, p. 11).

Esta corrosão ocorre através do que o autor chama de “repartição do estado de bem-estar”, que seria o crescimento da insegurança que a busca pela flexibilidade do local de trabalho tem criado na sociedade. Tais condições são criadas pelo esvaziamento da democracia e a privatização do que é público pela

¹ Mestranda em Estudos Literários do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UERJ. E-mail: annacarolinamaia1@gmail.com.

classe alta, transformando a sociedade moderna em um ciclo de injustiças e falta de liberdade sentido somente pelas classes baixas.

Bauman (2004) chama atenção também para o processo conhecido como “*gilded cosmopolitanism and seductive mobility of the global elites*” - cosmopolismo dourado e a mobilidade sedutora das elites -, em que há um contraste entre a elite que se movimenta no mundo globalizado e a miséria daqueles que não conseguem ou não podem escapar da dimensão local, sendo estes, “marginalizados pela globalização”. Segundo o autor, em uma sociedade onde a cultura, as questões sociais e a sexualidade tornaram-se fluídas, a convenção social de moldar identidades não passaria de “extrema indiferença bibliográfica”. Para ele, estas discussões acerca da identidade têm a ver com os colapsos sentidos nas instituições sociais como: família, cultura, religião e identidade social.

O teórico argumenta ainda que alguns estudiosos que avaliam os efeitos do pós-colonialismo na sociedade entendem a reafirmação da identidade como um processo contínuo e que, ao redefini-la, estariam também redefinindo a si mesmos, reinventando a própria história enquanto sociedade. Bauman chama isso de “ambivalência da sociedade”: a nostalgia do passado em consonância com a modernidade. É uma tentativa de amortecer os efeitos causados pela globalização, por meio da qual seriam reinventados os laços da sociedade sólida e estável.

Stuart Hall (1992) analisa este processo de fragmentação da identidade como um tipo diferente de mudança que a sociedade moderna sofreu. Em que as “estruturas e processos centrais” da sociedade e os quadros de referência dos indivíduos, como a religião, a família e a segurança de viver em comunidade, foram abalados, não tendo mais a “ancoragem” do mundo social. Estas transformações saíram das instituições da sociedade e atingiram o indivíduo moderno, sua identidade pessoal, mudando as ideias que se tem de si mesmo, causando o que o autor chama de “crise de identidade”.

Assim como Bauman, Stuart Hall entende que a sociedade moderna e seus indivíduos sofreram um “deslocamento” dessas instituições e que a identidade hoje é fragmentada. Mudou-se a visão de “identidade sociológica”, onde o sujeito projeta a si mesmo nas identidades culturais, internalizando seus significados e normas, para aquela em que o indivíduo possui não uma, mas várias identidades,

que ele foi assimilando a partir do contato com um mundo “globalizado”. Para Hall, este processo ao qual projetamos a identidade cultural tornou-se mais “provisório, variável e transitório” dialogando diretamente com o conceito de Zygmunt Bauman, que apresenta a identidade como fluída.

Stuart Hall entende a identidade como algo que não é definida biologicamente e, sim, historicamente. “a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas que nos rodeiam e definida historicamente, e não biologicamente” (Hall,1987). Bauman diz que há uma “ficção de natividade de nascimento” que serviria para legitimar no indivíduo a subordinação incondicional perante o Estado. Criando nele a “obrigação” de cumprir o destino do Estado como nação. Para ele, se não fosse este poder de “agregar, separar, segregar e classificar” que a Nação tem, as tradições locais, dialetos, leis e modos de vida se perderiam diante de tantas mudanças. Ele chama este monopólio estatal de “identidade nacional” e seria aquilo que nos exige fidelidade exclusiva, criando uma barreira entre o “nós” e os “outros”.

A argumentação dos dois teóricos se faz necessária à reflexão sobre a condição do imigrante, sujeito das diásporas contemporâneas, que habita um entre-lugar de onde negocia sua identidade entre duas culturas.

Este artigo tem como objetivo analisar o romance *A hora da história*, de Thrity Umrigar, na perspectiva da relação entre identidade e memória focalizando, em particular, a reconfiguração identitária da protagonista, uma imigrante indiana que vive nos Estados Unidos, a partir de sua interação com a psicóloga afro-americana Maggie.

A hora da história: **entre gênero e raça**

A hora da história, publicado em 2014 e considerado um *best seller*, retrata a relação de amizade e a busca pelo pertencimento de duas mulheres que fazem parte de grupos minoritários: uma psiquiatra negra e sua paciente, uma imigrante indiana. A partir da tentativa de suicídio de Lakshmi, a vida das personagens se entrelaça, pois, Maggie é a psicóloga encarregada de atendê-la no período de internação no hospital. O atendimento ocorre a pedido do diretor do

hospital, segundo ele, por elas terem algo em comum: o fato de ambas serem casadas com indianos:

- Ah, Maggie? Mais uma coisa. Só uma informação: ela é indiana. Achei que deveria saber disso. Pode ser que, você sabe. Seja útil ou qualquer coisa assim. Até segunda” [...] É claro, esse foi o verdadeiro motivo pelo qual Cummings pediu para que ela ajudasse: porque era casa com Sudhir. Ela já devia saber disso. Depois de todos aqueles anos de trabalho no hospital, apesar de ser a melhor psicóloga da equipe, quando Cummings a via, ainda enxergava a mulher negra casa com um imigrante indiano que dava aulas na universidade. [...]

Será que os brancos acreditavam em algum tipo de solidariedade primitiva entre todas as pessoas com outra cor de pele? (Umrigar, 2014, p.22)

De acordo com Avtar Brah (2006), o “eticismo” é um conceito segundo o qual as experiências dos grupos minoritários definem-se em termos “culturais”, ou seja, por meio das “diferenças étnicas”, sendo estas a base para a constituição da vida social desses indivíduos. Segundo a autora “isso significa que se supõe que um grupo identificado como culturalmente diferente é internamente homogêneo, quando esse, patentemente, não é o caso”. Esses discursos impõem “noções estereotipadas de “necessidade cultural comum” sobre grupos heterogêneos com aspirações e interesses sociais diversos” (Brah, 2006, p. 337). No romance, Cummings generaliza a experiência dos indianos, ignorando suas individualidades, ao mesmo tempo em que desvaloriza a capacidade de Maggie, que sequer é mencionada quando ele a designa como psicóloga de Lakshmi.

Em sua obra, Umrigar utiliza os “pré-conceitos” das personagens para trazer à pauta de discussão alguns dos marcadores sociais da diferença. Entre eles está o marcador de raça, evidenciado até mesmo no modo como os imigrantes veem Maggie por ela ser negra;

Levo um susto e levanto a cabeça e então fico chocada quando vejo uma cara preta. Nunca fiquei tão perto de uma pessoa preta antes. Fico com medo e penso em fazer xixi na camisola [...] Marido sempre diz pra não confiar em preto. Eles mentem e enganam, ele diz. Vão roubar a caixa registradora se você olhar para o lado só por um minuto [...] lembro o que marido diz: Os pretos vão abrir um sorriso doce de bebê antes de dar uma facada em você e roubar o seu dinheiro [...] eu não falo nada, mas fico pensando. Homem indiano nunca casa com preta. Vou contar para o marido na visita amanhã (Umrigar, 2014, p.29).

Segundo Devulsky (2021), a “hierarquização racial” é um mecanismo utilizado para indicar traçar reações e impor lugares, em outras palavras, o tom de pele quanto mais retinto for, maior será à distância deste sujeito na sociedade. Ainda segundo a autora, na Índia essa hierarquização racial se faz presente e, assim como, em outras nações anteriormente colonizadas, também impõe limites à mobilidade e ascensão social, como mostra a passagem a seguir: “A cor da pele é associada ao lugar de pertencimento do indivíduo, interferindo materialmente em todos os aspectos da vida em uma sociedade predominantemente hindu” (Devulsky, 2021, p.21)

Considera-se preconceito toda ação e atitude negativa em relação a membros de determinados grupos sociais. Segundo Fiske (1998), tal comportamento dirigido a estes membros apresenta um componente cognitivo, um afetivo e um comportamental. O campo cognitivo diz respeito aos estereótipos e crenças a respeito de atributos negativos tornando-os “característica” de determinado grupo social. O afetivo se desenvolve em relação aos sentimentos e avaliações, configurando-se, assim, o preconceito propriamente dito, e o comportamental é a tendência a prática de atos hostis, perseguições, aos membros destes grupos minoritários.

O romance mostra claramente como os estereótipos se propagam. Quando, algum tempo mais tarde, Lakshmi se torna amiga de Maggie e esta a ajuda a se tornar independente profissionalmente, Adit, o marido da protagonista, se revolta, referindo-se à psicóloga preconceituosamente:

- Eu devo a ela? – Voz do marido é tão alta quanto a minha. – Eu? O que aquela nega fez por mim? Ela enchendo a cabeça da minha mulher com pensamentos grandes metidos à besta. Ela tentando romper meu...[...] – Não chama ela de nega. Isso... é um insulto! A sua própria pele mais escura que a da Maggie. O nome dela...chama ela do jeito certo. “afro-americana” é o jeito certo [...] Você acha que só porque tem alguns empregos de faxina, porque dirige carro e ouve aquela fita idiota para aprender a falar inglês direito você agora *memb sahib* americana? Que agora pode ensinar seu marido a falar? (Umrigar, 2014, p. 184).

Dentre as muitas possibilidades da prática do preconceito em relação a grupos sociais temos também o que chamamos de “sexismo”, que são atos discriminatórios vinculados ao gênero, um resquício da cultura patriarcal e

colonial que legitima a desvalorização do sexo feminino apoiando-se em instrumentos legais e sociais.

De acordo com Fiske e Glick (1995) existem três componentes que constituem e contribuem para o sexismo são eles: o paternalismo, heterossexualidade e a diferenciação de gênero. Estes três conceitos seriam responsáveis pela elaboração de duas facetas do preconceito em relação as mulheres: sexismo hostil e benevolente. A primeira diz respeito ao comportamento de antipatia ao gênero feminino e suas características vistas como inferiores, enquanto a segunda faceta está em tratar o sexo feminino com amabilidade e proteção. Tal antipatia acontece a partir da defesa de uma ideologia patriarcal onde a supremacia e dominação masculina reforçam os papéis sociais e os estereótipos associados a tais papéis. O segundo, embora expresse um olhar positivo e uma ação protetora, seria a afirmação dessa ideologia em que a mulher é reduzida à função de reprodução biológica e inferiorizada em relação ao homem devido ao seu gênero.

137

De tal modo, é possível perceber no romance *A hora da história* a presença destas duas facetas do sexismo em relação as personagens femininas. Vale destacar, que tal visão patriarcal parte não só do marido de Lakshmi, como também, da própria. Ao questionar a personagem o porquê de ter atentado contra a própria vida, o marido utiliza o seguinte argumento: “– Por que você fez coisa ruim? Eu dou tudo: comida, sáris, casa... É assim que você paga? Fazendo suicídio? (Umrigar, 2004, p.45)”. Essas perguntas demonstram que, na perspectiva de Adit, que as condições mínimas de sobrevivência seriam motivo suficiente para que ela sentisse grata.

Por outro lado, é possível perceber que o discurso patriarcal e de subserviência está imbricado no agir e pensar da personagem Lakshmi quando esta questiona Maggie sobre seus “afazeres como esposa”:

- Madame, você cozinha comida indiana fresca para seu marido? Maggie abriu um sorriso triste.
- Eu gostaria, mas receio que meu marido cozinhe a maior parte das refeições. Um olhar desconfiado surgiu no rosto de Laskhmi.
- Então, madame. Marido não fica irritado por você diz não para comida de casa indiana? (Umrigar, 2004, p. 69).

Lakshmi tem dificuldade para compreender o comportamento de Maggie devido à naturalização da subalternidade feminina na sociedade indiana.

Lakshmi: uma boa contadora de história

O romance apresenta dois narradores sendo um narrador-personagem (autodiegético) representado por Lakshmi e o narrador onisciente (heterodiegético) que é responsável por narrar em terceira pessoa todos os eventos que ocorreram além da perspectiva da protagonista.

É importante destacar que a narrativa autodiegética se embasa nas memórias da narrador-personagem trazendo uma visão subjetiva do tempo em uma dinâmica de voltar ao passado e relembrar acontecimentos vividos. O contrário ocorre quando o narrador é o heterodiegético que apresenta uma organização do tempo mais objetiva e precisa, geralmente cronológica.

Segundo Oliveira (2021, p.32.), a função deste retorno (que chamamos de analepse) é “pontuar uma série de características de sua personalidade” como uma explicação para os traços comportamentais da personagem, que muitas vezes fora estimulado pelo ambiente de sua criação. Torna-se importante destacar que a narração a partir do que se passa na mente de uma personagem, promove uma oscilação temporal entre presente e passado, como mostra a passagem a seguir em que a protagonista retorna mentalmente à casa paterna:

Alguma coisa mágica acontece. Parecia que eu voei. Voei para fora dessa sala em Cedarville, sobre as montanhas, sobre o rio, voei como passarinho ou como Air Índia, até ficar sentada na frente da casa do meu Dada [...] Mas agora eu pego o avião da Air Índia de volta para o anexo de Maggie (Umrigar, 2004, p.94).

Por meio da voz de Lakshmi, o leitor descobre que a sua tentativa de suicídio se deveu a uma intensa sensação de deslocamento e à falta de afeto. Desprezada pelo marido, ela voltou sua atenção para um cliente do restaurante, Bobby, que a trata com respeito e consideração. Quando ele lhe disse que estava mudando para outra cidade, a protagonista voltou a sentir o peso da solidão, optando pelo suicídio:

Eu não disse: Nesse país frio onde eu não tem nenhum amigo nem conhecido, é só você que sorri para mim, que fala como eu

sou uma pessoa e não lixo [...] não tenho medo de morrer. Só medo de ficar sozinha depois de morrer [...] se o inferno é todo quente, lotado e barulhento como o pastor diz na tv, então eu não ligo porque vai ser igualzinho na Índia. Mas se o inferno é frio e silencioso, com um monte de neve e árvore sem folhas e pessoas que sorri com os lábios tão fininhos que nem pedaço de barbante, então eu fico com medo. Porque vai parecer muito com a vida na América (Umrigar, 2014, p. 12).

O ambiente em que Lakshmi vive nos Estados Unidos contrasta com o acolhimento familiar típico das famílias indianas, e o processo natural de negociação entre culturas é dificultado pelo marido, que a isola, impedindo tanto o contato com os familiares quanto a conexão com outras pessoas além das que trabalham com ela no restaurante.

Segundo, Roland Walter (2009), os sujeitos que fazem parte de uma diáspora “compartilham uma dupla se não múltipla consciência e perspectiva, caracterizadas por um diálogo difícil entre vários costumes e maneiras de pensar e agir [...] habitam línguas, histórias e identidades que mudam constantemente” (Walter, 2009, p. 41). O marido de Lakshmi a impede de vivenciar a experiência migratória por completo, dificultando a sua integração à sociedade estadunidense.

O que de fato aproxima Lakshmi e Maggie é a sensação de inadequação de ambas, Conforme Oliveira e Carreira sinalizam:

Embora tenha nascido nos Estados Unidos e tenha uma história de vida completamente diferente daquela da sua paciente, Maggie não vê Lakshmi apenas como uma imigrante. Não só porque a cultura indiana passara a fazer parte de sua vida desde o casamento com Sudhir, como também, e principalmente, pelo fato de que, de alguma forma, aquela mulher lhe lembra sua sensação de inadequação, de estranhamento em relação ao seu próprio meio. Essa percepção avulta à medida que o tratamento prossegue” (Oliveira, Carreira, 2019, p. 275).

Por outro lado, o contato de Lakshmi com Maggie e seu marido, Sudhir, mostra um outro lado de sua herança cultural, o rígido sistema de classes na Índia:

Essa era a segunda vez que Sudhir se referia a Lakshmi como “a menina”. Maggie sabia que aquilo que era algum vestígio do sistema de classes indiano, aquele julgamento automático, inconsciente, realizado pelos indianos de classe média: uma camponesa como Lakshmi, que falava inglês deficiente e

trabalhava em uma mercearia étnica, era automaticamente uma inferior, detentora de um *status* vagamente mais elevado do que das domésticas que trabalhavam na residência deles na Índia. Até mesmo Sudhir, que era tão relaxado e indiferente a esse tipo de coisa – na Universidade de Nova York ele interagiu, animado, com colegas de diferentes etnias, nacionalidades e classes sociais, até mesmo alunos que já estavam no mestrado -. Aparentemente não estava imune a se referir à aquela mulher cuja comida ele acabara de degustar como “a menina” (Umrigar, 2014, p. 93).

Segundo Carreira (2024), os imigrantes indianos que chegam aos Estados Unidos são em sua maioria pessoas pertencentes a classes sociais privilegiadas em seu país de origem e, como tal, têm condições financeiras de cursar universidades e fazer cursos de pós-graduação, além, é claro, de ter tido acesso a uma educação de qualidade na Índia, muitas vezes tendo aulas em língua inglesa.

De acordo com Mishra (2016), houve dois movimentos migratórios na Índia que ele denomina a diáspora exclusiva do capital colonial, quando os primeiros trabalhadores indianos começaram a migrar, e a nova diáspora de fronteira do capitalismo tardio, ocorrida por volta de 1960, marcadamente profissional em que médicos, engenheiros, cientistas e, posteriormente, profissionais de TI saíram da Ásia para trabalhar em outros países e contribuir com a economia local (Mishra, 1996). Lakshmi representa uma outra fase, mais recente, da imigração indiana, em que pessoas das classes mais baixas também buscaram tentar a sorte em outro país.

140

As faces da identidade

Para compreendermos a transformação identitária de Lakshmi, faz-se necessário uma breve exposição daquilo que Hall (2003) chama de “identidade nacional, identidade cultural, hibridização ou transculturação”.

O sujeito diaspórico é aquela que vive longe de sua terra natal, mas que sua identidade cultural está viva na sua língua, religião e costumes. Ainda segundo o autor, é uma concepção fechada de tribo, em que há um "cordão umbilical", ao qual chamamos de tradição, que mantém o sujeito fiel às suas origens.

A identidade está ligada, portanto, ao sentido de "pertencimento", à memória étnica, à cultura, às tradições. O que nos define como pertencentes a um lugar é a representação da nação da qual fazemos parte. A identidade nacional está relacionada ao que Benedict Anderson (2008) chama de "comunidade

imaginada”. Vivendo em um país cuja cultura é muito diferente da sua, Lakshmi se sente fora de lugar, alienada dos seus referentes culturais. É com tristeza que ela confessa: “— Eu sou sozinha — digo. — Eu não tenho relação com família neste lugar. Eu sou sozinha” (Umrigar, 2014, p. 44).

Ao pensar a identidade cultural na diáspora, Hall nos apresenta um processo sofrido pelos migrantes que vem para a metrópole, o hibridismo, que acontece no que o autor chama de "zona de contato", onde minorias étnicas convivem com a cultura majoritária e cruzam seus traços culturais. Percebe-se com isso, que, após a experiência diaspórica, os migrantes sentem dificuldade em se reconectar a sociedade de origem.

É possível perceber este processo de hibridismo acontecendo gradualmente com a personagem Lakshmi a partir do seu contato mais íntimo e constante com Maggie e Sudhir.

A subalternidade feminina típica da cultura indiana é potencializada pelo marido de Lakshmi, que a trata como uma empregada, porém sem remuneração:

141

Até a casta mais baixa dos fazendeiros dalits tem algum dinheiro só deles. Mas eu mulher pobre de um homem de negócios rico. O marido gasta quarenta e cinco dólares toda semana com garrafa de uísque. Ele trata os amigos de jogo de carta com comida de graça. Marido pobre só quando fica perto de mim. Eu trabalha como um cachorro no restaurante dele, na loja, mas sem salário (UMRIGAR, 2014, p. 88)

A psicóloga apresenta à imigrante novas possibilidades para além da que vivia anteriormente, ou seja, trabalhar incansavelmente no restaurante-mercearia do marido sem ter nenhum retorno emocional e financeiro:

— Ouça — ela disse. — Estive pensando. Tem todas essas pessoas pedindo para que você cozinhe para elas. Aposto que algumas delas também precisam de uma faxineira. Você podia...— Você acha, Maggie? — Lakshmi parece estar sem ar, o que fez Maggie rir. Ela é tão jovem, a terapeuta pensou. Às vezes se esquecia de que Lakshmi estava no início da casa dos trinta. Com toda uma vida pela frente. — Acho. Mas o que estou pensando é o seguinte: você vai ter que aprender a dirigir, Lakshmi. Sua vida se tornará muito mais fácil se você souber guiar um carro (Umrigar, 2014, p.161)

O sucesso profissional de Lakshmi encontra resistência em seu marido:

[...] Toda semana eu limpo quatro casas, incluindo a da Maggie. Pelo menos cinco, quatro vezes por mês eu sirvo comida. Às vezes, eu preparo comida na cozinha do nosso restaurante [...] Como vou para os trabalhos? Vou contar. Eu dirijo [...] Eu sinto mais medo de ficar em casa sentada, de trabalhar na loja e no restaurante do marido, de estar morta por dentro como eu era durante cinco anos. Marido não está feliz com minha nova vida, mas ele feliz com dinheiro sem esforço que eu dou pra ele (Umrigar, 2014, p. 129).

A integração cultural não envolve apenas o comportamento dos imigrantes, mas também a linguagem. No romance, o marido de Lakshmi, em sua perspectiva patriarcal e autoritária, reage mal à transformação identitária da personagem:

Wah, wah, Lakshmi. Você acha que só porque tem alguns empregos de faxina, porque você dirige carro e ouve aquela fita idiota para aprender a falar inglês direito você agora membsahib americana? Que agora pode ensinar seu marido a falar? (Umrigar, 2004, p.184)

De acordo com Carreira (2004), John Berry teorizou sobre um modelo bidimensional de aculturação que pode ocorrer de quatro maneiras:

[...] integrativa, quando o ele mantém os valores étnicos originais, e boas relações com o grupo majoritário; de separação, quando o indivíduo opta por manter seus valores étnicos, sem procurar estabelecer relações favoráveis com a comunidade dominante; de assimilação, que implica o abandono da própria identidade cultural em favor da comunidade dominante; e de marginalização quando há a perda total da identidade cultural e a ausência de integração com a comunidade (Carreira, 2014, p.1).

A adaptação de Lakshmi à cultura estaduniense é integrativa, pois ela não abandona sua cultura natal, mas negocia com a cultura da sociedade de acolhimento para ter oportunidades que anteriormente lhe eram negadas.

Considerações finais

O romance *A hora da história*, como outros romances de Thrity Umrigar, aborda a temática da imigração. Entretanto, focaliza também a relação entre gêneros e o preconceito racial. Ao construir duas personagens de diferentes grupos étnicos que compartilham até certo ponto um sentimento de não

pertencimento, a autora traz à baila questionamentos acerca do modo como a discriminação afeta as identidades.

Lakshmi vivencia a exclusão em seu próprio grupo social devido ao seu gênero. É discriminada pelo marido, intelectualmente menosprezada e intensamente controlada. A falta de afeto e o isolamento decorrente da vida em um país estrangeiro atingem dimensões avassaladoras que a levam a tentar o suicídio. Em Maggie, também pertencente a um grupo étnico discriminado socialmente, a protagonista encontra uma ancoragem que se transforma em amizade. É com esse suporte que a reconfiguração identitária de Lakshmi se inicia.

A independência econômica, arduamente conquistada, ocorre em paralelo à independência emocional e afetiva. Quando começa a respeitar e valorizar a si mesma, Lakshmi encontra seu lugar no mundo.

Referências

143

ANDERSON, Benedict. *Imagined communities*. Londres: Verso, 1983.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Identity: conversations with Benedetto Vecchi*. [S.l.]: [s.n.], 2004.

BRAH, Avtar. Difference, diversity, differentiation. In: BRAH, Avtar. *Cartographies of diaspora: contesting identities*. London; New York: Routledge, 1996. Cap. 5, p. 95-127.

CARREIRA, Shirley de S. G. Modos de estar em terra alheia: representação de imigrantes indianos em *A hora da história*, de Thrity Umrigar. In: OLIVEIRA, Luiz Manoel da S.; OLIVEIRA, Paulo César S.; CARREIRA, Shirley de S. G. *Literatura e diversidade: múltiplos olhares*. São Gonçalo: Poéticas da Diversidade – UERJ, 2024.

FISKE, Susan T. Stereotyping, prejudice and discrimination. In: GILBERT, D. T.; FISKE, S. T.; LINDZEY, G. (orgs.). *The handbook of social psychology*. 4. ed., v. II. Boston, MA: McGraw-Hill, 1998. p. 357-411.

FISKE, Susan T.; GLICK, Peter. Ambivalence and stereotypes cause sexual harassment: a theory with implications for organizational change. *Journal of Social Issues*, v. 51, p. 97-115, 1995.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. 1. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MISHRA, A. K. Diaspora, development and the Indian state. *The Round Table*, v. 105, n. 5, p. 487–496, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00358533.2016.1246859>. Acesso em: 24 ago. 2025.

OLIVEIRA, Luiz Manoel da S.; CARREIRA, Shirley de S. G. Migrações, especularidade e sororidade: as trajetórias empoderantes das protagonistas de *A hora da história*, de Thrity Umrigar. *Solettras*, n. 38, p. 263-286, 2019.2.

WALTER, R. Mobilidade cultural: o (não-)lugar na encruzilhada transnacional e transcultural. *Interfaces Brasil/Canadá*, n. 8, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/interfaces/article/view/6960>. Acesso em: 24 ago. 2025.

Cadernos de Literatura e Diversidade é uma série destinada à divulgação de resultados de pesquisas realizadas por discentes cujo objeto de investigação são as representações da diversidade no discurso literário.



ISBN 978-65-83495-05-1